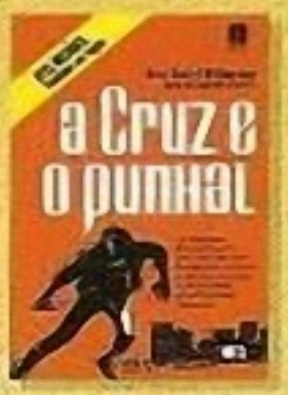
Clássicos Betânia

A história de um homem que lutou sozinho contra a violência, as drogas e o crime, usando a arma mais poderosa que existe — o amor de Deus.



Editora Betânia

A Cruz e o Punhal

David Wilkerson

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.link*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



David Wilkerson

A Cruz e o Punhal



Formatação ePub: Reliquia

Digitalização: SANDRA

Editora Betânia

SUMÁRIO

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
EPÍLOGO

1

Toda essa estranha aventura teve início, quando virei uma página da revista *Life*, certa noite, em meu escritório. A primeira vista, nada havia naquela página que me interessasse. Trazia um desenho, a bicode-pena, de um julgamento que se realizava na cidade de Nova Iorque, a 560 quilômetros de distância. Eu nunca fora a Nova Iorque, e não tinha vontade de ir, a não ser, talvez, para ver a Estátua da Liberdade.

Estava virando a página, mas enquanto o fazia, os olhos de um dos meninos do desenho chamaram a minha atenção. Era um dentre os sete acusados de homicídio. O artista conseguira captar uma expressão de espanto, ódio e desespero, que me fez voltar a página outra vez, para olhar com mais cuidado. E enquanto olhava, comecei a chorar.

“O que há comigo?” disse em voz alta, impacientemente, enxugando os olhos. Olhei para o desenho novamente. Os rapazes eram todos adolescentes, membros de uma quadrilha chamada Dragões. Abaixo do desenho estava a história de como entraram no Parque Highbridge em Nova Iorque, atacando brutalmente e matando um rapaz de quinze anos, vítima de poliomielite, chamado Michael Farmer.

Os sete rapazes esfaquearam sete vezes as costas do menino, depois bateram-lhe com cinturões. Saíram limpando o sangue no cabelo, dizendo:

“Acabamos com ele!”

A história me revoltou; senti-me enojado. Em nossa cidadezinha, tais coisas pareciam simplesmente inacreditáveis.

Foi por isso que me senti aturdido por um pensamento que, de repente, se apoderou de mim — uma idéia já formada, como se me tivesse sido sugerida por alguém.

Vá a Nova Iorque e ajude esses meninos.

A minha resposta foi uma boa gargalhada.

“Eu? Ir a Nova Iorque? Um pregador de interior meter-se numa situação da qual nada entende?”

Vá a Nova Iorque e ajude esses meninos.

O pensamento ainda estava lá, perfeitamente nítido, e independente por completo dos meus próprios pensamentos e idéias.

“Seria uma grande tolice. Não entendo nada de crianças assim, e nem quero entender.”

Por mais que tentasse, não conseguia me livrar da idéia:

Precisava partir para Nova Iorque, e partir imediatamente, antes que o julgamento terminasse.

***

Para compreender bem como era absurda essa idéia para mim, é necessário saber que, até o momento em que virei aquela página, minha vida fora pacata. Pacata, mas satisfatória. A igrejinha a que eu servia, em Philipsburg, no estado de Pensilvânia, crescera lenta, mas seguramente. Tínhamos um novo templo, uma nova casa pastoral, e um orçamento missionário que aumentava constantemente. Esse crescimento era para mim motivo de grande satisfação, porque quatro anos antes, quando Gwen e eu chegáramos a Philipsburg como candidatos ao púlpito, a igreja não tinha prédio próprio. A congregação de cinquenta membros se reunia numa casa particular, usando o andar superior como casa pastoral e o térreo como templo.

Quando estavam nos mostrando a casa, lembro-me bem de que o salto do sapato de Gwen furou completamente o assoalho podre da “casa pastoral”.

— É preciso fazer uma arrumaçãozinha em certas coisas, disse uma das senhoras da igreja.

Era uma mulher gorda, de vestido estampado. Lembro-me de ter observado que suas mãos tinham rachaduras, onde havia vestígios de terra, sinal de que ela

trabalhava em uma fazenda.

— Podem dar uma olhada sossegados.

Assim Gwen continuou sua visita de inspeção sozinha, no segundo andar. Eu sabia muito bem, pela maneira que ela fechava as portas, que não estava de todo satisfeita. Mas o pior foi quando abriu uma gaveta na cozinha. Ouvi o seu grito e subi correndo. Uma porção de baratas nojentas corria desordenadamente. Gwen fechou a gaveta depressa:

— Não posso, David, não posso! disse ela quase chorando. Sem esperar resposta saiu correndo escada abaixo, fazendo um barulhão com os sapatos de salto alto. Apresentei rápidas desculpas à comissão que nos aguardava e fui atrás de Gwen até o hotel — o único existente em Philipsburg — onde a encontrei com o nosso bebê, à minha espera.

— Desculpe-me, querido, disse Gwen. São todos tão simpáticos, mas eu morro de medo de baratas.

Ela já havia arrumado as malas, deixando óbvio que, quanto a ela, Philipsburg teria de procurar outro candidato.

Mas as coisas não aconteceram bem assim. Não poderíamos partir antes do culto noturno, porque eu deveria pregar. Não me lembro de ter falado bem, mas alguma coisa pareceu cativar as cinquenta pessoas naquela pequena igreja. Alguns daqueles fazendeiros, de mãos calejadas pelo trabalho, tirando os lenços, enxugavam os olhos. Eu terminava o sermão e, mentalmente, já entrava no carro, e atravessava as montanhas, partindo de Philipsburg, quando de repente um senhor idoso levantou-se, no meio da igreja e disse:

— Reverendo Wilkerson, o senhor quer ser o nosso pastor?

Foi sem dúvida uma forma bastante estranha de apresentar o assunto, e pegou-nos de surpresa, especialmente a mim e à minha mulher. Os membros daquela pequena Assembléia de Deus estavam tentando escolher um pastor entre vários candidatos. Havia várias semanas estavam como que num beco sem saída, e agora o velho Sr. Meyer, tomando o caso em suas mãos, convidava-me dessa maneira. Mas em vez de encontrar reprovação por parte dos outros membros,

ouviram-se imediatamente algumas vozes que se erguiam em aprovação ao convite.

— O senhor vá lá fora e converse com sua mulher, disse o Sr. Meyer. Daqui a pouco sairemos também.

Estava escuro no carro, e Gwen se encontrava quieta. Debbie dormia no bercinho improvisado no banco de trás. A mala estava arrumada e encostada perto do berço; tudo pronto para a nossa partida. No silêncio de Gwen havia um protesto contra baratas.

— Precisamos de auxílio, Gwen, disse eu depressa. Acho que devemos orar.

— Pergunte-lhe sobre as baratas, disse Gwen desanimada.

— Certo! Farei isso.

Curvando a cabeça no escuro, do lado de fora daquela igrejinha, fiz uma experiência com uma oração especial, pela qual eu procurava conhecer a vontade de Deus através de um sinal. Esse tipo de oração chama-se “Colocar lã perante o Senhor”, por causa da história de Gideão. Quando este estava procurando conhecer a vontade de Deus para a sua vida, pediu que o sinal fosse dado pela lã. Colocou-a no chão e pediu a Deus que molhasse a terra de orvalho mas que deixasse seca a lã. De manhã, Gideão constatou que a terra estava toda molhada, mas a lã permanecia seca. Deus lhe dera um sinal.

— Senhor, disse eu em voz alta, quero colocar um pouco de lã na tua presença, agora. Estamos dispostos a fazer a tua vontade, se conseguirmos descobrir qual é ela. Senhor, se é o teu desejo que fiquemos aqui em Philipsburg, pedimos que tenhamos certeza através de um voto unânime da comissão. Permita também que resolvam, eles mesmos, consertar a casa e instalar um fogão e uma geladeira decentes …

— E Senhor, disse Gwen interrompendo, porque naquele momento a porta se abriu, e vimos a comissão dirigindo-se para nós, permita que eles se prontifiquem a acabar com aquelas baratas.

A congregação em peso acompanhou a comissão, pondo-se ao redor do carro. O Sr. Meyer pigarreou. Enquanto falava, Gwen tomou a minha mão no

escuro, e apertou-a.

— Reverendo e Sra. Wilkerson, disse ele. Fez uma pausa antes de continuar. Irmão David. Irmã Gwen. Votamos todos e concordamos que o senhor seja o nosso pastor. Cem por cento. Se resolverem ficar, consertaremos a casa pastoral, colocaremos um fogão novo e outras coisas que precisarem, e a irmã Williams diz que será preciso dedetizar a casa também.

— Para acabar com as baratas, acrescentou a esposa do irmão Williams, dirigindo-se a Gwen.

Pela claridade, que, vindo da porta da igreja, atravessava o gramado, eu podia ver que Gwen estava chorando. Mais tarde, de volta ao hotel, depois de acabados todos aqueles cumprimentos, Gwen disse que estava feliz.

***

E *fomos* felizes mesmo, em Philipsburg. A vida de um pregador de interior me satisfazia perfeitamente. A maioria dos membros trabalhava nas fazendas ou nas minas de carvão. Eram honestos, tementes a Deus e generosos. Traziam seu dízimo em latarias, ovos, manteiga, leite e carne. Eram pessoas felizes, operosas, pessoas a quem era possível admirar e com as quais se poderia aprender muito.

Depois de pouco mais de um ano, compramos um velho terreno que servira de campo de esportes, nos limites da cidade. Lembro-me bem do dia em que, de pé naquele terreno, pedi ao Senhor que nos ajudasse a construir uma igreja ali, e foi o que aconteceu.

Construímos uma casa ao lado, e enquanto Gwen foi a dona da casa, nenhum inseto teve chance de sobrevivência. Era uma casinha bonita, um bangalô cor-de-rosa de cinco cômodos, que de um lado tinha uma linda vista das montanhas e do outro lado, a cruz branca da igreja.

Trabalhamos bastante em Philipsburg, e até certo ponto fomos bem-sucedidos. Antes de começar o ano de 1958, havia 250 pessoas na igreja, incluindo Bonnie, nossa nova filhinha. Mas eu estava inquieto. Começava a sentir uma insatisfação espiritual e não me contentava com o crescimento da

igreja, ou com o seu novo prédio, situado nos 202m^2 de terreno, no topo da colina. Da mesma forma não me satisfazia com o crescente orçamento missionário, nem com os bancos cada dia mais cheios.

Lembro-me bem da noite em que reconheci esse descontentamento, como alguém se lembra de um fato importante na vida. Foi no dia 9 de fevereiro de 1958. Naquela noite resolvi vender meu aparelho de televisão. Era tarde, Gwen e as crianças estavam dormindo, e eu assistia ao último programa. Fazia parte da história um número coreográfico, no qual um grupo de coristas dançava com vestimenta escassa. Lembro-me de como de repente achei aquilo tudo tão torpe.

"Você está ficando velho, David", disse para mim mesmo.

Mas, por mais que tentasse, não consegui me concentrar na história e na menina — qual era mesmo? — cujo destino no palco era o suposto motivo de palpitante interesse para todos os espectadores.

Levantei-me, apertei o botão, e vi as garotas desaparecerem num ponto luminoso no meio da tela. Saí da sala, fui até o escritório e sentei-me.

"Quanto tempo eu fico em frente daquele aparelho todas as noites?" pensei. "Duas horas pelo menos. O que aconteceria, Senhor, se eu vendesse a televisão e gastasse esse mesmo tempo … orando?"

Eu era o único da família que assistia à televisão, de modo que a sua venda não afetaria ninguém.

O que poderia acontecer, se eu passasse duas horas todas as noites em oração? Era uma idéia emocionante. Substituir a televisão por oração, e ver o que aconteceria.

Imediatamente pensei em algumas objeções. A noite eu estava cansado, e precisava de uma distração assim. A televisão era parte de nossa cultura; não é bom que um ministro desconheça o que o povo está vendo e comentando.

Levantei-me, apaguei a luz e fiquei na janela, olhando para as montanhas banhadas pela luz do luar. Então coloquei outra lã perante o Senhor, que iria mudar toda a minha vida. Acho que fiz um pedido bem difícil, porque na realidade não queria dispor do aparelho.

“Jesus”, disse eu, “preciso de auxílio para resolver esse problema, e é isso que te peço. Vou colocar um anúncio no jornal. Se for da tua vontade que eu venda a televisão, faça com que o comprador apareça imediatamente. Faça com que apareça dentro de uma hora … não, meia hora depois que o jornal sair nas bancas.”

Quando contei a minha decisão a Gwen, no dia seguinte, ela não se impressionou muito.

“Meia hora!” disse ela. “Parece-me, David Wilkerson, que você não está com muita vontade de orar, não!”

Coloquei o anúncio no jornal. Foi engraçada a cena que se passou na nossa sala, depois que o jornal saiu. Eu estava sentado no sofá com a televisão de um lado, as crianças e Gwen do outro, e eu com os olhos grudados num grande despertador que ficava ao lado do telefone.

Passaram-se vinte e nove minutos.

— Bem, Gwen, disse, parece que você estava com a razão. Acho que não vai ser preciso …

O telefone tocou. Apanhei-o devagar, olhando para Gwen.

— Você tem um aparelho de televisão para vender? Perguntou uma voz masculina.

— Certo. Um RCA em boas condições. Tela de dezenove polegadas, e tem dois anos.

— Qual é o preço?

— Cem dólares, disse rapidamente.

Não havia pensado no preço até aquele momento.

— Eu fico com ele, disse o homem, sem mais nem menos.

— Não quer vê-lo primeiro?

— Não é preciso. Tenha-o pronto em quinze minutos. Levarei o dinheiro.

***

Nunca mais a minha vida foi o que era antes. Todas as noites, à meia-noite, em vez de apertar alguns botões, entrava no meu escritório, fechava a porta e começava a orar. A princípio o tempo não passava e eu ficava irrequieto.

Depois aprendi a fazer uma leitura bíblica sistemática, como parte da minha vida de oração: nunca lera a Bíblia do começo ao fim, incluindo as genealogias. Aprendi como é importante fazer a diferença entre oração de petição e oração de louvor. É uma experiência realmente maravilhosa, passar uma hora inteira somente agradecendo. Dá à vida uma perspectiva completamente nova.

Foi durante uma dessas noites de oração que eu apanhei a revista *Life*. Estivera estranhamente agitado toda aquela noite. Estava sozinho; Gwen e as crianças se encontravam em Pittsburgh, visitando os avós. Orara por muito tempo, e sentia a presença de Deus bem perto, mas, ao mesmo tempo, por motivos que eu não compreendia, sentia também uma grande tristeza.

Sobreveio-me de repente, e eu não conseguia imaginar o que significaria. Levantei-me e acendi a luz. Sentia-me nervoso, como se houvesse recebido ordens, sem poder perceber quais fossem.

"O que estás a me dizer, Senhor?"

Andei pelo escritório, procurando compreender o que estava acontecendo comigo. Na minha mesa estava uma revista *Life*. Estendi a mão para apanhá-la, mas logo repreendi a mim mesmo. Não iria cair na armadilha de ler uma revista, quando deveria estar em oração.

Novamente comecei a andar pelo escritório e toda vez que me aproximava da mesa minha atenção voltava-se para a revista.

"Haverá alguma coisa nessa revista que desejas que eu veja, Senhor?" disse em voz alta, e minha voz ressoou pela casa vazia.

Sentei-me na cadeira de couro marrom e, com o coração acelerado, como se estivesse no limiar de uma revelação maior do que poderia compreender, abri a revista. Segundos depois estava olhando para um desenho, a bico-de-pena, de sete meninos, e as lágrimas me escorriam pela face.

O dia seguinte, quarta-feira, era dia de reunião de oração na igreja. Resolvi

contar à congregação acerca de minha experiência de oração, todas as noites, de meia-noite às duas horas, e da estranha sugestão que me sobreviera por esse intermédio.

Era uma noite fria de inverno, com neve a cair. Vieram poucas pessoas. Certamente, os fazendeiros temiam ser apanhados, na cidade, por uma nevasca. Mesmo as vinte e poucas pessoas, da cidade, que chegaram, entravam isoladamente e procuravam os bancos que ficavam mais atrás; mau sinal para o pregador, pois significa que ele tem uma congregação “fria”.

Nem procurei pregar um sermão naquela noite. Quando me levantei, pedi a todos que se aproximassem. Então disse-lhes:

“Tenho algo que quero lhes mostrar.”

Abri a revista *Life* e levantei-a para que vissem.

“Olhem bem para o rosto desses meninos”, continuei.

Depois contei-lhes como chorara, recebendo ordem específica de ir até Nova Iorque e tentar ajudar aqueles meninos. Olhavam para mim indiferentemente. Não conseguia despertá-los, e compreendia a reação deles. Qualquer um sentiria aversão por aqueles meninos, e não simpatia. Eu mesmo não podia compreender a minha reação.

Então aconteceu algo surpreendente. Disse à congregação que queria ir a Nova Iorque, mas que não tinha dinheiro. A despeito do fato de haver tão poucos presentes, e apesar de não compreenderem o que eu estava querendo fazer, os membros da minha igreja vieram todos silenciosamente à frente, um a um, colocando a sua oferta sobre a mesa da comunhão. A oferta foi de setenta e cinco dólares, quase o suficiente para ir a Nova Iorque de automóvel e voltar.

Na quinta-feira eu estava pronto. Telefonara para Gwen, explicando — sem ser bem-sucedido — o que estava querendo fazer.

— Você sente realmente que o Espírito Santo o está dirigindo?

Perguntou Gwen.

— Sim, meu bem.

— Então não se esqueça de levar algumas meias de lã.

***

Quinta-feira cedinho entrei no meu velho carro com Miles Hoover, o presidente da mocidade da igreja, e parti. Ninguém veio se despedir, outro sinal da completa falta de entusiasmo que acompanhava essa viagem.

E essa falta não era apenas da parte dos outros. Sentia-a eu mesmo. Repetidamente perguntava a mim mesmo por que, afinal, estava partindo para Nova Iorque, levando uma página arrancada da revista *Life*. Repetidas vezes me perguntei por que o rosto daqueles meninos me emocionava, todas as vezes que olhava para aquele desenho.

— Estou com medo, Miles, confessei finalmente, enquanto rodávamos pela estrada da Pensilvânia.

— Com medo?

— Sim, de que eu esteja cometendo alguma tolice. Como gostaria de ter realmente a certeza de que essa é, sem dúvida, a vontade de Deus, e não uma resolução maluca da minha própria mente!

Continuamos em silêncio por um pouco.

— Miles?

— Hein?

Mantinha os olhos na estrada, com vergonha de olhar para ele.

— Quero que você faça uma coisa. Pegue a Bíblia, abra-a ao acaso e leia a primeira passagem sobre a qual o seu dedo pousar.

Miles olhou para mim, como se me acusasse de praticar algum tipo de ritual supersticioso, mas fez o que pedi. Virando-se, pegou a Bíblia que estava no banco traseiro. Com o canto do olho vi quando ele fechou os olhos, jogou a cabeça para trás, abriu o livro e, decididamente, colocou o dedo na página aberta.

Depois ele leu silenciosamente, e eu vi quando se virou, olhando para mim sem dizer uma única palavra.

— Então? Perguntei.

A passagem se achava nos versículos cinco e seis do Salmo 126: “Os que com lágrimas semeiam, com júbilo ceifarão. Quem sai andando e chorando, enquanto semeia, voltará com júbilo, trazendo os seus feixes”.

Sentimo-nos mais animados, enquanto nos dirigíamos a Nova Iorque. E foi bom, porque foi o último estímulo que receberíamos por muito, muito tempo.

2

Chegamos aos arredores da cidade de Nova Iorque pela Rota 46, que liga a estrada de Nova Jersey à Ponte George Washington. Continuava tentando organizar as idéias. O que iria fazer quando chegasse ao outro lado da ponte? Não sabia.

A gasolina estava no fim, por isso paramos num posto, um pouco antes da ponte. Enquanto Miles ficou no carro, eu peguei o artigo da *Life* e fui a uma cabine telefonar para o promotor de justiça, cujo nome estava no artigo. Quando finalmente transferiram a ligação para o seu escritório, tentei dar-lhe a impressão de um pastor cheio de dignidade, ocupado numa missão divina, mas ele não ficou impressionado.

“O promotor público não aceitará a mínima interferência nesse caso. Um bom-dia para o senhor!”

E assim dizendo, desligou o telefone.

Fiquei ali, perto de uma pirâmide de latas de óleo, tentando captar novamente o sentimento de minha missão. Estávamos longe de casa, era quase noite. Cansaço, desânimo e um certo medo apoderaram-se de mim. Sozinho ali, na boca da noite, depois de experimentar esse malogro que, aliás, era de se esperar, a orientação que eu recebera na segurança de minha casinha nas montanhas não parecia tão convincente.

— Ei, David. Era Miles que chamava. Estamos interrompendo a saída aqui.

Saímos para a estrada novamente. Num instante estávamos sendo levados por uma gigantesca correnteza de tráfego. Mesmo que quiséssemos não poderíamos ter voltado. Nunca vira tantos carros, e todos com pressa! Rodeavam-me, buzinavam, e os breques dos enormes caminhões assobiavam.

Que visão espantosa oferecia aquela ponte! Um rio de luzes vermelhas à direita — dos carros que iam à frente — e o clarão forte dos carros que vinham.

Ao fundo, a silhueta dos arranha-céus subindo dentro da noite. Reconheci de repente que eu era mesmo bastante rústico.

— E agora, o que faremos? perguntei a Miles, quando atravessamos a ponte, onde uma porção de setas apontavam para diferentes vias, cujos nomes nada significavam para nós.

— Quando em dúvida, disse Miles, acompanhe o carro da frente.

Acontece que o carro da frente ia para a parte superior de Manhattan. Nós também fomos.

— Olhe, disse Miles, depois de passarmos por dois sinais vermelhos e quase atropelar um guarda, que ficou a menear a cabeça, depois que passamos. Este nome eu conheço! Broadway!

O nome conhecido dessa rua pareceu-nos um rosto amigo, no meio da multidão. Seguimos pela Broadway, passando por ruas numeradas que desciam de mais de 200 até menos de 50, e de repente estávamos em Times Square. Pensávamos nas noites calmas de Philipsburg, enquanto Miles lia os cartazes na frente dos prédios: *Segredos Nus, Amor sem Amor, Garota da Noite, Vergonha.* Um grande letreiro luminoso na frente de um teatro dizia “Apenas Para Adultos”, enquanto um homem de uniforme vermelho tentava manter em ordem um grupo de crianças irrequietas.

Alguns quarteirões à frente, chegamos a Macy” s, depois Gimbels. Senti-me mais animado diante das grandes lojas. Aqui estavam mais nomes conhecidos. Gwen fazia pedidos a essas lojas; aliás, as meias de lã que ela me fizera prometer trazer, foram compradas na Gimbels, penso eu. Era um ponto de contato com o conhecido. Eu queria ficar perto dessas lojas.

— Vamos procurar um hotel por aqui, sugeri.

Do outro lado da rua estava o Hotel Martinique, e resolvemos ficar ali mesmo. Depois surgiu o problema de estacionamento. Havia um local em frente ao hotel, mas quando o porteiro disse: “Dois dólares pela estadia durante a noite”, dei marcha a ré rapidamente.

— É porque somos de fora, disse a Miles, enquanto saía com o que esperava

ser uma velocidade descabida. Eles pensam que podem fazer o que querem com pessoas do interior.

Meia hora mais tarde estávamos de volta ao mesmo local. “Muito bem, você ganhou”, disse eu ao homem, que não sorriu.

Logo depois estávamos no nosso quarto, no décimo segundo andar do Martinique. Fiquei à janela muito tempo, vendo o movimento da rua, observando os carros e as pessoas que passavam. De vez em quando um vento mais forte carregava nuvens de lixo e pedaços de jornal. Cinco jovens rodeavam uma fogueirinha do outro lado da rua. Estavam dançando na noite fria, as mãos estendidas para o fogo, tramando, sem dúvida, alguma aventura. Peguei novamente a página da *Life* que estava no meu bolso, e imaginei, como alguns meses antes, sete outros, parecidos com esses, entraram cheios de ódio e tédio no Parque Highbridge.

— Vou telefonar para o escritório do promotor de justiça novamente, disse eu a Miles.

Surpreendentemente, ainda estava aberto. Sabia que estava sendo inconveniente, mas não conhecia outra maneira de me aproximar daqueles meninos. Telefonei mais duas vezes, e finalmente, na terceira vez, consegui fazer com que me dessem alguma informação.

— Olhe, disseram-me rispidamente, a única pessoa que pode lhe dar permissão para ver esses meninos é o próprio Juiz Davidson.

— Como posso ver o Juiz Davidson?

A resposta foi dada numa voz entediada:

— Ele estará presente ao julgamento amanhã cedo. Rua do Fórum, número 100. Agora, boa noite, reverendo. Por favor, não telefone para aqui novamente; não podemos ajudá-lo.

Tentei mais um telefonema, dessa vez, para o Juiz Davidson, mas a telefonista disse que sua linha fora desligada. Sentia muito, não havia a menor possibilidade de fazer a ligação.

Fomos deitar, mas eu, pelo menos, não dormi. Para os meus ouvidos

acostumados ao silêncio do campo, cada barulho da grande cidade parecia ameaçador. Passei as longas horas daquela noite imaginando o que estaria fazendo ali, e dando graças porque, fosse o que fosse, não poderia me segurar por muito tempo naquela cidade.

Logo depois das 7:00h nos levantamos, vestimo-nos e saímos. Não tomamos café. Sentíamos instintivamente que iríamos enfrentar uma crise, e que esse pequeno jejum nos deixaria mental e fisicamente mais alertas.

Se tivéssemos alguma experiência de como nos locomovermos na cidade de Nova Iorque, teríamos ido de metrô até o centro da cidade. Entretanto, inexperientes como éramos, tiramos o carro do estacionamento, pedimos informações de como chegar à Rua do Fórum, e novamente pegamos a Broadway.

Chegando ao local, verificamos que era um prédio de proporções gigantescas e amedrontadoras, ao qual acorre grande número de pessoas que, tendo alguma questão contra alguém, querem justiça. Todos os dias dirigem-se para lá centenas de indivíduos que têm negócios ali, mas igualmente espectadores curiosos e desagradáveis são atraídos, porque querem partilhar — sem perigo — da fúria reinante. Um homem se destacava, naquele dia, pelos seus comentários, enquanto esperávamos do lado de fora da sala do tribunal onde o caso Michael Farmer teria prosseguimento.

“A cadeira elétrica é boa demais para eles”, dizia para o público em geral.

Depois, dirigindo-se ao guarda uniformizado que vigiava a porta trancada, continuou:

“É preciso dar-lhes uma lição! Esses vagabundos miseráveis!”

O guarda enfiou os polegares no cinturão e deu as costas ao homem, como se houvesse aprendido há muito tempo que essa era a única defesa contra os autonomeados guardiões da justiça. Quando chegamos, às 8:30h, havia quarenta pessoas na fila, esperando a hora de entrar na sala. Mais tarde, descobri que havia quarenta e dois lugares disponíveis ao público.

Muitas vezes fico imaginando que, se tivéssemos tomado café, tudo o que

aconteceu depois daquela manhã de 28 de fevereiro de 1958, teria tomado um rumo bem diferente.

Durante uma hora e meia ficamos em pé, sem pensar em sair, porque havia outros esperando uma chance de tomar os nossos lugares. Quando um oficial de justiça passou por nós, perguntei-lhe, apontando para uma porta um pouco adiante no corredor:

“Aquele é o gabinete do Juiz Davidson?” Ele acenou afirmativamente. “Seria possível falar com ele?”

O homem olhou para mim e riu. Nem me respondeu, apenas deu uma risadinha desdenhosa e continuou o seu caminho. Lá pelas 10:00h, um guarda abriu as portas da sala do tribunal, e entramos todos num vestíbulo onde fomos revistados. Eu supunha que estavam à procura de armas.

“Ameaçaram a vida do juiz”, disse o homem à minha frente, enquanto nos examinavam. “A quadrilha dos Dragões disse que o pegaria no Tribunal.”

Eu e Miles ocupamos os dois últimos lugares. Logo verifiquei que ficara ao lado do homem que pensava que a justiça devia ser executada com mais rapidez.

“Esses meninos já deveriam estar mortos, você não acha?” disse ele, dirigindo-se a mim, mesmo antes de nos sentarmos; depois, voltando-se, fez a mesma pergunta ao que estava do outro lado, sem esperar minha resposta.

Fiquei surpreso com o tamanho da sala. Esperava ver um salão imponente com centenas de lugares. Talvez eu tenha recebido essa idéia através de Hollywood. Na realidade, metade da sala estava ocupada pelo pessoal da própria corte de justiça, um quarto pela imprensa, e apenas uma pequena parte atrás era reservada ao público.

Meu amigo da direita fazia comentários constantes do que acontecia. Um grupo grande se dirigiu para a frente, e fui informado de que eram os advogados escolhidos pelo Estado.

“Vinte e sete”, continuava meu companheiro. “Fornecidos pelo Estado. Ninguém mais queria defender essa ralé. Além disso, não têm dinheiro. Filhos de espanhóis, sabe?”

Eu não sabia, mas não fiz nenhum comentário.

“Eles tiveram de pleitear inocência. É lei estadual para homicídios de primeiro grau. Deveriam pegar a cadeira elétrica, todos.” Depois entraram os meninos.

Não sei o que eu esperava. Homens, talvez. Afinal era um julgamento por homicídio e, na realidade, eu não conseguia imaginar que crianças pudessem cometer homicídio. Mas eram crianças! Sete crianças meio corcundas, magricelas e apavoradas, sendo julgadas por um crime hediondo. Estavam algemadas, cada uma a um guarda, e aos meus olhos parecia que esses policiais eram extraordinariamente robustos, como se escolhidos de propósito, pelo contraste que apresentavam.

Os sete rapazes foram conduzidos para o lado esquerdo da sala, e, depois que se assentaram, as algemas foram tiradas.

— Isso mesmo. E assim que devem ser tratados, continuava o meu companheiro. Todo o cuidado é pouco com gente desse tipo. Deus! Como odeio esses rapazes!

— Parece que Deus é o único que não os odeia, disse eu.

— O qu …?

Alguém estava martelando a mesa, exigindo ordem, enquanto entrava o juiz, a passos rápidos, e todos se levantavam.

Assisti a tudo em silêncio, mas o meu companheiro continuava com os seus comentários. Ele se expressava tão enfaticamente que várias vezes algumas pessoas olharam para trás.

Uma menina era uma das testemunhas.

— É a “gata” da quadrilha, fui informado pelo meu vizinho.

Gata é uma prostituta adolescente.

Mostraram uma faca à menina, perguntando se ela a reconhecia.

Confessou que era a faca da qual limpara sangue na noite do crime. Levou a manhã toda para conseguir essa simples afirmação.

E de repente estava tudo terminado. Esse final abrupto pegou-me de

surpresa — o que talvez explique em parte o que aconteceu a seguir. Não tive tempo de pensar no que iria fazer.

Vi o Juiz Davidson levantar-se e dizer que a sessão estava suspensa. Na minha mente via-o passar por aquela porta e desaparecer para sempre. Pareceu-me que, se eu não falasse com ele naquele momento, nunca mais teria outra oportunidade.

— Vou falar com ele, disse baixinho a Miles.

— Você está ficando louco!

— Se eu não for …

O juiz estava juntando suas coisas, preparando-se para sair da sala. Com uma rápida oração peguei a Bíblia na mão direita, esperando que ela me identificasse como pastor, empurrei Miles para um lado, e corri para a frente da sala!

— Vossa Excelência! gritei.

O juiz virou-se depressa, irritado e indignado com o rompimento do protocolo da corte.

— Vossa Excelência, por favor, respeite-me como pastor e permita-me uma audiência.

A essa altura os guardas me alcançaram. Talvez por ter sido ameaçada a vida do juiz, foram tão rudes e severos comigo. Dois deles me pegaram, um de cada lado, e quase me carregaram para a saída, enquanto houve uma correria geral entre os representantes da imprensa, e os fotógrafos se empurravam para conseguir fotos.

Saindo da sala, os guardas me entregaram a outros dois que estavam no vestíbulo.

— Fechem as portas, disse um oficial. Ninguém deve sair. Depois, voltando-se para mim, perguntou:

— Muito bem, senhor. Onde está o revólver? Assegurei-lhe de que não estava armado, mas fui revistado novamente.

— Quem estava com você? Quem mais está aí?

— Miles Hoover, presidente da nossa mocidade. Trouxeram Miles. Ele estava branco e tremia, mas eu acho que de raiva e vergonha, não de medo.

Alguns fotógrafos conseguiram entrar na saleta, enquanto a polícia nos interrogava. Mostrei meus documentos à polícia, provando que eu era de fato um pastor ordenado. Discutiam entre si sobre que acusação fazer a meu respeito, e o sargento resolveu saber qual era a vontade do Juiz Davidson.

Depois que ele saiu, os repórteres começaram a interrogarmos: De onde éramos? Por que tínhamos feito isso? Fazíamos parte dos Dragões? Havíamos roubado esses documentos, ou eram forjados?

O sargento voltou, dizendo que o juiz não quis fazer nenhuma acusação, e que me deixariam partir se prometesse nunca mais voltar.

— Não se preocupem, disse Miles. Ele não voltará.

Levaram-me bruscamente até o corredor. Ali, um semicírculo de fotógrafos estava à espera, com suas máquinas prontas. Um deles dirigiu-se a mim:

— Ei, reverendo. Que livro é esse na sua mão?

— Minha Bíblia.

— Tem vergonha dela?

— Claro que não.

— Não? Então por que a esconde? Levante-a para que possamos vê-la.

Na minha ingenuidade, levantei-a, e ouviu-se o estalar dos *flashes.* Imediatamente compreendi o que estavam fazendo, e como sairia a notícia nos jornais: Um pregador com cabelo desalinhado, vindo do interior, acenando com a Bíblia, interrompe um julgamento de homicídio!

Um, apenas um, dos repórteres foi mais objetivo. Era Gabe Pressman, do noticiário da NBC. Fez algumas perguntas sobre o porquê do meu interesse em rapazes que haviam cometido um crime tão hediondo.

— Você já olhou para o rosto desses meninos?

— Sim, claro.

— E ainda me faz essa pergunta? Gabe Pressman sorriu ligeiramente.

— Bem, entendo o que quer dizer. Pelo menos, reverendo, você é diferente

dos curiosos.

É claro que eu era diferente. Diferente o bastante, para pensar que tinha recebido ordens divinas, enquanto o que fazia era papel de bobo. Diferente a ponto de trazer essa vergonha sobre a minha igreja, minha cidade e minha família.

Logo que conseguimos sair, fomos apressadamente ao local de estacionamento, onde o nosso carro havia ganho mais uma conta de dois dólares. Miles não disse nem uma palavra. Logo que entrei no carro e fechei a porta, abaixei a cabeça e chorei por vinte minutos.

— Vamos para casa, Miles. Vamos sair daqui.

Passando novamente pela Ponte George Washington, voltei-me para ver a silhueta dos prédios de Nova Iorque. Lembrei-me subitamente do Salmo que nos dera tanto conforto: “Os que com lágrimas semeiam, com júbilo ceifarão”.

Que espécie de orientação fora aquela? Começava a duvidar da existência de direções claras, da parte de Deus.

Como enfrentar minha esposa, meus pais, minha igreja? Dissera à congregação que Deus tocara em meu coração, e agora deveria voltar e dizer-lhes que eu me enganara e que não conhecia a vontade de Deus de jeito nenhum.

3

— Miles, disse eu, depois que rodáramos oitenta quilômetros, você se importa se voltarmos por Scranton? Miles sabia que eu me referia à casa de meus pais, pois moravam nessa cidade. Eu queria, abertamente, chorar um pouco no ombro deles.

Quando chegamos a Scranton, na manhã seguinte, a história já estava nos jornais. O caso Michael Farmer havia sido bem noticiado pela imprensa, mas já estava perdendo um pouco do interesse. O aspecto horripilante do assassinato já havia sido explorado, até não restar mais horror que pudesse ser extraído dele.

Os detalhes psicológicos, sociológicos e penais do caso, há muito se tinham esgotado. Justamente quando começava a faltar novidade, aparece um aspecto grotesco para animar os editores, e os jornais aproveitaram-no ao máximo.

Estávamos já nos limites de Scranton, e ainda não me passara pela cabeça qual seria a atitude de meus pais diante disto tudo. Estivera ansioso para vê-los, como uma criança com um machucado; mas agora que já estava chegando, a idéia não me pareceu mais tão interessante. Afinal o nome que eu expusera ao ridículo era deles também.

— Talvez eles não tenham visto a notícia ainda, disse Miles, quando entramos no portão.

Mas já haviam visto, sim! Na mesa da cozinha estava um jornal aberto na página do relato do jovem pregador, de olhos arregalados, e Bíblia em punho, que havia sido expulso do julgamento do homicídio de Michael Farmer.

Papai e mamãe receberam-me com algo que se aproximava de formalidade.

— David, disse mamãe, que … surpresa agradável!

— Como vai, filho? disse papai.

Sentei-me. Miles, muito discretamente, disse que iria dar “uma voltinha”, sabendo que esses primeiros minutos deveriam ser mais reservados.

— Eu sei o que estão pensando, apontei para o jornal. Não é preciso dizer nada, eu o direi. Como vamos encarar o mundo depois disso?

— Bem, filho, disse papai, não é por nós. É a igreja; e você, naturalmente. Sabe que pode perder a sua posição.

Reconhecendo a sua preocupação por mim, calei-me.

— O que vai fazer quando voltar a Philipsburg, David? perguntou mamãe.

— Não pensei nisso ainda.

Mamãe foi até à geladeira e tirou um litro de leite.

— Você se importa se eu lhe der um conselho? perguntou ela, dando-me um copo de leite. (Ela estava sempre querendo fazer-me engordar.)

Geralmente quando mamãe queria dar algum conselho não se preocupava em pedir permissão, mas dessa vez esperou com o litro ainda na mão, até que eu respondesse afirmativamente. Era como se reconhecesse que essa era uma luta que eu teria de travar sozinho, e que talvez não quisesse conselhos de mãe.

— Quando voltar para casa, David, não se apresse em dizer que estava errado. O Senhor trabalha de maneiras misteriosas, para executar as suas maravilhas. E possível que isso tudo seja parte de um plano que você ainda não pode ver. Sempre acreditei no seu bom senso.

***

Durante toda a viagem a Philipsburg eu pensei no que mamãe dissera. Que bem poderia advir de um fiasco como esse?

Levei Miles à sua casa, depois fui para a minha, passando pelas ruas menos movimentadas. Se é possível entrar furtivamente na própria casa, com algo tão grande e barulhento como um carro, foi isso que eu fiz. Fechei a porta da garagem sem fazer barulho, e entrei quase que na ponta dos pés, na sala de minha casa. Lá estava Gwen.

Ela correu para mim, abraçou-me e disse:

— Pobre David!

Depois de muito tempo juntos, a sós, foi que ela me perguntou o que acontecera.

Contei-lhe com detalhes tudo o que acontecera, desde que nos vimos pela última vez, até a idéia de minha mãe de que talvez não *fora* erro da minha parte.

— Mas vai ser difícil convencer esta cidade disso, David. O telefone não pára de tocar.

E continuou a tocar por muitos dias. Uma das autoridades locais telefonou para passar-me uma descompostura. Companheiros de ministério não se acanharam de me dizerem que eu estava procurando publicidade barata.

Quando finalmente tive a coragem de andar na cidade, todos paravam para me olhar. Certo comerciante que estava sempre querendo atrair mais negócios para a cidade, apertou-me a mão e, batendo nas minhas costas, disse:

“Muito bem, reverendo, você colocou mesmo a velha Philipsburg no mapa!”

Mas o mais difícil foi enfrentar a congregação no primeiro domingo. Foram corteses — e silenciosos. Do púlpito, naquela manhã, tentei explicar o problema da melhor maneira possível.

“Eu sei que vocês devem estar pensando muita coisa”, disse eu, dirigindo-me a 200 pessoas que pareciam ser de pedra. “Primeiramente, vocês sentem por mim, o que eu aprecio. Mas, sem dúvida, devem estar pensando: “Que espécie de egoísta temos como pastor, um homem que pensa que o seu menor capricho é uma ordem de Deus!” Dou-lhes toda razão, pois aparentemente confundi a minha própria vontade com a de Deus. Fui humilhado e rebaixado. Talvez isso tenha acontecido para me dar uma lição. No entanto vamos nos perguntar sinceramente: Se é verdade que a tarefa da humanidade sobre a Terra é cumprir a vontade de Deus, não é de se esperar que, de alguma maneira, ele revelará qual seja essa vontade?”

Ainda as mesmas fisionomias de pedra. Nenhuma resposta. Não estava defendendo muito bem a minha idéia de orientação divina.

Mesmo assim foram todos muito bondosos. A maioria disse que pensava que eu agira como tolo, mas achava que minhas intenções eram boas. Uma

amável senhora disse:

“Mesmo que ninguém mais o queira, nós ainda o queremos.”

Após falar essas palavras, ficou meio sem graça e passou muito tempo explicando que não era bem isso o que queria dizer.

Depois aconteceu uma coisa estranha.

Nas minhas horas de oração noturna, um determinado versículo estava constantemente nos meus pensamentos: “Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito” (Rm 8.28).

Vinha com grande poder e uma sensação de confirmação, embora conscientemente eu não sentisse nenhuma segurança. Mas junto com o versículo vinha uma idéia tão absurda que, por várias noites, bani-a de minha mente, tão logo aparecia.

Volte a Nova Iorque.

Depois de três noites em que não consegui banir a idéia do pensamento — pelo contrário, continuava tão persistente como da primeira vez — resolvi enfrentá-la. Dessa vez estava disposto.

Para começar, Nova Iorque não era uma cidade com a qual eu simpatizava; não gostava mesmo de lá, e não estava preparado para a vida naquele lugar. E ficava evidente em cada atitude minha ignorância. O nome “Nova Iorque” passou a ser para mim um símbolo de frustração. Seria errado, de qualquer ponto de vista, deixar Gwen e as crianças novamente. Não iria viajar oito horas para ir e oito para voltar, apenas pelo privilégio de me fazer de bobo novamente. Voltar à congregação e pedir-lhes dinheiro, estava completamente fora de cogitação. Esses fazendeiros e mineiros já estavam dando mais do que deveriam. Como explicar a eles uma coisa que eu também não compreendia?

Não conseguia entender essa nova ordem de voltar ao lugar da minha derrota anterior. Não teria uma chance melhor de ver aqueles meninos; pelo contrário, teria menos oportunidade ainda, porque agora era conhecido pela polícia, como um lunático. Nada, nada, faria com que eu voltasse à congregação

com tal sugestão.

No entanto, tão persistente foi a idéia, que na quarta-feira seguinte levantei-me e pedi à congregação que me desse mais dinheiro para voltar a Nova Iorque. A resposta dos membros da igreja foi de fato surpreendente.

Um por um, levantaram-se, foram à frente e colocaram sua oferta na mesa da ceia. Dessa vez, havia muito mais pessoas na igreja, talvez umas 150, mas o interessante é que a oferta foi quase exatamente igual à anterior. Depois de contarmos todas as notas miúdas, e uma ou outra maior, havia justamente o necessário para voltarmos a Nova Iorque. Setenta dólares.

Na manhã seguinte, Miles e eu estávamos a caminho, às seis horas da manhã. Fomos pelo mesmo itinerário, paramos no mesmo posto de gasolina, passamos pela ponte e entramos em Nova Iorque. Atravessando a ponte, eu orei:

"Não tenho a mínima idéia por que *tu* permitiste que acontecesse o que ocorreu na semana passada, nem por que estou voltando para esta confusão. Não peço que me reveles os teus propósitos; apenas que guies os meus passos."

Novamente passamos pela Broadway e fomos para o sul, pelo único caminho que conhecíamos. Estávamos andando devagar, quando de repente tive a sensação incrível de que deveria descer do carro.

— Vou procurar um lugar para estacionar, disse a Miles. Quero andar um pouco.

Achamos logo um lugar vago.

— Volto já, já, Miles; nem sei o que estou procurando. Deixei Miles no carro e comecei a andar. Não dei muitos passos quando ouvi uma voz:

— Oi, David!

Não virei primeiramente porque pensei que era algum rapaz chamando um colega, mas ouvi novamente.

— Oi, David! Pregador!

Dessa vez olhei. Seis rapazes estavam encostados num edifício, logo abaixo de uma placa que dizia: "É proibido demorar-se neste local". Estavam com calças de cano fino e casacos de zíper. Todos fumavam, menos um, e todos

pareciam indiferentes.

O sétimo se separara do grupo e vinha em minha direção. Estava sorrindo e eu gostei do seu sorriso.

— Você não é o pregador que foi expulso do julgamento do caso Michael Farmer?

— Sim. Como é que você sabe?

— Sua fotografia estava em todos os jornais, e o seu rosto não é difícil de lembrar.

— Bem, obrigado!

— Não foi um elogio.

— Você sabe o meu nome, mas eu não sei o seu.

— Sou Tomé, presidente dos Rebeldes.

Perguntei a Tomé, presidente dos Rebeldes, se aqueles rapazes, encostados perto do aviso que proibia vadiagem eram seus amigos. Ele disse que sim, e ofereceu-se para apresentá-los. Continuaram com suas fisionomias indiferentes, até que Tomé contou-lhes que eu já tivera uma briga com a polícia.

Foi como mágica. Era minha carta branca com eles, e Tomé apresentou-me com grande orgulho.

— Ei, rapazes, disse ele, olhem aqui o pregador que foi expulso do julgamento do caso Farmer.

Um por um os rapazes se desgrudaram da parede do prédio e vieram inspecionar-me. Apenas um não se mexeu. Abriu um canivete e começou a escrever, com ele, um palavrão, junto ao aviso que proibia se demorar naquele local. Enquanto conversávamos, duas ou três meninas também chegaram.

Tomé perguntou acerca do julgamento, e contei-lhes que estava interessado em ajudar adolescentes, principalmente os das quadrilhas. Todos, menos o que escrevia, ouviam-me atentamente, e vários deles disseram que eu era “um dos nossos”.

— O que vocês querem dizer com isso? perguntei.

A lógica deles era simples. A polícia não gostava de mim; a polícia não

gostava deles. Estávamos na mesma situação; e, portanto, eu era um deles. Foi a primeira vez, mas certamente não foi a última que me apresentaram essa lógica. Momentaneamente revivi aquela cena em que os policiais me arrastavam para fora daquela sala, mas agora via-a com outros olhos. Fiquei arrepiado como sempre me acontece quando sinto os perfeitos desígnios de Deus.

Não tive mais tempo de pensar nisso, pois o rapaz que segurava a faca chegou mais perto. Suas palavras ditas na linguagem própria de um rapaz de rua cortaram o meu coração muito mais do que poderia ter feito o seu enorme canivete.

— David, disse o menino.

Sacudiu os ombros para acomodar o paletó, e eu observei que, quando ele fez isso, outros rapazes se afastaram um pouco. Deliberadamente, ele abriu e fechou o seu canivete várias vezes. Afinal, abriu-o e, calmamente, passou-o pela frente do meu paletó, batendo em cada um dos botões. Não disse nenhuma palavra, até chegar ao fim desse seu pequeno ritual.

— David, disse ele afinal, aceito você, mas se algum dia, David, você se colocar contra a turma desta cidade …

Senti a ponta da faca sendo espetada levemente na minha barriga.

— Qual é o seu nome, rapaz?

Era José, mas foi outro rapaz quem o disse.

— José, não sei por que Deus me trouxe a esta cidade, mas quero dizer-lhe uma coisa. Ele está do seu lado, isso posso lhe afirmar.

José me olhava fixamente, mas devagar senti que a pressão sobre a faca diminuía, até que afinal ele a tirou e desviou o olhar.

Habilmente Tomé mudou de assunto.

— David, se você quer conhecer os membros das quadrilhas, por que não começa aqui mesmo? Estes camaradas aqui são todos Rebeldes, mas posso apresentá-lo a alguns GGU também?

— GGU?

— Grandes Gângsteres Unidos.

Meia hora depois de minha chegada a Nova Iorque, eu já estava sendo apresentado à segunda quadrilha das ruas. Tomé deu-me instruções quanto às ruas pelas quais deveria passar, mas eu não conseguia entendê-lo.

— Puxa, mas você é mesmo um caipira, hein!

— Nancy! disse ele, chamando uma das moças que estavam ali perto. Leve o pregador até os GGU, viu?

Os GGU se reuniam num porão da Rua 134. Para chegar ao seu "clube", Nancy e eu descemos por uma escadaria de cimento, passando por latas de lixo acorrentadas ao prédio, gatos magros de pêlo duro e imundo, e um monte de garrafas de vodca, até que, afinal, Nancy parou e bateu duas vezes depressa e quatro devagar, numa porta.

Uma mocinha abriu-a, e, a princípio, pensei que ela estava brincando. Era o tipo perfeito de uma pessoa vagabunda. Estava descalça, trazia uma latinha de cerveja na mão e um cigarro pendurado no canto da boca. O cabelo estava despenteado e o vestido caído de um dos ombros, de maneira provocadora. Duas coisas me impediram de rir. A fisionomia dessa menina não mostrava sinais de quem está brincando; e segundo, era uma criança, uma simples adolescente.

— Maria? disse Nancy. Podemos entrar? Quero que você conheça um amigo.

Maria sacudiu o ombro — aquele que sustentava o vestido — e abriu mais a porta. O lugar estava escuro, e demorou um pouco para que eu percebesse que estava cheio de casais. Rapazes e moças, todos adolescentes, se entrelaçavam nesse local frio e malcheiroso, e eu reconheci, de repente, que Tomé estava certo — eu era mesmo um caipira — não fora Maria quem tinha tirado os próprios sapatos, nem puxado o vestido.

Alguém ligou uma luz de boate, e os pares se desenlaçaram devagar, olhando para mim com aquele mesmo ar de monotonia que havia percebido nos Rebeldes.

— Este é o pregador que foi expulso do julgamento do caso Farmer, disse Nancy.

Imediatamente, deram-me toda atenção e, mais do que isso, sua simpatia. Naquela tarde tive a oportunidade de pregar o primeiro sermão a uma quadrilha nova-iorquina.

Naturalmente nem tentei transmitir-lhes uma mensagem complexa, apenas disse que eram amados! Eram amados, mesmo entre as garrafas de vodca, e na busca da satisfação ilusória do sexo. Deus compreendia o que estavam procurando, quando bebiam ou brincavam com o sexo, e ansiava dar-lhes o que procuravam: estímulo, bem-estar e a sensação de serem amados. Mas Deus tinha esperanças muito mais altas para todos eles; queria dar-lhes tudo o que eles nunca conseguiriam através de uma garrafa num porão frio.

Quando fiz uma pausa, um rapaz disse:

— Continue, pregador. Você está acertando na mosca! Era a primeira vez que ouvia essa expressão. Significava que eu estava alcançando seu sentimento mais íntimo, e era o maior elogio que me poderiam ter feito.

Teria saído daquele esconderijo meia hora mais tarde grandemente animado, se não fosse o meu primeiro encontro com narcóticos. Maria — fiquei sabendo depois, que ela era presidente das gatas da GGU, a quadrilha feminina aliada aos GGU — interrompeume, quando disse que Deus poderia ajudá-los a alcançar uma nova vida.

— Eu não, David, eu não.

Maria largou a cerveja e puxou o vestido de volta para o ombro.

— E por que você não, Maria?

Em vez de responder, ela levantou a manga do vestido e mostrou-me o braço à altura do cotovelo, do lado interno. Não entendi.

— Não sei o que está dizendo, Maria.

— Venha cá.

Maria foi até a luz e mostrou-me o braço novamente. Estava cheio de ferimentos como picadas de pernilongo, infeccionadas. Algumas já antigas e azuis, outras recentes e lívidas. Imediatamente entendi que essa mocinha estava tentando me dizer que era viciada em narcóticos.

— Eu tomo picadas na veia, David. Não há esperança para mim, nem mesmo da parte de Deus.

Olhei para os outros, para averiguar se ela estava sendo melodramática, mas nenhum deles sorria. Naquela rápida olhada para os rostos daquelas crianças, aprendi o que veria mais tarde em estatísticas policiais e relatórios de hospitais: a medicina não tem cura para viciados em drogas. Maria expressara a opinião dos entendidos: não há esperança para o viciado que injeta heroína diretamente na corrente sanguínea.

Maria era uma dessas pessoas.

4

Quando voltei ao carro, que ainda estava estacionado na Broadway, Miles já estava preocupado. — Fiquei com medo de você ter se metido em outro caso de homicídio, sendo você a vítima, disse ele.

Quando lhe falei das duas quadrilhas que encontrara uma hora depois de minha chegada a Nova Iorque, Miles apresentou o mesmo pensamento fantástico que também me ocorrera.

— Você está percebendo, naturalmente, que nunca teria tido uma oportunidade de falar-lhes, se não tivesse sido expulso do tribunal e fotografado daquela maneira?

Fomos à cidade, e resolvemos ir pessoalmente ao escritório do promotor de justiça, apenas porque o único caminho para aqueles sete rapazes era por ali, e não porque tínhamos qualquer ilusão quanto à nossa recepção naquele lugar.

— Gostaria de poder convencê-los de que o único interesse que tenho em ver aqueles rapazes é o bem-estar deles, disse eu.

— Reverendo, mesmo que cada palavra que diz saísse diretamente dessa sua Bíblia, ainda assim não poderíamos permitir que visitasse esses rapazes. A única maneira de vê-los, sem a permissão do Juiz Davidson, é conseguir uma permissão assinada pelos pais.

Eis que se abria um novo caminho!

— Poderia dar-me seus nomes e endereços?

— Sinto muito, mas isso é impossível.

Saindo de lá, peguei a página já rasgada e amassada daquela revista *Life,* e verifiquei que o nome do líder da quadrilha era Luis Alvarez. Enquanto Miles ficava novamente no carro, entrei num bar e troquei cinco dólares — quase todo o dinheiro que nos restava — por fichas telefônicas. Comecei então a telefonar a todos os Alvarez que havia na lista telefónica, mais de duzentos, apenas no

centro.

“É da residência de Luis Alvarez, o que está sendo julgado pelo assassinato de Michael Farmer?” perguntava.

Silêncio de quem se sente ofendido. Palavras malcriadas. Um fone colocado no gancho com força. Já havia usado quarenta fichas, e era claro que nunca encontraria os rapazes dessa maneira.

Saí novamente e voltei ao carro. Eu e Miles ficamos desanimados, sem a mínima idéia do que fazer em seguida. Ali mesmo no carro, com os arranha-céus de Manhattan elevando-se acima de nós, curvei a cabeça e orei:

“Senhor, se estamos aqui por tua conta, é preciso que nos guies. Chegamos ao fim de nossas humildes idéias; leva-nos aonde devemos ir, porque não sabemos como fazê-lo.”

Saímos ao acaso, na direção em que o carro estava virado — para o norte — e logo nos vimos em meio a um engarrafamento de trânsito. Quando afinal conseguimos sair de lá, nos perdemos no Central Park. Rodamos a esmo, e tomamos então a primeira saída — apenas para sairmos do parque. Demos numa avenida que levava ao coração do Harlem Espanhol, e de repente senti aquele desejo incompreensível de sair do carro.

— Vamos procurar um estacionamento, disse eu a Miles.

Estacionamos na primeira vaga que encontramos e saí. Andei um pouco, mas parei sem saber o que fazer. Não sentia mais aquele impulso que me impelia para a frente. Alguns rapazes estavam sentados num degrau e eu lhes perguntei:

— Onde mora Luis Alvarez?

Olharam todos para mim com ar carrancudo, e nada responderam. Dei mais alguns passos sem rumo. Daí, um menino negro veio correndo atrás de mim:

— Você procura Luis Alvarez?

— Sim.

Ele me olhou de modo estranho.

— O que está na cadeia por causa do menino aleijado?

— Sim. Você o conhece?

O rapaz ainda me olhava desconfiado.

— Aquele carro é seu? perguntou.

Já estava cansado de perguntas.

— E meu sim; por quê?

O menino riu e disse:

— Puxa, você parou bem em frente à casa dele.

Fiquei arrepiado e apontei para o velho prédio de pequenos apartamentos, em frente ao qual eu parara.

— Ele mora lá? perguntei quase num cochicho.

O garoto acenou que sim. Quantas vezes minha fé vacilou, quando minhas orações não eram respondidas; mas é ainda mais difícil de se acreditar na oração respondida. Pedimos a Deus que nos guiasse, e ele nos havia colocado bem na porta de Luis Alvarez.

— Obrigado, Senhor, disse eu em voz alta.

— O que foi que você disse?

— Obrigado, disse eu, dirigindo-me ao menino. Muito obrigado, mesmo.

***

No vestíbulo sujo daquele prédio havia uma caixa para correspondência, indicando que os Alvarez moravam no terceiro andar. Subi as escadas correndo.

O *hall* do terceiro andar cheirava a urina e poeira, as paredes de cor marrom-escuro eram de lata, onde havia um desenho em altorelevo.

— Sr. Alvarez? chamei diante de uma porta que ostentava esse nome impresso, em letra de fôrma.

Ouvi uma voz que dizia algo em espanhol, no interior do apartamento, e, esperando ser um convite para que eu entrasse, empurrei a porta e olhei. Vi um homem magro de pele escura, assentado numa enorme cadeira vermelha, segurando um rosário. Ele sorriu quando me viu.

— Você, David, o pregador! disse ele bem devagar. Os soldados jogaram

você para fora!

— Sim, disse eu, e entrei. O Sr. Alvarez levantou-se.

— Eu oro para você vir; você ajuda meu menino?

— Eu quero muito ajudá-los, Sr. Alvarez, mas não permitem que eu entre para visitar o Luis. Preciso ter permissão por escrito de você e dos pais dos outros rapazes.

— Isso eu dá.

O Sr. Alvarez pegou lápis e papel da gaveta da cozinha. Com muita dificuldade escreveu que eu teria permissão para visitar Luis Alvarez. Dobrou o papel e o entregou a mim.

— O senhor tem os nomes e endereços dos pais dos outros rapazes?

— Não, disse o pai de Luis, dando-me as costas. Você sabe, o problema é esse, não tenho intimidade com meu filho. Deus, que trouxe você aqui, levará você aos outros.

***

Foi assim que, apenas alguns minutos depois de parar a esmo na Rua Harlem, eu já tinha a primeira permissão assinada. Saí do apartamento pensando se era possível que Deus houvesse dirigido meu carro a esse endereço, em resposta à oração desse pai. Minha mente procurava outra solução. Quem sabe vira o endereço em algum jornal e o meu subconsciente o guardara.

Mas, ainda enquanto pensava nisso, descendo aquelas escadas escuras, deu-se outro acontecimento que nunca poderia ser explicado como memória subconsciente. Virando-me, depois de um dos lances da escada, colidi com um jovem que subia correndo.

— Desculpe-me, disse eu, sem parar.

O rapaz olhou para mim, resmungou qualquer coisa e já ia continuando, quando eu passei sob uma luz. Aí então, ele parou e olhou-me novamente.

— Pregador?

Virei-me. O rapaz estava olhando atentamente, tentando enxergar melhor naquela escuridão.

— Não é você que foi expulso do julgamento de Luis?

— Sim, eu sou David Wilkerson. O rapaz estendeu a mão.

— Eu sou Angelo Morales, reverendo, e faço parte da quadrilha de Luis. Você foi visitar a família Alvarez?

— Sim.

Então, contei a Angelo que precisava de permissão paterna para visitar Luis, e de repente vi a mão de Deus no nosso encontro.

— Angelo, disse eu, preciso conseguir a permissão de *todos* os pais. O Sr. Alvarez não sabe onde moram os outros; você sabe?

Angelo foi por todo o Harlem conosco, mostrando-nos onde moravam os outros seis envolvidos no julgamento do caso de Michael Farmer. Enquanto rodávamos, Angelo nos contou um pouco sobre a sua própria vida. Ele deveria ter estado com aquela turma que "acabara" com Michael Farmer, mas estivera com dor de dente, o que o impediu de sair com eles. Disse que os rapazes não entraram no parque com qualquer intenção especial; estavam apenas "procurando barulho". Se não fosse Farmer, eles estariam numa luta de quadrilhas.

Aprendemos muito com Angelo, e confirmamos muita coisa que já suspeitávamos. Os componentes dessa quadrilha — senão de todas — sentiam-se entediados, abandonados e tinham raiva de tudo e de todos. Procuravam emoção e aventuras de qualquer sorte.

Angelo tinha um jeito especial de contar as coisas bem claramente. Era um menino vivo e simpático e queria ajudar-nos. Miles e eu concordamos que, independentemente do resto dos nossos planos, manteríamos contato com Angelo Morales, e mostraríamos a ele um caminho melhor.

Dentro de duas horas conseguimos todas as assinaturas.

***

Despedimo-nos de Angelo, depois de anotar seu endereço e prometer mantermos contato com ele. Voltamos à cidade com o coração alegre, e até cantamos ao passar novamente pelas dificuldades do tráfego da Broadway.

Fechamos as vidraças e cantamos, com vontade, os velhos hinos evangélicos que conhecíamos desde a infância. Os inegáveis milagres que se haviam realizado nessas últimas horas nos davam nova segurança de que quando saíssemos, confiando em Cristo e na sua promessa de nos guiar, todas as portas se abririam.

Nunca pensamos, ao nos dirigirmos para o centro cantando, que alguns minutos mais tarde, todas as portas se fechariam novamente, porque nem com aquelas assinaturas conseguiríamos visitar os sete rapazes.

O oficial de justiça ficou bastante surpreso ao ver-nos de volta tão depressa e, quando apresentamos as assinaturas exigidas, ele olhou-as como alguém que contempla algo impossível. Telefonou para a prisão e disse que, se os rapazes quisessem nos ver, teriam de nos deixar entrar.

Foi na própria prisão que deparamos com um empecilho estranho e totalmente inesperado. Não foi da parte dos rapazes nem dos oficiais, mas de um colega de ministério. O capelão da cadeia, sob cujos cuidados estavam, considerou inoportuno serem apresentados a outra personalidade.

Todos os rapazes assinaram um formulário em que afirmavam: “Queremos falar com o Reverendo David Wilkerson”. O capelão acrescentou um “Não” ao início da frase, e nenhuma persuasão conseguiu fazer com que aquela decisão fosse desrespeitada.

Novamente atravessamos a Ponte George Washington — bastante perplexos. Por que teríamos recebido ânimo de forma tão dramática, para depois ver tudo dar em nada novamente?

Foi enquanto rodávamos pela estrada da Pensilvânia, tarde da noite, quase na metade do caminho de volta à nossa cidadezinha, que eu vi um raio de esperança naquela escuridão que nos cercava.

— Ah! Já sei! disse eu em voz alta, acordando Miles que cochilava.

— Já sabe o quê?

— Já sei o que vou fazer.

— Ainda bem que já está resolvido, disse Miles enquanto se enrolava e dormia novamente.

O raio de esperança era um homem, um homem notável: o pai de meu pai. A esperança era que ele concordasse em ouvir o meu problema.

— Sabe o que eu acho que você está fazendo? perguntou Gwen enquanto tomávamos uma xícara de chá na cozinha, antes da minha partida para visitar vovô. Acho que você precisa sentir que é parte de uma grande tradição, e não apenas um pobre galho isolado. Acho que você quer ter contato com o passado novamente, e o que é mais, creio que você está certo. Procure voltar ao passado tanto quanto puder, David; é disso que você precisa agora.

Eu telefonara para o vovô dizendo que queria vê-lo.

— Pode vir, meu filho, respondeu. Vamos bater um bom papo.

Meu avô tinha setenta e nove anos de idade e não havia perdido a vitalidade. Vovô fora conhecido por toda aquela redondeza, quando mais moço. Era descendente de ingleses, galeses e holandeses. Era filho, neto e talvez bisneto de pregadores. A tradição se perde na história primitiva da Reforma Protestante, na Europa e nas Ilhas Britânicas. Que eu saiba, desde o dia em que os clérigos começaram a se casar na igreja cristã, existe um Wilkerson no ministério, aliás, um ministério inflamado.

5

A viagem de Philipsburg até a fazenda perto de Toledo, onde vovô gozava a sua aposentadoria, era bastante longa. Durante a viagem ocupei-me em tomar conhecimento do meu passado, como Gwen recomendara. As lembranças que eu tinha eram alegres e cheias de vida, principalmente quando vovô entrava em cena.

Ele nascera em Cleveland, estado de Tenessee. Já era pregador aos vinte anos, e enfrentava uma vida bastante rigorosa. Era pregador itinerante, o que significava que passava grande parte do seu ministério na garupa do cavalo. Galopava em seu animal, de uma igreja a outra, e geralmente era pregador, regente do coro e zelador ao mesmo tempo. Era o primeiro que chegava à igreja; acendia a lareira, varria os ninhos de rato, e arejava o lugar. Depois chegava a congregação, e ele então dirigia os cânticos, hinos bem conhecidos como *Graça Sublime* e *Quão Bondoso Amigo é Cristo.* E depois, pregava.

Sua pregação não era muito convencional, e algumas das suas convicções chocavam os contemporâneos. Por exemplo, quando vovô era moço, era considerado pecado usar enfeites, como laços ou penas. Os presbíteros de algumas igrejas carregavam tesourinhas, amarradas por um cordão. Se alguma senhora penitente se chegava ao altar, usando uma fita no chapéu, as tesouras entravam em ação acompanhadas de um sermão intitulado: “Como Entrar no Céu com

Todas Estas Fitas na Roupa?”

Mas vovô não tinha essa opinião. Quando ficou mais velho, criou o que ele chamava de “A Escola Contrafilé” de evangelização.

“Conquiste as pessoas como se conquista um cachorro”, costumava dizer. “Você vê um cachorro passar pela rua com um osso seco na boca. Não adianta tirar o osso dele e dizer que não lhe fará bem. É provável que avance contra

você, porque é a única coisa que ele tem. Mas se você joga um bom bife de contrafilé na frente dele, num instante ele larga aquele osso velho e pega o bife, abanando o rabo. E você ganhou um amigo. Em vez de sair tomando ossos das pessoas ou cortando as suas penas, vou dar-lhes alguns bifes de contrafilé — alguma coisa que tenha bastante carne e vida. Vou falarlhes sobre “A Nova Vida”.”

Vovô pregava não só em igrejas, mas também em tendas de lona, e até hoje, quando viajo, ouço contar casos de como o velho Jay Wilkerson dirigia reuniões animadas. Certa vez, por exemplo, ele estava pregando em Jamaica, Long Island. Era quatro de julho, dia da independência americana e, por ser feriado, havia muita gente.

Durante aquela tarde, meu avô fora visitar um amigo que tinha uma grande loja. Este mostrou-lhe umas bombinhas, grande novidade naquele ano, que estava vendendo muito, para as festas da Independência — bastava jogar no chão ou pisar em cima, e elas soltavam uma fumaça e estouravam. Vovô gostou e comprou um pouco, pôs no bolso e se esqueceu delas.

Meu avô pregou sobre a nova vida em Cristo, mas também falou do inferno, descrevendo, às vezes, muito vividamente o que era esse lugar. Falava sobre isso quando levou a mão ao bolso e percebeu as bombinhas. Devagar, sem que ninguém percebesse, ele pegou algumas e jogou na plataforma atrás de si. Depois continuou falando sobre o inferno com a expressão da maior inocência, como se não estivesse percebendo a fumaça e os estalos.

Depois disso, correu um boato de que quando Jay Wilkerson falava do inferno, quase que se podia ouvir o crepitar do fogo e sentir o cheiro da fumaça.

***

A princípio, o povo esperava que o meu pai fosse igual ao vovô, mas ele era bem diferente. Era mais um pastor de almas do que evangelista. Por causa da vida que vovô levava, pregando em diversos lugares, meu pai cresceu sentindo

falta da segurança de um lar fixo, o que refletiu na sua carreira. Durante todo o seu ministério esteve em apenas quatro igrejas, ao passo que vovô estava numa igreja diferente quase toda noite. Meu pai edificou igrejas estáveis e sólidas em que ele era benquisto, e o consultavam em época de problema ou dificuldade.

"Eu acho que é preciso esses dois tipos de pregadores para formar a igreja", disse-me papai, certo dia, quando morávamos em Pittsburgh. "Mas como gostaria de possuir o dom que seu avô tem de acabar com o orgulho das pessoas! Como precisamos disso nesta igreja!"

E da próxima vez que vovô passou lá, deu-nos uma demonstração dessa sua habilidade. (Vovô estava sempre "passando".)

A igreja do papai ficava num bairro elegante, onde moravam os banqueiros, advogados e médicos da cidade. Era de fato um lugar estranho para uma igreja pentecostal, porque nossos cultos tendem a ser um tanto barulhentos e sem solenidade. No caso presente, entretanto, nós os tornamos mais solenes, em deferência à vizinhança. Foi preciso que vovô aparecesse, para nos mostrar que estávamos errados.

Quando o vovô chegou, todos estavam tentando viver como o vizinho, muito sóbria e elegantemente.

"E mortos", dizia vovô. "Ora, a religião de um homem deve darlhe vida!"

Papai, calado, dava de ombros e tinha de concordar. Depois cometeu o erro de pedir que vovô dirigisse o culto daquela noite.

Eu estava lá e nunca poderei me esquecer da expressão de meu pai, quando a primeira coisa que o vovô fez foi tirar os sapatos sujos e colocá-los em cima da grade do altar.

"E agora?" disse o vovô, ficando em pé e olhando para a congregação assustada. "Estão preocupados com um par de sapatos sujos, por quê? Ah, sujei sua linda igrejinha! Feri o seu orgulho, mas tenho certeza de que, se perguntasse antes se eram orgulhosos, todos diriam que não."

Papai estava vermelho de vergonha.

"Muito bem", disse vovô dirigindo-se a ele, "pode ficar vermelho; você

também precisa disso. Onde estão os diáconos desta igreja?”

Quando estes se identificaram, levantando as mãos, ele disse:

“Quero que abram todas as janelas. Vamos fazer um pouco de barulho, e eu quero que esses banqueiros e advogados, sentados nos seus alpendres nesta noite de domingo, o ouçam. Quero que saibam o que significa alegrar-se na sua religião. Vocês hoje vão pregar um sermão — aos vizinhos.”

Vovô pediu que todos ficassem de pé. Ficamos. Em seguida ordenou que começássemos a andar ao redor dos bancos, batendo palmas. E nós andamos e batemos palmas, por quinze minutos. Quando quisemos parar, ele disse que não, e tivemos de andar e bater palmas mais um pouco. Em seguida, ele nos fez cantar. Estávamos andando, batendo palmas e cantando. Se mostrávamos vontade de parar, vovô abria as janelas mais um pouco. Olhei para papai e imaginei o que ele estava pensando:

“Vai ser difícil enfrentar esses vizinhos, mas foi a melhor coisa que poderia ter acontecido.”

Aí ele começou a cantar com vontade e mais alto do que todos.

Foi um culto inesquecível. No dia seguinte, papai recebeu as primeiras reações dos vizinhos. Ele foi ao banco cuidar de um negócio, e lá, atrás de uma escrivaninha, estava um deles. Papai quis sair depressa, mas ele o chamou:

“Reverendo Wilkerson.” O banqueiro convidou-o a entrar para dentro do gradil, e disse: “Como vocês cantaram na sua igreja ontem! Todos estão comentando! Sempre ouvíamos falar que vocês sabiam cantar bem, e estávamos sempre esperando ouvi-los. Foi a melhor coisa que já aconteceu neste bairro.”

***

Durante os três anos seguintes, aquela igreja foi dominada por um espírito verdadeiro de liberdade e poder, e com isso eu aprendi uma tremenda lição.

“É preciso pregar o Pentecostes”, dizia meu avô quando comentava com papai o culto-dos-sapatos-sujos. “Por si só o Pentecostes significa poder e vida. Foi isso que veio à igreja, quando o Espírito Santo desceu.”

E vovô continuava, esmurrando a própria mão:

“Quando você tem poder e vida, será robusto, e quando você é robusto, é provável que faça barulho, o que só lhe poderá fazer bem, e certamente vai sujar os sapatos.”

Para vovô, sujar os sapatos não significava apenas sujar as solas, andando no barro, onde houvesse necessidade, mas também esfolar os bicos, ao ajoelhar-se.

Vovô era um homem de oração; e nisso toda a família era parecida com ele. Ele ensinou meu pai a ser um homem de oração, e papai por sua vez transmitiu a mim esse grande ensinamento.

Certa vez, quando vovô estava de passagem, disse-me:

“David, você tem coragem de orar quando está em dificuldades?”

A princípio pareceu uma pergunta estranha, mas quando vovô insistiu, percebi que ele estava querendo dizer algo importante. Eu agradecia a Deus pelas coisas boas que tinha, como meus pais, um bom lar, alimento necessário, educação. Orava, também, num sentido geral e evasivo, para que o Senhor, de alguma maneira, algum dia me escolhesse para fazer o seu serviço. Mas orar por algo específico, isso eu raramente fazia.

E o vovô, olhando seriamente para mim, pela primeira vez sem piscar um olho, disse:

“David, quando você aprender a ser específico nas suas orações em público, aí então descobrirá o poder.”

Não entendi bem o que ele quis dizer, talvez porque tivesse doze anos de idade, e também porque instintivamente tive medo da idéia. Ser específico em público, ele dissera. Isso significava orar na vista dos outros: “Peço tal coisa”. Significava correr o risco de não receber resposta para a oração.

Foi por acidente, num dia horrivelmente inesquecível, que fui forçado a descobrir o que vovô quisera dizer. Durante toda a minha infância, meu pai não gozara de boa saúde, tendo úlceras no duodeno e sofrendo dores quase constantes, por mais de dez anos.

Certo dia, voltando da escola, vi uma ambulância passar por mim a grande velocidade, e quando ainda estava a mais de um quarteirão de casa, descobri para onde ela ia. De longe ouvia os gritos de papai.

Um grupo de presbíteros da igreja estava sentado em atitude solene na sala, e o médico não permitiu que eu entrasse no quarto onde estava papai, por isso mamãe saiu e conversou comigo no corredor.

— Ele vai morrer, mãe?

Mamãe olhou bem para mim e resolveu contar-me a verdade:

— O médico diz que talvez viva mais umas duas horas. Nesse instante, papai deu outro grito de dor, e mamãe, colocando a mão no meu ombro, entrou depressa no quarto.

— Estou aqui, Kenneth, disse ela, enquanto fechava a porta.

Antes, porém, que a porta se fechasse, eu olhei para dentro do quarto e vi por que o médico não quis que eu entrasse: a cama do papai e o chão estavam cobertos de sangue.

Naquele instante, lembrei-me da promessa do vovô.

“Quando você aprender a ser específico nas suas orações em público, você descobrirá o poder.”

Por um momento passou-me pela idéia dirigir-me àqueles homens sentados na sala e anunciar que eu estava orando, para que papai levantasse da cama curado. Mas não podia fazê-lo. Mesmo naquela situação desesperadora, eu não podia testar a minha fé, colocando-a num lugar de onde talvez fosse derrubada.

Esquecendo-me das palavras do vovô, corri e escondi-me, querendo fugir de todas as pessoas. Escondi-me no lugar mais escuro e isolado (pensava eu) da casa — o depósito de carvão, e ali orei, tentando superar a falta de fé com o volume de voz, gritando a minha oração.

O que eu não sabia era que estava orando, numa espécie de sistema de alto-falantes. A nossa casa era aquecida por intermédio de ar quente, e os canos, que tinham o formato de trombeta, saíam da fornalha que ficava ao lado do depósito de carvão. Minha voz foi levada pelos canos, de modo que os homens da igreja,

sentados na sala, de repente, ouviram uma voz fervorosa em oração, sem ver ninguém. O médico no quarto ouviu-a, e meu pai no seu leito de morte, também.

— Traga David aqui, murmurou ele.

Assim, levaram-me para cima, passando diante dos presbíteros que me olharam de modo estranho. Quando entrei no quarto, papai pediu ao Dr. Brown que esperasse no corredor, uns instantes, e quando ele saiu, pediu à mamãe que lesse em voz alta Mateus 21.22. Mamãe abriu a Bíblia e leu a passagem: “E tudo quanto pedirdes em oração, crendo, recebereis”.

Sentia-me emocionado.

— Mamãe, podemos tomar posse dessa promessa para o papai, agora?

Assim, enquanto papai jazia inerte na cama, mamãe começou a ler a mesma mensagem, repetidas vezes. Leu-a talvez doze vezes, e enquanto lia levantei-me da cadeira e fui até à beira da cama de papai, colocando as mãos na sua testa.

— Jesus, eu orava, Jesus, eu creio na tua palavra. Cura o meu pai!

E fiz ainda mais. Fui até a porta, e abrindo-a, disse em voz bem alta:

— Dr. Brown, pode vir. Eu … (como foi difícil dizê-lo) orei, crendo que o papai vai melhorar.

O médico olhou para toda a sinceridade dos meus doze anos e sorriu, um sorriso simpático, compassivo e totalmente incrédulo. Mas o sorriso deu lugar, primeiro, a uma expressão de perplexidade e, depois, de assombro, ao curvar-se para examinar meu pai.

— Alguma coisa aconteceu, disse ele tão baixinho, que eu quase não podia ouvir.

O médico apanhou seus instrumentos com as mãos trêmulas e mediu a pressão de papai.

— Kenneth, disse ele, levantando as pálpebras de papai, examinando seu abdome e medindo a pressão novamente. Kenneth, como está se sentindo?

— Como se uma nova força percorresse minhas veias.

— Kenneth, disse o médico, acabo de presenciar um milagre.

***

Naquele instante milagroso, papai pôde levantar-se, e eu me livrei de qualquer dúvida a respeito do poder da oração. Dirigindo-me para a fazenda do vovô, tantos anos depois, essa foi uma das recordações que me acompanharam na viagem.

Quando cheguei, constatei com prazer que vovô estava mais lúcido do que nunca. Talvez seus movimentos fossem mais compassados, mas a mente trabalhava com a mesma agilidade e com a mesma sabedoria penetrante. Ele assentou-se numa cadeira velha, inclinando-a para trás, ouvindo atentamente enquanto eu relatava minhas estranhas experiências. Falei quase uma hora, e ele às vezes interrompia para fazer uma pergunta. Terminei a minha história com uma pergunta.

— O que quer dizer isso tudo, vovô? Você crê que eu tive um chamado real para ajudar aqueles meninos que estão sendo julgados?

— Não, acho que não, disse vovô.

— Mas, tantas coisas … comecei a dizer. Mas ele continuou:

— Penso que aquela porta está fechada, bem fechada. Eu acho, David, que o Senhor não vai permitir que você veja aqueles sete meninos por muito, muito tempo. Eu lhe digo por quê. Se você os vir agora, poderá pensar que a sua responsabilidade entre os adolescentes em Nova Iorque está terminada. E eu acho que há planos maiores para você.

— Como assim?

— Eu sinto, David, que o plano não era que você visse apenas sete rapazes, mas milhares de rapazes como aqueles.

Vovô esperou um pouco, para aumentar o efeito das suas palavras; depois continuou.

— Refiro-me a todos os rapazes amedrontados, perplexos e abandonados de Nova Iorque, que talvez cheguem a cometer homicídio como aventura, a não ser que você os ajude. Sinto, David, que o que você tem a fazer é ampliar os seus

horizontes.

Vovô tinha um jeito de dizer as coisas que me deixava animado. De repente, desejei voltar à cidade e começar a trabalhar, em vez de fugir dela o mais depressa possível, como havia sido a minha atitude até então. Disse a vovô o que sentia.

Vovô sorriu e disse:

— É fácil dizer isso sentado aqui na cozinha quentinha do seu avô, mas espere até encontrar mais alguns desses rapazes, antes de pensar em suas visões. Eles estão cheios de ódio e pecado, mais do que você jamais ouviu. São meninos apenas, mas já conhecem o homicídio, o estupro e a sodomia. Como é que você vai lidar com essas coisas, quando encontrá-las?

— Deixe-me responder a minha própria pergunta, David. Em vez de olhar para essas coisas, você tem de manter os olhos fitos no coração do evangelho. E o que é isso?

Olhei bem para ele.

— Já ouvi o senhor falar bastante sobre o assunto, e vou dar-lhe uma resposta de um dos seus próprios sermões. O coração do evangelho é mudança. É transformação. E nascer para uma vida nova.

— Dito assim por você, parece muito simples, David. Espere até ver o Senhor operar essa mudança, e então você terá mais emoção na voz. Mas a teoria é esta. O coração da mensagem de Cristo é extremamente simples: um encontro com Deus — um encontro verdadeiro — implica transformação.

Pela atitude de vovô, percebi que nossa entrevista estava chegando ao fim. Levantou-se da sua cadeira devagar e dirigiu-se à porta. Sabendo o quanto ele era dramático, senti que a parte mais importante da nossa conversa começaria agora.

— David, disse vovô com a mão na porta. Ainda estou preocupado com você, sobre o seu encontro com a vida nua e crua da cidade. Você teve uma vida protegida. Quando você encontrar a impiedade encarnada, ficará petrificado.

A essa altura, vovô começou a contar uma história que, a princípio, não

parecia ter a mínima relação com o assunto.

— Algum tempo atrás, eu estava andando nas montanhas, quando vi uma serpente enorme. Uma das grandes, David, de cinco centímetros de espessura e um metro de comprimento, deitada ali ao sol, tão asquerosa! Fiquei com medo e por muito tempo não dei nem um passo. Enquanto olhava fixamente para o bicho, vi um milagre. Um novo nascimento. Vi aquela serpente despir-se da sua pele e, deixando-a para trás, sair dali uma criatura nova e realmente linda.

— Quando você começar o trabalho na cidade, meu filho, não fique como eu fiquei, petrificado pela aparência exterior dos rapazes. Deus não fica. Ele está apenas esperando que cada um deles saia daquela casca velha de pecado, deixando-a para trás. Ele está esperando ansiosamente que o novo homem apareça. Não se esqueça disso, David, quando você se encontrar com as serpentes, como certamente acontecerá, nas sarjetas de Nova Iorque.

6

Quando voltei a Nova Iorque, meu estado de espírito estava bem diferente. Já não era um homem com a simples missão de ajudar sete rapazes envolvidos num caso de homicídio. Contudo pensava comigo mesmo: “Se preciso fazer algo mais, gostaria de ter uma idéia certa do que devo fazer”.

Era uma visão que não parecia estar bem ao meu alcance, como um sonho parcialmente esquecido; só sabia que tinha a ver com o auxílio específico que eu deveria prestar a rapazes como Luis e seus amigos.

Não queria também deixar passar uma única oportunidade de ter contato com a quadrilha de Luis. A sentença já fora dada: quatro dos rapazes, incluindo ele, foram condenados à reclusão; os outros três deveriam ser libertos. Desses três um seria enviado a um hospital psiquiátrico; o outro, seus pais já estavam providenciando para afastar da cidade. O último voltaria para casa. Resolvi, então, procurar entrar em contato com este.

Chegando ao endereço na Rua 125, vi outro nome na porta, mas bati assim mesmo, e não fiquei muito surpreso quando a mãe do rapaz abriu a porta. Lembrou-se de mim, de minha visita anterior, e mostrou satisfação em me rever. Convidou-me para entrar e disse:

— Como deve ter visto, mudamos o nosso nome. Constantemente pessoas iradas batiam à porta, e certo dia escreveram na parede: “Afaste seu filho da cidade, ou mande matá-lo”.

Na sala do seu pequeno apartamento, havia montes de jornais em cima das cadeiras, do sofá e da mesinha, e todos continham notícias do julgamento.

— O senhor não faz idéia, Reverendo Wilkerson, do que é abrir o jornal todos os dias e ver fotos do seu filho sendo julgado por homicídio. Os vizinhos trouxeram a maior parte desses jornais, e sempre demoravam um pouco mais para nos censurar. Meu marido também recebeu alguns jornais no seu local de

trabalho.

Fomos até à cozinha, onde havia um cheiro gostoso de comida mexicana, e ali conversamos sobre o futuro deles.

— Vocês ficarão aqui? perguntei.

— Gostaríamos de sair, mas é muito difícil por causa do emprego do meu marido.

— Mas o seu filho corre perigo aqui.

— Sim!

— Gostaria de mandá-lo para morar com a minha família na Pensilvânia, por um pouco de tempo? Teríamos muito prazer em recebê-lo.

— Não, disse aquela pobre mulher, mexendo a comida. Quando meu filho chegar é provável que vá embora, mas será para a casa de parentes. Ninguém o verá. Será como alguém que nunca existiu …

Saindo de lá meia hora depois, voltei-me para dizer adeus e vi o que estava escrito na parede. Tinham esfregado bastante, tentando apagar as letras, mas ainda estava bem visível, principalmente o pedaço que dizia "… ou mande matá-lo".

Foi assim que novamente fui impedido de entrar em contato com os rapazes da quadrilha de Luis. Talvez eu devesse aceitar o fato de que havia algum propósito nessas portas fechadas. É possível que fosse parte do sonho que me perseguia. Por mais improvável que parecesse, por menos preparado e até relutante que eu estivesse, começava a enfrentar a possibilidade de que, nessas ruas, muito em breve eu encontraria aquilo a que os quacres chamavam de o meu "fardo" de responsabilidade.

Deixando a Rua 125, e dirigindo-me ao carro novamente, elevei uma prece aos céus:

"Senhor, se há trabalho para mim neste lugar, diga-me qual é."

***

Foi esse o começo de uma longa caminhada pelas ruas de Nova Iorque, que durou quatro meses. Durante os meses de março, abril, maio e junho de 1958, fui à cidade uma vez por semana, aproveitando o meu dia de folga. Levantava cedo e, depois de oito horas de viagem, chegava a Nova Iorque à tarde Depois caminhava pelas ruas da cidade até a madrugada, voltando em seguida para casa.

Não estava ocupado em vãs explorações. Embora tudo aquilo fosse um tanto misterioso para mim, sentia ainda que era impelido por um propósito que não o meu. Não sabia como agir, senão voltar à cidade toda semana, mantendo-me em estado de receptividade, esperando sempre que a ordem se tornasse mais clara.

Lembro-me bem da primeira noite dessa caminhada. Antes de deixar Maria no seu porão úmido e malcheiroso, ela me dissera que um dos lugares mais brutais e violentos de Nova Iorque era BedfordStuyvesant, no Brooklyn, Maria dissera:

“Pregador, se você quiser ver o pior de Nova Iorque, atravesse a ponte do Brooklyn e abra os olhos.”

Será que eu realmente queria ver o pior de Nova Iorque? Não tinha muita certeza disso. Mas fora em berços como esse que haviam nascido os sete implicados no caso Farmer. Se eu quisesse levantar os meus olhos, como sugerira vovô, talvez tivesse de baixá-los primeiro.

Então peguei o carro e desci a Broadway, passei por Times Square e pelo Martinique, onde Miles e eu havíamos pousado, e fui até à ponte do Brooklyn. Depois de atravessá-la, pedi a um policial que me dissesse onde ficava Bedford-Stuyvesant. Foi assim que entrei pela primeira vez no lugar que tem mais assassinos por metro quadrado do que qualquer outro lugar na Terra. Naquele instante, nem me passou pela cabeça que, um dia, eu conheceria aquelas ruas tão bem como conhecia as de Philipsburg.

Bedford-Stuyvesant fora outrora o bairro residencial de distintas famílias de classe média, que moravam em casinhas de dois pavimentos com um jardim nos fundos. É agora um gueto de negros e porto-riquenhos. Foi numa fria noite de março que fiquei conhecendo aquele bairro.

Tive de rodar alguns quarteirões antes de achar um lugar para estacionar, porque, devido à demora da Prefeitura em retirar a neve, os carros estavam todos grudados nas guias das calçadas, em meio a montões de neve suja e congelada. Andar pela neve semiderretida, que cobria inteiramente os pés, e por cima dos montes de lixo escorregadios devido ao congelamento, era uma aventura até perigosa. Sozinho, vagueei pelas ruas, observando e ouvindo, sentindo a vida num nível tão baixo que, na segurança de minhas montanhas, eu não supusera existir.

Um homem bêbado estava deitado no passeio gelado. Abaixei-me para ajudá-lo, mas ele me xingou. Dirigi-me então a um policial que estava na esquina e falei-lhe acerca do bêbado. Ele sacudiu os ombros, e disse que tomaria providências. Mas, depois de dar alguns passos, ao olhar para trás, verifiquei que ele ainda estava de pé, na esquina, balançando seu cassetete.

Duas garotas paradas em frente de uma porta aberta me disseram:

— Ei, garotão, você está procurando companhia?

Do outro lado da rua um grupo de jovens estava na porta de uma confeitaria. Usavam casacos de couro com um emblema curioso nas costas. Queria falar-lhes, mas hesitei. Será que me ouviriam? Ou me ridicularizariam?

Afinal resolvi não atravessar a rua — não naquela noite. Andei mais um pouco, passei por bares, por latas de lixo a transbordar, passei por algumas igrejas e delegacias de polícia até chegar a um conjunto habitacional, com vidraças e lâmpadas quebradas, e uma tabuleta partida, que dizia: “Não pise na grama”, enterrada na neve fuliginosa.

Voltando para onde estava o carro, ouvi o que me pareceu ser o barulho de alguns tiros, mas pensei que me enganara porque ninguém naquela rua movimentada deu atenção. Dentro de alguns minutos um carro de radiopatrulha passou com a sirena tocando, e parou rangendo os freios, com a luz vermelha piscando. Apenas seis pessoas pararam a fim de observar quando tiraram um homem de uma pensão, com o braço inerte pingando sangue. Era preciso mais do que um tiro no ombro para reunir um grupo de curiosos em Bedford-

Stuyvesant.

Voltei ao carro, e depois de colocar uma camisa velha na janela à guisa de isolamento, deitei-me, cobri-me com a capa do estofamento e finalmente dormi.

Hoje eu não faria isso, de maneira nenhuma. Não tanto pelo medo dos assassinos adultos, nem mesmo das quadrilhas dos adolescentes, mas sim dos "Pequenos". São crianças de oito, nove e dez anos que agem na periferia das quadrilhas dos jovens. Esses pequenos são realmente perigosos, porque cultivam a violência em razão da própria violência. Carregam as facas e revólveres dos seus heróis mais velhos e pensam que, usando-as, tornam-se homens. Se, hoje, eu tivesse de dormir num carro na rua, é dos Pequenos que eu teria medo.

Mas de manhã acordei são e salvo. Seria minha própria inocência que me preservara? Ou seriam as palavras do salmo que eu repetira várias vezes antes de dormir?

"Pois disseste: O Senhor é o meu refúgio. Fizeste do Altíssimo a tua morada. Nenhum mal te sucederá, praga nenhuma chegará à tua tenda. Porque aos seus anjos dará ordens a teu respeito, para que te guardem em todos os teus caminhos. Eles te sustentarão nas suas mãos, para não tropeçares nalguma pedra. Pisarás o leão e a áspide, calcarás aos pés o leãozinho e a serpente." (91.9-13.)

***

Pouco a pouco, durante aqueles quatro meses, fiquei conhecendo as ruas. Maria e Angelo me ajudaram muito nisso. (Sempre mantive contato com Angelo depois do nosso encontro na escada do apartamento de Luis.)

Certo dia, quando andávamos juntos numa rua do Harlem perguntei-lhe:

— Angelo, na sua opinião, qual é o maior problema que os rapazes enfrentam nesta cidade?

— Solidão, respondeu ele imediatamente.

Era uma resposta estranha; solidão numa cidade de oito milhões de habitantes. Mas Angelo disse que eram solitários, porque sentiam falta de amor,

e que todos os seus amigos nas quadrilhas sentiam isso, acima de tudo. Quanto mais eu conhecia Nova Iorque, mais me certificava de que Angelo estava certo.

Antes de me envolver pessoalmente com os problemas desses rapazes, não tinha a mínima idéia do que seria uma quadrilha de jovens de rua. Quando eu era moço, em Pittsburgh, tínhamos o nosso clube. Vários outros grupos faziam o mesmo, e o que acontecia dentro dessas cabanas variava de acordo com a idade e a personalidade da turma; mas em geral a atividade se limitava à conversa sobre meninas, automóveis, esportes, pais. Suponho ser importante que os adolescentes tenham suas turmas, para assim divagarem sobre o mundo adulto, sem perigo de serem ouvidos.

Existe esse tipo de clubinho também em Nova Iorque, simples reuniões sociais. Mas existe outro tipo de associação de adolescentes em Nova Iorque, bem diferente do primeiro: são as quadrilhas de briga. Esses rapazes nunca se afastam da violência. Sei de um caso em que uma briga levou dois meses para ser planejada; sei de outro caso em que às duas horas da tarde dez rapazes estavam numa esquina, bebendo refrigerantes, e às quatro um deles estava morto, e dois outros no hospital: uma briga entre quadrilhas inimigas começou e terminou nesse intervalo.

Além dessas, há ainda as quadrilhas especializadas. Além dos clubinhos e das quadrilhas de briga, existem as quadrilhas de homossexuais, de lésbicas e de sádicos. Depois que cheguei a conhecer melhor esses garotos, fiquei sabendo das festas loucas que faziam em apartamentos desocupados, depois de saírem da escola. Em algumas, se reuniam para arrancar as pernas de um gato. Outras eram simples orgias sexuais. Alguns rapazes me contaram que, às vezes, se reuniam num canto escuro de um parque, rodeavam um casal, e enquanto este praticava no chão o ato sexual, os outros se masturbavam mutuamente.

Fomentando esse aspecto da vida das quadrilhas, existe a indústria da pornografia. Alguns me mostravam fotografias que traziam escondidas em compartimentos secretos das carteiras. Não são fotos de garotas como as que se vendem nas esquinas das ruas, mas sim fotografias ou desenhos de atos

contrários à natureza, entre rapazes e meninas, e de atos com animais. Contaram-me que, às vezes, passavam as tardes nos seus clubes de porão, usando essas fotografias como guias.

***

Por mais revoltante que seja saber da existência de brigas, promiscuidade e atos contra a natureza, entre os jovens, existe uma depravação que sobrepuja as outras: o vício de entorpecentes.

Não demorou para que eu encontrasse os traficantes de maconha operando perto das escolas. Eram audaciosos e atrevidos. Falavam sem inibição das suas atividades, e um deles disse-me que eu deveria dar uma tragada, já que estava tão interessado no assunto. Quando lhe mostrei um jornal com a foto de um menino numa cama de hospital, se contorcendo por causa das dores do período em que tentava deixar o vício, ele riu na minha cara.

“Não se preocupe”, disse ele, “aquele garoto tomava heroína. Um pouco de maconha não faz mal a ninguém. E quase a mesma coisa que fumar um simples cigarro. Experimente!”

Não faz mal? A maconha em si mesma não vicia, mas leva rapidamente ao uso da heroína, que é uma das drogas mais cruéis que o homem conhece. E vicia terrivelmente.

Certa vez, durante a minha caminhada, houve um “pânico”, que é o termo usado para designar uma época de escassez de drogas, devido à prisão de um grande número de traficantes. Andando por uma rua, ouvi um grito agonizante.

Ninguém deu atenção. Os gritos continuavam.

— Parece que alguém está sentindo dor, disse eu, dirigindo-me a uma mulher que estava debruçada na janela do mesmo prédio.

Ela ouviu por um instante, e deu de ombros.

— Terceiro andar, disse ela. É horrível. Ele tem vinte anos. É heroína. É viciado e não acha a droga.

— A senhora o conhece?

— Desde que usava fraldas.

— Não podemos fazer alguma coisa para ajudá-lo?

— O quê? Só a morte o ajudaria, agora.

— Não poderíamos levá-lo a um hospital?

A mulher olhou para mim sem dizer nada; depois me perguntou:

— Moço, você é novo por aqui, não é?

— Sim.

— Tente colocar um viciado nesses hospitais para ver o que consegue.

Como eu me lembraria dessas palavras nos meses seguintes! Em toda a Nova Iorque, existe apenas um hospital público, onde um viciado pode ser tratado: o Hospital Riverside. Está sempre superlotado, de modo que a admissão é muito demorada, quando não impossível. O outro hospital público, em todos os Estados Unidos, onde um viciado de Nova Iorque pode ser admitido, é uma instituição de aspecto desagradável em Lexington, estado de Kentucky, especializada no problema.

***

Brigas, sexo, entorpecentes: manifestações dramáticas da necessidade dos adolescentes membros de quadrilhas de Nova Iorque. Mas, como Angelo me dissera, era apenas a exteriorização de uma profunda necessidade interior: solidão. A ânsia de ter algum significado na vida. A coisa mais triste que descobri nessa minha caminhada foi o ideal pateticamente baixo desses meninos. Ouvia atentamente, enquanto alguns descreviam as suas esperanças.

Esperanças? Será que poderia ser chamado de esperança o alvo, único na vida, de comprar um chapéu novo de aba estreita? O chapéu é um símbolo, para esses rapazes. Quantas vezes pude observar meninos na rua, tremendo de frio, sem um agasalho, mas tendo na cabeça um chapéu que certamente teria custado mais de vinte dólares, com uma pena vistosa na fita!

Outro dos seus ideais seria, talvez, um passeio. Atravessar a Ponte Brooklyn e visitar Manhattan, por exemplo. Que aventura seria! Quem sabe, um dia! Eles viviam uma vida completamente isolada, nunca saindo dos próprios domínios, com medo das quadrilhas inimigas que ocupavam os outros bairros.

Devagar, resultando das minhas visitas, formou-se em minha mente uma imagem; um quadro de necessidade, que começava com a solidão e que passava pelas brigas de quadrilhas, orgias sexuais, entorpecentes, e terminava em morte precoce e vergonhosa. Para confirmar as minhas impressões, visitei delegacias de polícia, conversei durante horas seguidas com assistentes sociais e oficiais de justiça, e passei muitas horas na biblioteca pública. Depois de tudo, a impressão final que tive dos adolescentes de Nova Iorque foi tão estonteante que quase abandonei tudo.

Foi nesse instante que o Espírito Santo entrou em cena para me ajudar; e não o fez de maneira dramática; apenas deu-me uma idéia. Deu forma nítida à visão que por tanto tempo parecera apenas um sonho semi-esquecido.

Estava voltando a Philipsburg, quando de repente perguntei a mim mesmo: “E se você pudesse escolher alguma coisa para esses adolescentes, o que desejaria?”

A resposta me veio à mente num segundo: que pudessem começar a viver de novo, com a personalidade inocente e pura de um recém-nascido, e que fossem cercados de amor, em vez de ódio e medo.

Mas é certo que isso seria impossível. Como poderiam pessoas, já na adolescência, apagar tudo pelo que haviam passado antes? E como construir um novo ambiente para elas? “Será isso um sonho que colocaste no meu coração, Senhor? Ou estou apenas a imaginar fantasias?”

Eles têm de começar de novo, e têm de ser cercados de amor.

Essa idéia veio à minha mente como um pensamento completo e nítido, tão claro como fora a primeira ordem para ir a Nova Iorque. Junto com ela me veio à mente uma casa onde esses novos adolescentes poderiam viver. Uma casa bonita, que seria deles e onde seriam bem-vindos — bem-vindos e amados.

Poderiam viver na sua casa o tempo que quisessem, a porta estaria sempre aberta, e nunca faltariam muitas e muitas camas, roupas e uma espaçosa cozinha.

"Ó Senhor", disse eu em voz alta, "que sonho maravilhoso! Mas para a sua realização seria preciso um milagre; muitos milagres, milagres até então nunca vistos."

7

Na semana seguinte, fiz outra viagem a Nova Iorque, em um estranho estado de espírito. Por um lado, estava animado para realizar meu novo sonho; e por outro, me sentia desanimado e bastante confuso. Quanto mais aprendia sobre a natureza do inimigo que agia na grande cidade, mais sentia ressaltar a minha falta de capacidade para combatê-lo.

O inimigo se emboscava nas condições sociais que compõem as favelas da cidade, pronto a apanhar meninos solitários e sedentos de amor. Apresentava promessas de segurança e liberdade, de felicidade e companheirismo. Dava às suas promessas nomes inocentes: clubes (não quadrilhas assassinas); viagens (e não narcóticos); bulinada (e não uma atividade sexual cheia de ódio e insatisfação); baile (e não uma luta desesperada até a morte, entre quadrilhas adversárias). Dava às suas vítimas personalidades quase impossíveis de se penetrar, cercando-as com um espesso muro de insensibilidade, e fazendo com que se orgulhassem de ser assim.

Contra essa força, eu contemplava a minha própria fraqueza. Não tinha armas, era inexperiente, não possuía dinheiro, e não havia uma organização que me apoiasse. Tive medo da luta.

De repente, porém, lembrei-me de outra ocasião em que vi uma luta se aproximar, e senti o mesmo medo. Fora há muitos anos, quando eu era apenas um garoto, e acabáramos de nos mudar para

Pittsburgh. Quando garoto e jovem, eu era um tanto fraco, fisicamente, e até mais magro do que sou hoje, se tal coisa é possível. Pensar numa luta corporal era o suficiente para me fazer tremer como vara verde.

É interessante notar que, durante todos os anos em que estudei naquela escola, nunca tive de brigar, porque possuía fama de ser valente. Essa situação ridícula concretizou-se de maneira engraçada, e quanto mais eu pensava nisso,

mais imaginava que talvez ela tivesse algum significado para mim, agora.

Tínhamos um colega chamado Chico, que era valentão. Depois que cheguei a Pittsburgh, foi o primeiro menino de quem ouvi falar. Antes de desarrumar as malas, contaram-me que Chico sempre batia nos garotos que mudavam para lá, e era melhor estar preparado, porque se o menino era filho de pregador, sua violência se excedia ainda mais.

Muito antes de conhecê-lo, Chico já me fazia tremer. O que eu iria fazer quando, finalmente, o encontrasse? Fiz essa pergunta a Deus, e a resposta veio rápida e nitidamente: *Não por força nem por poder, mas pelo meu Espírito.* Sabia que era um versículo bíblico e procurei-o, para me certificar da sua exatidão. Em Zacarias 4.6, achei essas palavras exatamente como me lembrara, e imediatamente tomei-as como lema. Quando chegasse a hora de enfrentar Chico, resolvi que simplesmente me apoiaria nesta promessa: Deus me daria uma santa ousadia equivalente à valentia de qualquer briguento.

Não demorou para que chegasse a hora de testar a minha teoria. Certa tarde de primavera, eu voltava para casa sozinho. Estava de roupa nova, e por isso era mais importante ainda que eu não me metesse em briga. Em nossa família, não era todo dia que tínhamos roupa nova; portanto, quando a tínhamos, era preciso bastante cuidado.

De repente, vi um menino que caminhava na minha direção. Não sei por que, mas senti imediatamente que era o Chico.

Vinha todo empertigado na outra calçada, mas, quando me viu, atravessou a rua e se aproximou de mim como um touro bravo. Chico era enorme, devia pesar uns vinte quilos a mais que eu, e era tão alto que eu precisava olhar para cima, a fim de olhar nos seus olhos.

Chico parou bem na minha frente, com as pernas abertas e mãos na cintura:

“Você é o filho do pregador.”

Não era uma pergunta, parecia mais um desafio, e devo confessar que naquele instante todas as minhas esperanças de santa ousadia desapareceram por completo. Estava com medo, muito medo.

“Não por força nem por poder, mas pelo meu Espírito. Não por força nem por poder, mas pelo meu Espírito, diz o Senhor dos Exércitos.”

Fiquei repetindo esse versículo mentalmente, enquanto o Chico passou a dizer qual era a sua opinião a meu respeito. Primeiro disse que eu parecia um bobo de roupa nova. Depois passou a falar sobre o que era muito óbvio: que eu era fraco. Concluiu com algumas palavras sobre filhos de pregadores em geral.

“… mas pelo meu Espírito, diz o Senhor.”

Eu ainda não dissera nada, mas dentro de mim algo de surpreendente estava acontecendo. Sentia que o medo desaparecia, e no seu lugar sentia confiança e alegria. Olhei para o Chico e sorri.

Ele ficava cada vez mais bravo. Ficou vermelho enquanto me desafiava para uma briga.

E eu continuava sorrindo.

Chico começou a me rodear com os punhos cerrados, esmurrando o ar e dando pulinhos em minha direção. Na sua fisionomia, porém, apareciam sinais de perplexidade, pois ele podia ver que, por alguma razão incompreensível, aquele magricelinha não estava com medo.

Eu comecei a dar voltas, também, sem nunca tirar os olhos dele, e continuava sorrindo.

Finalmente ele me bateu. Foi um golpe hesitante, que não teve nenhum efeito sobre mim. Dei uma risadinha baixa.

Chico parou de me rodear. Abaixou os braços, afastou-se e saiu correndo rua abaixo.

No dia seguinte, quando cheguei à escola, comecei a ouvir falarem que eu dera uma surra no maior valentão da cidade aparentemente o próprio Chico era quem contara a história, dizendo que eu era o rapaz mais valente com o qual ele já havia lutado. Daquele dia em diante, fui tratado com o máximo respeito por toda a escola. Talvez deveria ter contado a verdade aos colegas, mas nunca o fiz. Aquela fama era como um seguro, e, como eu detestava brigar, tratei de conservar a minha apólice bem guardada.

***

Comecei a pensar que talvez houvesse algo de importante em me recordar daquela ocasião. Não estava diante de um problema semelhante, um inimigo muito maior e mais poderoso do que eu? Talvez houvesse um estranho paradoxo na minha falta de força. Provavelmente nessa fraqueza é que jazia uma espécie de poder, porque sabia com certeza que não poderia depender de mim mesmo.

Não era possível me iludir com a idéia de que dinheiro, ou amigos influentes, ou estudos sociológicos ajudariam, porque nada disso eu tinha. Se o meu sonho de um novo começo e um novo ambiente para aquelas crianças era mesmo a vontade de Deus, talvez ele tivesse escolhido uma pessoa tão mal preparada como eu, para que a obra, desde o seu início, dependesse única e exclusivamente dele. “Não por força nem por poder, mas pelo meu Espírito, diz o Senhor dos Exércitos.”

Resolvi dar o primeiro passo para a realização do meu sonho. O que precisava saber, em primeiro lugar, era se tinha ou não direito de imaginar tais coisas. Seria mesmo possível, para membros adolescentes das quadrilhas de Nova Iorque, viciados em narcóticos e conhecendo toda a espécie de degradação, experimentar uma transformação como a que eu imaginava? Lembrei-me de como vovô afirmava categoricamente que no centro da mensagem do evangelho está uma experiência transformadora. Sabia de cor o versículo bíblico a que ele se referia. Jesus dizia a Nicodemos:

“Em verdade, em verdade te digo que, se alguém não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus. Perguntou-lhe Nicodemos: Como pode um homem nascer, sendo velho? Pode, porventura, voltar ao ventre materno e nascer segunda vez? Respondeu Jesus: Em verdade, em verdade te digo: quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no reino de Deus. O que é nascido da carne é carne; e o que é nascido do Espirito é espírito.” (Jo 3.3-6.)

***

Portanto, se esses adolescentes deveriam experimentar uma transformação dramática, esta teria de dar-se no coração. Sabia que eu não poderia fazer com que isso acontecesse. Teria de ser obra do Espírito Santo. Mas quem sabe eu poderia ser um canal, através do qual o Espírito pudesse alcançar esses jovens?

Só havia um meio de me certificar disso — era agir. Até então, eu apenas andara pela cidade observando tudo, mas agora, deveria falar àqueles jovens, confiando no Espírito Santo, para fazer o que eu não poderia. Comecei a fazer perguntas em Nova Iorque, para saber quais eram as quadrilhas mais duras, mais valentes. Vez após vez ouvi o nome de duas — os Capelães e os Mau Maus, ambas de Fort Greene, Brooklyn.

***

Essas quadrilhas têm seu campo de ação num dos maiores centros habitacionais do mundo: o Projeto Fort Greene. Mais de trinta mil pessoas vivem nesses apartamentos, sendo a maioria de negros e porto-riquenhos, e uma grande porcentagem não tem emprego.

Os jovens dessa zona dividiam-se nessas duas quadrilhas, de acordo com sua raça: os Capelães eram negros e os Mau Maus, espanhóis. As duas quadrilhas não lutavam uma contra a outra, mas eram amigas e se uniam para proteger seu domínio contra quadrilhas de fora. A essa altura, haviam declarado guerra à polícia.

Seu método de combate era um tanto original. Esperavam num telhado com um saco de areia bem na beiradinha. Quando algum policial passava pela rua, eles tentavam fazer cair aquele saco de quarenta quilos em cima dele. Sua contagem de tempo ainda não era muito perfeita e, até o momento, erravam o alvo, mas estavam chegando cada vez mais perto de acertar. Os policiais, em represália, estavam usando os cassetetes à mínima provocação, e proibindo reuniões de mais de dois ou três rapazes.

Resolvi, então, que não haveria lugar melhor para testar o Espírito Santo do

que Fort Greene. Certa sexta-feira, cedo, convidei um amigo meu chamado Jimmy Stahl, que toca pistão muito bem, e dirigimo-nos para o outro lado da Ponte de Brooklyn, entrando naquela selva fervilhante de tijolos e vidro, chamada Projeto Habitacional Fort Greene. Deixamos o carro perto da escola pública na Rua Edward e iniciamos a nossa experiência. Eu disse a Jimmy:

— Você fica aqui perto do poste e começa a tocar. Se conseguirmos reunir uma boa turma, eu posso subir na base do poste para falar-lhes.

— O que é que você quer que eu toque?

— Por que não Avante, Avante, ó Crentes?

Então ele começou a tocar. Tocou o mesmo hino repetidas vezes, com entusiasmo e bem alto.

As janelas dos prédios começaram a se abrir, mostrando cabeças curiosas. Depois as crianças começaram a sair dos prédios. Dezenas de crianças. Entusiasmadas com a música, ficavam perguntando:

— O circo vem para cá, moço? Vai ter desfile?

Eu disse a Jimmy que continuasse tocando.

Em seguida, apareceram os adolescentes. Pareciam estar todos uniformizados. Alguns dos rapazes usavam blusões de um vermelhovivo com tiras pretas nos braços, tendo as duas letras “MM” bordadas ousadamente nas costas. Outros usavam calças de cano fino, camisas de cores vivas, sapatos europeus com sola fina e bico pontudo; e uma bengala. Quase todos usavam chapéu alpino de aba estreita; e quase todos também estavam de óculos escuros.

“Senhor”, orei mentalmente, “eles estão procurando alguma coisa. Todos desejam pertencer a algo maior do que conhecem. Eles não querem ficar sozinhos.”

Depois que Jimmy tocara sua peça umas quinze ou vinte vezes, estavam ali reunidos uns cem rapazes e mocinhas. Agrupavam-se, empurrando uns aos outros, gritando uns para os outros, e para nós, obscenidades misturadas com vaias. Subi na base do poste e comecei a falar. A balbúrdia aumentou. Não sabia o que fazer então. Jimmy estava dizendo:

— Eles não estão ouvindo.

Naquele exato momento, o problema foi arrancado das minhas mãos. Os gritos cessaram, enquanto eu vi aproximar-se um carro da polícia. Alguns soldados desceram e abriram caminho por entre a multidão com os cassetetes, que usavam sem dó.

— Vamos andando! Vamos acabar com isso! Dispersem-se!

Os rapazes abriram passagem para a polícia, mas ajuntaram-se novamente.

— Desça daí! disse um deles, dirigindo-se a mim.

Depois de descer e colocar-me à sua frente, ele disse:

— O que é que você está tentando fazer, dar início a um motim?

— Estou pregando.

— Bem, então vá pregar longe daqui. Este lugar já nos dá bastante trabalho sem acrescentar um tumulto.

Foi então que a rapaziada se intrometeu no caso. Gritavam para os policiais que eles não poderiam me impedir de pregar, era contra a constituição. Os policiais discordaram, e antes que Jimmy e eu percebêssemos o que estava acontecendo, já estávamos sendo empurrados para dentro do carro policial.

Na delegacia, continuei com o argumento que os jovens haviam usado.

— Quero perguntar-lhes uma coisa, disse eu. Não é direito meu, como cidadão, falar em praça pública?

Tiveram de reconhecer que era, e responderam:

— Pode, se falar sob uma bandeira americana.

Foi assim que, meia hora mais tarde, Jimmy começou novamente a tocar *Avante, Avante, ó Crentes.* Dessa vez, tínhamos uma vistosa bandeira americana pairando sobre nós, emprestada pelo simpático diretor da escola. Também, em vez de falar em pé, na base do poste, eu usava uma banqueta de piano como plataforma.

Jimmy tocou; para o Norte, para o Sul, para o Leste e para o Oeste. Novamente as janelas se abriram e crianças se aglomeraram ao redor de nós. Mais uma vez, poucos minutos depois, estávamos defronte do mesmo grupo

irreverente e atrevido

A única diferença era que, dessa vez, aos seus olhos, éramos heróis, porque novamente nos havíamos desentendido com a polícia.

Essa nova popularidade, entretanto, em nada melhorou a atitude da nossa assistência. Subi na banqueta e novamente tentei gritar mais do que eles.

— Sou um pregador do interior, gritei, venho de muito longe e tenho uma mensagem para vocês.

Ninguém me ouvia. Bem à minha frente, um rapaz e uma moça rebolavam de modo provocador e sensual, o que fazia com que os outros assobiassem e batessem palmas. Logo outros passaram a acompanhá-los, cigarros caídos no canto da boca, tremendo de excitação. Não era bem o ambiente para se entregar um sermão.

Desesperado, curvei a cabeça.

“Senhor”, orei, “não consigo nem a atenção desses garotos. Se tu estás realizando uma obra aqui, até isso terei de pedir de ti”.

A mudança começou enquanto eu ainda orava. As crianças se acomodaram primeiro, mas quando abri os olhos percebi que alguns dos rapazes mais velhos, que estavam encostados na cerca, fumando, agora estavam de pé; haviam tirado os chapéus e tinham as cabeças um pouco curvadas.

Tão inesperado foi aquele silêncio que me deixou sem palavras por um pouco, e quando afinal consegui falar, escolhi como texto João 3.16: “Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna”.

Contei-lhes que Deus os amava exatamente como eram, naquele instante. Ele conhecia todos eles, sabia muito bem o que eram, conhecia seu ódio e fúria. Ele sabia muito bem que alguns deles eram homicidas, mas também via o que eles seriam no futuro, e não apenas o que haviam sido no passado.

Foi só isso que eu disse, e parei. Um silêncio opressivo e eloquente dominou a rua. Podia-se ouvir a bandeira drapejando sob a ação da brisa. Disse então àqueles jovens que iria pedir que acontecesse a eles algo de muito especial. Iria

pedir um milagre, para que imediatamente suas vidas fossem mudadas por completo.

Curvei novamente a cabeça e orei, para que o Espírito Santo realizasse a sua obra. Levantei a cabeça, mas ninguém se mexeu. Perguntei se alguém gostaria de vir à frente onde poderíamos conversar. Ninguém se mexeu.

A situação era embaraçosa. Havia tentado deixar que o Espírito dirigisse, mas parece que ele não estava dirigindo.

Subitamente, ouvi a minha própria voz como se fosse a de outro dizendo:

— Muito bem. Já ouvi dizer que existem duas quadrilhas bem valentes aqui em Fort Greene. Quero falar com os presidentes e vicepresidentes. Se vocês são tão fortes e valentes, certamente não terão medo de cumprimentar um pregador magricela.

Ainda não sei por que o disse, mas recordando agora, talvez fosse a melhor coisa que poderia ter dito. Por alguns instantes ninguém se mexeu, mas logo ouviu-se, lá atrás, uma voz:

— O que é que há Dito, está com medo?

Devagar, um corpulento rapaz de cor deixou o seu lugar e começou a andar na minha direção. Outro rapaz o seguia, e este trazia uma bengala. Ambos estavam de óculos escuros. Passando pela multidão, trouxeram mais dois rapazes, e os quatro se agruparam em frente à banqueta.

O grandalhão adiantou-se uns passos.

— Sou Dito, presidente dos Capelães, disse ele, estendendo a mão.

Eu não conhecia ainda os seus costumes e ia apertando-lhe a mão, quando ele disse:

— Não me aperte a mão, pregador.

E encostou apenas a palma da sua mão aberta na minha, fazendo-a deslizar até a ponta dos dedos.

Por alguns instantes ele ficou me olhando, examinando-me curiosamente.

— Você é legal, pregador; você me convenceu.

Dito apresentou seu vice-presidente, Simão, e dois dos seus cabos de guerra.

O que eu iria fazer, então? Com o coração a bater desordenadamente, acenei para Jimmy, e nos afastamos com os rapazes alguns passos da multidão. Simão repetia que estavam entendendo nossa mensagem.

— Sabe, David, dizia ele, tem uma velhinha que sempre passa por aqui. Ela usa uma capa preta e carrega uma cesta cheia de chocolate. Toda vez fala com a gente para mudar de vida. Coitada, gostamos dela, porém ela não nos entende.

Eu disse aos rapazes que não era eu que os entendia, mas sim o Espírito Santo. Falei-lhes que ele estava tentando alcançar o orgulho deles.

— E sua arrogância também, disse eu, fitando-os bem nos olhos, e sua autocomplacência. Tudo isso é apenas uma capa para esconder o que vocês são de fato — assustados e solitários. O Espírito Santo quer penetrar essa capa e ajudá-los a começar tudo de novo.

— E o que a gente tem de fazer?

Olhei para Jimmy, mas sua expressão em nada me ajudou. Numa igreja, talvez eu convidasse esses rapazes para se aproximarem do altar e a se ajoelharem; mas como fazer isso em plena rua, na frente da turma deles?

Mas, quem sabe, era preciso justamente um passo assim, ousado. A mudança que pedíamos para a vida deles era decisiva; portanto, talvez fosse necessário que o símbolo dessa mudança também fosse decisivo e drástico.

— O que têm de fazer? repeti. Eu quero que se ajoelhem aqui na rua e peçam ao Espírito Santo que entre na vida de vocês, para que sejam novas criaturas. A Bíblia diz “nova criatura” em Cristo; e isso pode acontecer a vocês também.

Houve um longo silêncio. Pela primeira vez percebi, ao fundo, a multidão que esperava, em silêncio, para ver o que iria acontecer. Afinal Simão disse numa voz estranhamente rouca:

— Dito, você quer? Se você ajoelhar, eu também ajoelho.

E ante os meus olhos estarrecidos, esses dois líderes de uma das quadrilhas mais temidas de Nova Iorque, vagarosamente se ajoelharam. Os cabos de guerra imitaram os chefes. Tiraram os chapéus, mantendo-os respeitosamente à sua

frente. Dois deles estiveram fumando. Tiraram os cigarros da boca e jogaram-nos fora. A fumaça deles subia da sarjeta, enquanto eu fazia uma curta oração.

— Senhor Jesus, disse eu, aqui estão quatro filhos teus, fazendo algo que é muito, muito difícil. Estão ajoelhados perante todos, pedindo-te que entres no coração deles e o transformes. Querem *certificar-se*, pela primeira vez na vida, que são realmente amados. Pedem isso de ti, Senhor, e tu não os decepcionarás. Amém.

Dito e Simão levantaram-se. Os cabos de guerra também. Não levantaram as cabeças. Sugeri-lhes que ficassem um pouco a sós ou, quem sabe, procurassem uma igreja.

Ainda sem falar, os rapazes se voltaram e andaram na direção da multidão. Alguém gritou:

— Ei! Dito! Como é que é virar crente?

Dito mandou que ele calasse a boca, e ninguém o aborreceu mais. Tenho a impressão de que se alguém tivesse insistido em ridicularizá-lo, ele não teria resistido à tentação de reagir violentamente.

***

Jimmy e eu deixamos Fort Greene com a cabeça no ar. Na realidade não esperávamos que Deus nos respondesse de maneira tão dramática. Dito, Simão e os dois cabos de guerra ajoelhados numa esquina — era inacreditável!

Francamente, estivéramos mais preparados para a reação dos líderes Mau Maus. Eles estavam lá também assistindo à transformação de Dito e Simão, num misto de fascinação e desprezo. Depois que os Capelães partiram, a multidão começou a gritar.

— Israel! Nicky! Agora vocês! Vamos, os crioulos não tiveram medo. E vocês vão bancar os covardes?

Ante tais gritos, eles tiveram de vir à frente.

Israel, presidente da quadrilha, era um dos rapazes mais simpáticos que já

conheci; estendeu-me a mão e apertou a minha como um cavalheiro.

Nicky, entretanto, era bem diferente. Lembro-me de ter pensado, ao olhar para ele: “É a fisionomia mais dura que já vi até hoje”.

— Como vai, Nicky? disse eu.

Ele deixou-me com a mão estendida. Nem quis olhar para mim. Estava fumando, soprando nervosamente por um canto da boca.

— Vá pro inferno, pregador, disse ele.

Sua voz era estranha, como se ele estivesse sufocado, e gaguejava ao pronunciar certos sons.

— Você não tem boa opinião a meu respeito, Nicky, mas comigo se dá o contrário. Eu gosto de você, Nicky. Dei um passo em sua direção.

— Se você chegar perto de mim, pregador, ele respondeu com aquela voz estrangulada, eu o mato.

Concordei:

— Você poderia fazer isso. Poderia muito bem me picar em mil pedacinhos e esparramá-los aí na rua, mas cada pedacinho continuaria gostando de você.

Enquanto eu dizia essas palavras, pensava: “E de que adiantaria isso, para você, Nicky — não há amor sobre a face da Terra que possa alcançá-lo”.

Antes de deixar Brooklyn, apresentamos Dito e Simão a um pastor da localidade que pudesse acompanhar o difícil crescimento espiritual deles. Mas eu disse a Jimmy:

— Mesmo assim seria bom a gente visitá-los de vez em quando também.

Para dizer francamente, nem um de nós conseguia se livrar da idéia de que esses rapazes estavam se divertindo às nossas custas.

Mas, ao voltar para casa e dizer isso a Gwen, ela ficou brava comigo e me repreendeu.

— David Wilkerson, você não percebe que recebeu justamente o que desejava? Você pediu que o Espírito Santo realizasse um milagre, e agora, que se vê diante dele, está querendo contestá-lo? As pessoas que não acreditam em milagres, não devem pedi-los a Deus.

8

Eu tinha a impressão de haver passado o primeiro marco na estrada que levava em direção ao meu sonho. Recebera esperança muito maior do que poderia imaginar ou mesmo compreender. Cheguei até a pensar que talvez me fosse permitido ver Luis, pois Angelo me dissera que ele seria transferido para a prisão em Elmira, Nova Iorque.

— Você acha que eu poderia vê-lo? perguntei.

— Não tem a mínima chance, David. É preciso muita formalidade, e logo que descobrissem que você era o pregador do julgamento, nunca o deixariam entrar.

Mesmo assim, quis tentar. Quando fui chamado a pregar na vizinhança de Elmira, perguntei como se conseguia entrar para visitar um garoto. Disseram-me que escrevesse uma carta, explicando quais eram as minhas relações com o prisioneiro, e por que queria vê-lo. O pedido seria estudado.

Ao ouvir isso, não tive mais dúvidas: teria de dizer a verdade e nunca obteria permissão. Mas ouvi dizer que alguns rapazes deveriam chegar a Elmira justamente naquele dia. Fui até à estação e esperei. Quando o trem chegou, um grupo de cerca de vinte rapazes desembarcou escoltado. Olhei bem, mas Luis não estava entre eles.

“Você conhece Luis Alvarez?” perguntei a um dos rapazes que conseguiu apenas responder “Não”, antes que o guarda nos separasse impacientemente.

De volta a Philipsburg, eu dizia a mim mesmo: “Bem, parece que nunca verei aqueles rapazes. Senhor, faça com que eu aceite o fato, se é esta a tua vontade”.

***

Mas se o Espírito Santo fechava aquela porta, abria outras. Numa noite quente, na primavera de 1958, eu estava andando por uma rua apinhada e barulhenta do Harlem Espanhol, quando ouvi vozes que cantavam.

Fiquei surpreso ao reconhecer a música de um hino evangélico, embora cantassem em espanhol. Não havia igreja por ali, e a música parecia vir da janela de um dos apartamentos do edifício por onde eu passava.

— Quem é que está cantando? perguntei a um rapaz que estava sentado no pára-lama de um carro, fumando. O rapaz virou a cabeça para ouvir melhor, como se a música já fizesse parte dos ruídos da cidade, a ponto de nem ser ouvida.

— Ah! É uma espécie de igreja, disse ele, apontando para a porta. Segundo andar.

Subi então a escada e bati à porta. Alguém abriu lentamente, mas quando a luz alcançou meu rosto, a mulher que estava ali dentro soltou uma exclamação e voltou correndo, deixando a porta semicerrada. Ouvi-a dizer qualquer coisa em espanhol, e dentro de instantes a porta se abriu novamente, revelando uma porção de fisionomias sorridentes e amigas. Tomaram-me pelo braço e levaramme para dentro.

— Você é David! disse um deles. Não é mesmo David, o pregador que foi expulso do tribunal?

Era uma pequena igreja da Assembléia de Deus que se reunia numa casa de família até o dia em que pudessem construir um templo.

Todos haviam acompanhado o caso Farmer e visto minha foto.

Oramos tanto por você, e agora você está aqui, disse um homem.

Seu nome era Vicente Ortez, o pastor daquela pequena igreja.

— Queremos saber como você foi parar naquele tribunal, disse ele.

Foi assim que, naquela noite, eu tive a oportunidade de contar a um grupo da minha própria igreja, como Deus parecia estar me levando às ruas de Nova Iorque. Contei-lhes o que havia aprendido dos problemas que os rapazes e moças enfrentam com as quadrilhas, bebidas e narcóticos. Contei-lhes também qual era

o meu sonho, e o que já me acontecera.

— Penso que foi Deus que pôs essa idéia na minha cabeça. Eles precisam começar de novo, e têm de ser cercados de amor, disse eu, resumindo. Já vimos como o Espírito Santo pode alcançá-los mesmo na rua. Eu penso que foi um ótimo começo. Quem sabe, algum dia, eles terão a própria casa!

Parece que foi um discurso inflamado. Descobri que estava mais emocionado e preocupado com os problemas daqueles jovens do que eu mesmo reconhecia. Quando terminei, vi que aquelas almas bondosas percebiam o sentimento de pesar e urgência que me dominava, em face da necessidade.

Quando afinal me assentei, alguns deles conversaram rapidamente. Percebi que estavam emocionados, quando empurraram o Reverendo Ortez para a frente, como porta-voz. Dirigindo-se a mim, ele disse:

— Será que você poderia voltar amanhã para falar outra vez e também para que outros pastores possam ouvi-lo?

Respondi afirmativamente. E assim, sem alarde, teve início um novo ministério. Como todas as coisas nascidas do Espírito, veio em simplicidade e humildade, sem estardalhaço. É certo que nenhum de nós, reunidos ali naquela noite, percebeu o que havia começado.

— Qual é o seu endereço aqui? perguntou o Reverendo Ortez. Onde podemos encontrá-lo para comunicar-lhe local e horário?

Tive de confessar que não tinha endereço. Não possuía o dinheiro necessário, nem mesmo para um quarto em um hotel barato.

— Durmo no meu carro, disse-lhes.

Senti uma grande inquietação apoderar-se do Reverendo Ortez, revelada em sua fisionomia.

Mas você não pode fazer isso, e depois que traduziu o que eu havia dito, todos os presentes concordaram com ele. É muito perigoso, muito mais do que você pensa. Você precisa vir para a nossa casa. Você deve passar esta noite, e qualquer outra noite que estiver na cidade, aqui conosco.

Aceitei a sua manifestação de bondade com gratidão. O Reverendo Ortez

apresentou-me à sua esposa, Délia. Ela mostrou-me um quarto limpo e simples, que tinha uma cama-beliche Senti que era bem-vindo, e como dormi bem aquela noite, abrigado do perigo que passava nas ruas! Soube, mais tarde, que esse casal notável guardava para si mesmo apenas o mínimo necessário para a sobrevivência; o resto dava para a glória de Deus.

***

Passei a manhã seguinte em oração. Senti que não fora mera coincidência o fato de encontrar aquela pequena igreja domiciliar. Não podia imaginar o que iria acontecer agora, mas queria ficar em espírito de expectativa, pronto para sair na direção que o Espírito Santo indicasse.

Enquanto eu orava, o Reverendo Ortez e sua esposa devem ter passado a manhã ao telefone. Quando chegamos à igreja onde se realizaria a reunião, representantes de sessenta e cinco Assembléias de Deus estavam reunidos, para ouvir o que eu tinha a dizer.

Ao subir ao púlpito, não tinha a menor idéia do que haveria de narrar. O que contaria àquele grupo? Por que estava tendo a oportunidade de falar com aquelas pessoas? Relatei-lhes então os acontecimentos que me trouxeram à cidade, a vergonha do julgamento e o sentimento estranho, mas persistente, de que, atrás de todos esses aparentes enganos havia um propósito que eu apenas vislumbrava.

— Quero dizer-lhes francamente que não sei o que devo fazer agora. A experiência em Fort Greene pode ter sido sorte, não sei se poderia se repetir em escala maior.

Antes do fim da reunião, aquelas sessenta e cinco igrejas apresentaram um plano de ação que mostraria se a experiência anterior poderia ou não ser repetida. Planejavam uma concentração para adolescentes na Arena São Nicolau, um estádio esportivo, onde eu poderia falar com várias quadrilhas de uma só vez.

Hesitei. Em primeiro lugar, eu não estava certo de que grandes reuniões

fossem a solução ideal, fora a questão prática de dinheiro.

Nem sei quantos mil dólares seriam necessários para alugar um estádio, disse eu, concluindo.

De repente houve uma agitação no fundo da igreja. Um homem pusera-se em pé e gritava:

— David, vai dar tudo certo! Tudo certo! Você vai ver!

Pensei que fosse algum fanático e não dei muita atenção, mas ao término da reunião o homem veio até onde eu estava e se apresentou. Era Benigno Delgado, um advogado. Novamente repetiu a afirmação de que tudo iria dar certo.

— David, você vai alugar a Arena São Nicolau, e falará a esses rapazes. Vai dar tudo certo.

Sinceramente pensei que ele fosse uma dessas criaturas inofensivas, mas excêntricas e utopistas, que às vezes encontramos. Mas o Sr. Delgado, vendo a minha expressão de espanto, tirou do bolso o maior maço de notas que eu já vira.

— Você fala aos rapazes; eu alugo o local. E foi isso mesmo que ele fez.

Foi assim, de um dia para o outro, que me vi envolvido numa enorme campanha juvenil, a ser realizada na segunda semana de julho de 1958.

Quando voltei a Philipsburg com a notícia de tantas novidades, todos se interessaram e ficaram animados.

Apenas Gwen estava um pouco calada, até que, afinal, disse:

— Você está se lembrando de que é justamente nessa semana que o bebê deve chegar?

Eu não havia me lembrado, mas como é que um marido pode dizer isso à esposa? Portanto resmunguei qualquer coisa sobre o nenê chegar atrasado, mas Gwen se limitou a rir.

— Vai chegar bem na hora, respondeu ela, mas você estará com a cabeça nas nuvens em algum lugar, e nem vai ficar sabendo, até que um dia eu lhe mostre uma coisinha embrulhada em um cobertor, e você então vai olhar assustado. Eu acho que você nem sabe que uma criança existe, até o dia em que ela vai andando até você e diz: “Papai”. O que, sem dúvida, é verdade.

***

A igreja de Philipsburg foi muito generosa, não somente com seu apoio financeiro durante os dois meses seguintes, em que lhe dei tão pouca atenção, mas também com seu entusiasmo. Eu sempre lhes contava das minhas visitas à cidade e da tremenda necessidade daqueles rapazes e moças de doze, treze, quatorze anos. Assim, eles sentiam que eram parte daquilo que o Senhor estava planejando para Nova Iorque.

Tirei minhas férias coincidindo com a campanha, a fim de me afastar da igreja o mínimo possível. Mesmo assim, ao se aproximar o mes de julho, eu passava cada vez mais tempo no apartamento dos Ortez.

As igrejas espanholas ajudaram muitíssimo. Forneceram voluntários para anunciar as reuniões que durariam toda a semana, e colocaram cartazes relativos à campanha, em toda a cidade. Instruíram um grande número de conselheiros que estariam prontos a ajudar aqueles rapazes e moças que porventura resolvessem começar de novo.

Arrumaram músicos, porteiros e cuidaram de todos os assuntos relativos ao aluguel do local. O que eu tinha a fazer era levar os adolescentes. A princípio pareceu-me coisa muito simples, mas quanto mais se aproximava o grande dia, mais eu duvidava do êxito dessa campanha.

Andando pelas ruas, já havia conversado com centenas de rapazes e moças, e só então comecei a ver o que era viver como viviam: desesperados. A ação tão simples de viajar uns poucos quilômetros e entrar num grande edifício, coisa que nós faríamos sem pensar, era para eles uma aventura enorme e cheia de perigos. Em primeiro lugar, tinham medo de deixar os próprios domínios; tinham medo de ser atacados, ao passar pelo domínio de outra quadrilha.

Tinham medo também de grandes ajuntamentos, de seu próprio ódio e de seus preconceitos; medo de que sua raiva e falta de segurança estourassem em luta sangrenta.

Acima de tudo, tinham medo de que alguma coisa nos cultos os fizesse chorar. Pouco a pouco, reconheci o pavor que esses jovens têm das lágrimas.

“E o que há de tão assustador em derramar algumas lágrimas?” perguntei-lhes muitas vezes, e sempre chegava à conclusão de que consideravam lágrimas um sinal de moleza, de fraqueza e infantilidade, num mundo desapiedado onde só os fortes sobrevivem.

Eu, no entanto, havia aprendido pelo meu trabalho na igreja como o derramar de lágrimas tem um papel importante na conversão do indivíduo. Posso quase com certeza afirmar que o toque de Deus se manifesta através de lágrimas. Quando finalmente deixamos o Espírito Santo entrar no mais íntimo do nosso ser, a reação é chorar. Já o vi acontecer muitas vezes. Lágrimas sinceras, que vêm da própria alma, surgem quando desaparece a última barreira, e o indivíduo se rende à santidade e à pureza.

O resultado disso é uma transformação tal, fazendo aparecer uma tão nova personalidade, que desde os dias de Cristo essa experiência é descrita como um nascimento. “Importa-vos nascer de novo”, disse Jesus (Jo 3.7). E o estranho paradoxo é que no coração do recémnascido espiritual existe gozo e alegria; no entanto esse gozo se revela com lágrimas.

Que instinto dizia a esses garotos que talvez chorassem, ao entrar em contato com Deus? Cada um tinha a própria maneira de expressar esse temor, naturalmente. Várias vezes visitei as quadrilhas que já conhecia, mas a reação era sempre a mesma:

“Não adianta; você pensa que vai me emocionar, me fazer chorar? Eu não, eu não!”

Em toda parte havia o mesmo temor de tudo o que era desconhecido; o mesmo apego àquilo que conheciam, não importava quão miserável fosse; a mesma resistência a qualquer mudança.

Certa noite, depois de eu ter estado no porão dos GGU, convidando-os para as reuniões, alguém bateu à porta do apartamento dos Ortez. A Sra. Ortez olhou para o marido, com as sobrancelhas erguidas, como se perguntasse se ele

esperava alguém.

“Não”, acenou ele com a cabeça.

A Sra. Ortez deixou em cima da mesa uma faca que usava para cortar carne e encaminhou-se para a porta.

Era Maria. Logo que entrou na sala, percebi que estava sob o efeito da heroína. Seus olhos brilhavam de maneira estranha, o cabelo estava caído no rosto, e as mãos tremiam.

Levantei-me e fui ao seu encontro:

— Maria! Entre!

Maria entrou e, postando-se no meio da sala, exigiu com palavras bruscas e agressivas que lhe disséssemos por que estávamos tentando dispersar a sua velha quadrilha.

— O que quer dizer, Maria? perguntou Délia Ortez.

— Vocês andam passando por lá, tentando fazer com que a turma vá a um culto religioso. Já sei o que vocês querem, é acabar com o nosso grupo.

Maria, então, passou a xingar-nos eloquentemente Vicente Ortez quis se levantar da cadeira em sinal de protesto, mas assentou-se novamente, como a dizer: “Está bem, Maria, prossiga. E melhor que você desabafe aqui do que na rua”.

Um dos filhos do casal entrou na sala, e Délia instintivamente ficou ao lado da criança. Naquele instante Maria correu à mesa onde Délia havia deixado a faca. Com um movimento rápido e certeiro brandiu a faca, cuja lâmina brilhava, refletindo a luz. Délia rapidamente se pôs entre Maria e a criança. Vicente se colocou de pé num salto e já atravessava a sala.

— Afaste-se! gritou Maria.

Vicente parou porque a moça levara a faca ao próprio pescoço.

— Ah! disse ela. Vou cortar o pescoço. Vou me matar como se fosse um porco, e vocês todos vão olhar.

Todos nós, que estávamos naquela sala, conhecíamos bastante o desespero do viciado em narcóticos, para saber que não era uma pose dramática e

passageira. Imediatamente, Délia começou a falar sobre a vida longa e maravilhosa que Maria tinha à frente.

— Deus precisa de você, Maria, disse Délia repetidas vezes.

Lentamente, depois de intermináveis cinco minutos, enquanto Délia falava sem parar, a mão de Maria foi se abaixando até que finalmente pendia ao seu lado, ainda segurando a faca. Sem parar de falar, Délia se aproximou lentamente e, afinal, com um pulo ágil e belo, bateu na mão de Maria, fazendo com que ela soltasse a faca, que caiu ao chão ruidosamente. A faca rodopiava; a criança começou a chorar.

Maria não tentou pegar a faca novamente. Ficou ali no meio da sala, a mais miserável figura de desespero que eu já vira. Subitamente começou a se lamentar, tapando o rosto com as mãos.

— Não há saída para mim. Estou fisgada, e não há saída.

— E por que você não dá uma chance a Deus? perguntei-lhe.

— Não, isso não é para mim.

— Bem, então deixe que os outros venham. Pense bem; talvez eles possam achar a saída, antes que seja tarde demais.

Maria endireitou-se; parecia já ter recobrado o autodomínio.

Sacudiu os ombros, dizendo:

— Tudo depende do que você tiver para apresentar.

Em seguida saiu do apartamento de cabeça erguida e requebrando.

9

O mês de julho chegou com surpreendente rapidez. Nunca imaginara quanto trabalho requeria a organização de uma campanha como essa. Para transportar os jovens através do território inimigo que eles tanto temiam, organizamos um sistema de ônibus especiais que buscaram cada quadrilha no seu próprio território, levando-os diretamente ao estádio. Voluntários das sessenta e cinco igrejas patrocinadoras do projeto andaram incansavelmente, avisando aos membros das quadrilhas o que havia sido organizado.

Fui passar alguns dias com Gwen, pouco antes do início da campanha.

— David, disse Gwen, não vou ser mentirosa e dizer que não me importo por você não estar aqui quando o bebê nascer.

— Eu sei.

Era um assunto sobre o qual pouco falávamos. Minha sogra estava muito magoada porque eu iria ausentar-me justamente quando o bebê deveria chegar. Dizia que os homens são todos iguais, que o verdadeiro cristianismo começa em casa, e que se eu não tinha mais respeito por minha mulher, não a merecia.

Essas afirmações feriam, principalmente porque continham uma parcela de verdade.

— Mas, David, continuou Gwen, não será a primeira vez que nasce um bebê sem a presença do pai. O que eu iria querer é que você segurasse minha mão, e isso o médico não deixa; portanto eu sentiria a sua falta, mesmo que você estivesse na sala ao lado. Você sente que precisa ir, não?

— Sim.

— Então, vá, David. Vá sossegado. Só desejo que Deus esteja com você.

Quando parti, Gwen foi até o portão, e ao olhar para trás ela me acenou, imensa na sua gravidez. Quando eu a visse novamente, o milagre do nascimento já seria fato consumado. Será que eu também teria alguns novos nascimentos

para relatar a ela?

***

Depois dos quatro primeiros dias de campanha, eu duvidava. Havíamos estado tão ocupados com os preparativos que a decepção causada pela falta de interesse na campanha era maior ainda. Campanha? Ao ouvirmos essa palavra, nos vem à mente o quadro de uma multidão de pessoas animadas. Nada poderia estar mais longe da verdade, no nosso caso.

Na quarta noite apareceram cem pessoas. O local comportava sete mil. Lembro-me de ficar à janelinha da galeria, de onde podia ver sem ser visto. Toda noite pensava: “Quem sabe, hoje eles virão”, mas à chegada de cada ônibus apenas uns poucos desciam. Fui até os bastidores, e lá encontrei os conselheiros e jovens voluntários, procurando encontrar palavras animadoras.

“Você sabe, David, o importante não é a quantidade, e sim a qualidade.”

Mas todos sabíamos que não estávamos conseguindo nem qualidade nem quantidade. Aqueles poucos que vieram, vinham para se divertir. Era difícil falar a um auditório vazio, com rapazes soltando argolas de fumaça e fazendo comentários impudicos.

O pior de tudo eram as risadas. Quando não entendiam alguma coisa ou quando não acreditavam, começavam a rir. Cheguei ao ponto de ter horror de subir para a plataforma, por causa daquele riso. A quarta noite foi a pior de todas. Eu fazia o possível para conservar a reunião num clima de dignidade solene, quando, de repente, um dos líderes riu baixinho. Logo adiante um outro deu também uma risadinha, e em segundos todos eles estavam rindo como loucos.

Terminei a reunião mais cedo, e voltei para casa desanimado e pronto a abandonar tudo.

“Senhor”, orava eu indignado, “não estamos nem começando a alcançar esses jovens. O que devo fazer?”

E como sempre — porque é preciso aprender essa lição todas as vezes — quando eu pedia mesmo, a resposta vinha.

***

No dia seguinte, fiquei conhecendo Jo-Jo no Brooklyn. Jo-Jo era presidente dos Dragões de Coney Island, uma das maiores quadrilhas da cidade. O rapaz que o mostrou para mim, não quis nos apresentar, dizendo que talvez Jo-Jo não gostasse de ser apresentado a um pregador. Foi assim que eu fui até onde ele estava, e estendi-lhe a mão.

A primeira reação de Jo-Jo foi dar-me um tapa na mão; depois abaixando-se, cuspiu nos meus sapatos. Nas quadrilhas esse é o maior sinal de desprezo. Feito isso, afastou-se, sentando-se num banco, de costas para mim.

Fui até o banco e sentei-me ao seu lado, dizendo:

— Onde você mora, Jo-Jo?

— Pregador, eu não quero falar com você, não quero nada com você.

— Mas eu quero alguma coisa de você, respondi, e eu vou ficar aqui, até descobrir onde você mora.

— Pregador, disse Jo-Jo, você está sentado na minha sala de visitas.

— Bem, e para onde você vai quando chove? Ele disse:

— Mudo para o meu apartamento no metrô.

Jo-Jo calçava um par de sapatos de lona muito velhos, furados no bico. Usava uma camisa preta suja, e a calça cáqui era alguns números maior do que deveria ser. Ele olhou para os meus sapatos novos. Naquele instante, lembrei-me dos sapatos sujos do vovô, e como gostaria de ter infligido algum castigo em mim mesmo por ter sido tão tolo!

Jo-Jo continuou:

— Olha aqui, homem rico, para você está muito certo vir aqui a Nova Iorque e falar de Deus mudando vidas. Você tem sapatos novos, você tem um terno bonito. Agora, olhe bem para mim. Eu sou um vagabundo. Somos dez irmãos. Estamos desempregados. Não existe nem o que comer em casa; foi por

isso que me puseram para fora. A comida não dava.

Jo-Jo dizia a verdade. Ali mesmo, num banco em plena praça tirei os sapatos e pedi-lhe que os experimentasse.

— Que onda é essa? Você quer provar o quê? Que tem coração, que é bonzinho? Fique sabendo que eu não vou calçar seus sapatos fedorentos.

— Você estava choramingando por causa dos sapatos. Agora calce!

Jo-Jo disse:

— Nunca tive um sapato novo.

— Calce.

De cara fechada, Jo-Jo calçou os sapatos. Levantei-me e saí. Fui alvo de olhares e risadas, enquanto andava os dois quarteirões até o carro, com apenas meias nos pés. Quando acabei de entrar no carro, Jo-Jo veio correndo e disse:

— Você esqueceu os sapatos.

— Eles são seus.

E fechei a porta do carro.

— Pregador, Jo-Jo disse, pondo a mão pela janela aberta, esqueci-me de lhe apertar a mão.

Assim, apertei sua mão. Em seguida, eu disse:

— Olha, você não tem onde morar. Eu também estou dormindo numa cama emprestada, mas nessa casa há um sofá na sala. Quem sabe essas pessoas que me acolheram, acolherão você também; vamos perguntar?

— Certo, disse Jo-Jo, como se fosse muito natural. Entrou no carro, e fomos até o apartamento.

— Sra. Ortez, comecei um pouco sem jeito, este é o presidente dos Dragões de Coney Island, e, voltando-me para Jo-Jo: Quero que você conheça a senhora que está me hospedando agora, porque, como você, não posso pagar um lugar para dormir.

Então perguntei à Sra. Ortez se Jo-Jo poderia ficar comigo por alguns dias, em sua casa. Ela olhou para seus dois filhinhos, depois para o canivetão que aparecia no bolso de Jo-Jo, e cm seguida, com bondade e sem afetação,

aproximou-se de Jo-Jo, pôs a mão no seu ombro e disse:

— Jo-Jo, você pode dormir no sofá.

Foi mesmo um ato de heroísmo, que poderá ser confirmado por qualquer pessoa que já teve qualquer coisa a ver com esses rapazes potencialmente violentos. Depois que ela se afastou, eu disse a Jo-Jo:

— Suas roupas estão fedidas. Estamos num lar agora, e é preciso fazer alguma coisa. Eu tenho oito dólares. Vamos a um depósito do Exército para ver se conseguimos uma camisa e uma calça.

Calcei meus sapatos velhos e fui com Jo-Jo até o depósito mais próximo. Ele entrou no vestiário para trocar-se e deixou a roupa lá mesmo. De volta para casa, Jo-Jo se olhava nas vitrinas de todas as lojas por que passávamos.

— Nada mau … Nada mau, disse ele repetidas vezes.

Até então, o que eu havia feito com Jo-Jo era o que qualquer agência de serviços sociais faria. Sem dúvida era uma boa coisa que esse rapaz agora tivesse um par de sapatos e uma camisa, e também que não precisasse dormir no metrô aquela noite. Mas, de coração, JoJo era ainda o mesmo rapaz.

Foi preciso que se desse uma mudança em mim, para que Jo-Jo mudasse também. E essa mudança tem influenciado tanto a minha vida como a dele, desde então.

Naquela noite, a reunião foi como as outras. As mesmas pisadas costumeiras, culminando naquele riso louco. Os mesmos gestos provocadores da parte das moças e as mesmas respostas impudicas da parte dos rapazes. As costumeiras brigas e ameaças. Jo-Jo também estava lá, assistindo a tudo. Foi comigo apenas por curiosidade, mas deixou bem claro que considerava aquilo tudo uma grande bobagem.

Voltando ao apartamento dos Ortez, eu estava calado. Estava sentido por causa da falta de resultados, e, mais do que isso, estava mesmo emburrado.

“Pregador, você está se esforçando demais”, disse Jo-Jo.

Assim, sem mais nem menos, um rapaz que não tinha lar, que gostava de se fazer de duro e insensível, mostrou notável discernimento.

O impacto daquelas palavras foi tremendo. Penetraram até o meu coração como se houvessem sido pronunciadas pelo próprio Deus. Voltei-me para Jo-Jo tão bruscamente, que ele levantou o braço para defender-se, pensando que eu estivesse com raiva.

Claro! *Eu* estivera mesmo tentando mudar vidas; não estava levando o Espírito Santo às quadrilhas, mas estava levando David Wilkerson. Mesmo ao presentear Jo-Jo com um par de sapatos, eu estivera em evidência. Naquele instante reconheci que nunca poderia ajudar Jo-Jo. Nunca poderia ajudar as quadrilhas. A única coisa que eu poderia fazer era a apresentação e depois afastar-me.

"Você está se esforçando demais." A idéia de repente me fez rir, e ri tanto que Jo-Jo ficou sem graça.

— Acabe com isso, pregador.

— Estou rindo, Jo-Jo, porque você me ajudou. De agora em diante não vou me esforçar tanto. Vou ficar de lado e deixar que o Espírito trabalhe.

Jo-Jo permaneceu em silêncio por um instante, depois, erguendo a cabeça, disse:

— Não sinto nada, e nem espero sentir coisa alguma. Não conversamos mais até que entramos no apartamento dos Ortez. De repente, com aquele jeito direto que Jo-Jo tem, propôs-me um negócio:

— Olhe, David, vocês estão esperando um bebê em casa, né?

Eu havia contado a Jo-Jo que Gwen deveria estar indo para o hospital. O nenê podia nascer a qualquer hora.

— E você diz que existe um Deus que me ama, certo?

— Certo, respondi.

— Muito bem, se há um Deus, e se eu orar a ele, ele vai atender a minha oração, certo?

— Certíssimo!

— Bem, então o que é que você quer; menino ou menina? Nesse instante, eu vi que Jo-Jo estava armando uma armadilha, e não sabia o que fazer.

— Mas olhe, Jo-Jo, a oração não é uma dessas máquinas modernas em que você coloca uma moeda e sai um chocolate do outro lado.

— Em outras palavras, você também não tem muita certeza desse negócio de Deus.

— Não foi isso que eu disse.

— O que você quer? Menino ou menina?

Confessei que já que tínhamos duas meninas, desejávamos um menino. Jo-Jo ouviu. Depois fez algo que, para ele, foi tão difícil como foi para Moisés bater na rocha do deserto, pedindo que saísse água dela — Jo-Jo orou.

— Olha, Deus, se você está aí em cima, e se você me ama, mande um menino para esse pregador.

Essa foi a oração de Jo-Jo. Foi uma oração tão sincera que, ao terminar, Jo-Jo estava piscando, para esconder as lágrimas. Eu estava espantado. Corri para o meu quartinho e comecei a orar como não havia orado desde o dia em que cheguei a Nova Iorque.

Jo-Jo e os Ortez estavam dormindo quando o telefone tocou às 2:30h daquela madrugada. Eu ainda estava orando. Saí e atendi.

Era minha sogra que dizia:

— David, não aguentei esperar até amanhã para chamar, precisava contar-lhe que nasceu o bebê!

Não conseguia formular aquela pergunta.

— David! David! Você está aí?

— Estou sim.

— Você não quer saber se é menino ou menina?

— Muito mais do que você pensa.

— David, você ganhou um filho, forte e bonito.

É claro que os céticos dirão que, estatisticamente, havia uma chance de 50% para que a oração de Jo-Jo fosse respondida afirmativamente. Mas algo mais estava acontecendo aquela noite, algo muito além de estatísticas. Quando fui acordar Jo-Jo para dar-lhe a notícia, ele coçou a cabeça.

— Ah! Pois é. Não diga? Não diga …

Antes de terminar aquela noite, Jo-Jo passou pela transformação que começou com lágrimas; Jo-Jo chorou, e com suas lágrimas lavou de si mesmo toda a amargura e todo o ódio, as dúvidas e os temores também. Quando ele terminou, gozava aquele amor que o crente conhece, que não depende de pais ou pregadores, ou mesmo de orações respondidas como queremos. Daquele dia em diante, Jo-Jo tinha um amor que era seu para sempre, e me ensinou uma lição que também ficou comigo para sempre.

Nós, seres humanos, podemos trabalhar muito uns pelos outros, e devemos trabalhar. Mas é Deus, apenas Deus, quem cura.

10

Já estava quase na hora do início da reunião. O auditório estava ficando cheio naquela noite final da campanha. Já se encontravam reunidos ali mais jovens do que em qualquer noite anterior. Vi alguns Capelães, os Dragões e alguns GGU. Entre eles, notei com interesse, também se achava Maria. Mas, em nenhum lugar, eu via um Mau Mau, embora procurasse o casaco vermelho-vivo com os dois grandes M.

Não conseguia me esquecer do olhar simpático e o modo franco de Israel, presidente dos Mau Maus. Fui pessoalmente chamar essa quadrilha como meus convidados especiais, e falar-lhes acerca do ônibus que havíamos alugado para eles. Quando disse que guardaria alguns lugares na frente para eles, Israel prometeu vir e trazer os outros.

Entretanto chegávamos ao fim da campanha, e eles não apareciam. Eu sabia que a razão era Nicky. Enquanto eu falava com Israel, ele ficara de lado, calado e revoltado, exalando ódio de mim e de tudo o que eu representava.

Fui até a uma janela que dava para a rua, e vi que chegava um ônibus. Sabia que eram os Mau Maus, antes de vê-los. Sabia pelo jeito que o ônibus chegou, encostou depressa, como se o motorista não visse a hora de se ver livre dos seus passageiros. As duas portas se abriram, derramando cerca de cinquenta jovens, que gritavam e mostravam disposição para divertir-se.

Um rapaz, ao descer, jogou fora uma garrafa de vinho vazia. Na pequena distância que havia entre o ponto do ônibus e a entrada, apanharam várias meninas que estavam do lado de fora com roupas bastante escassas.

— Senhor, disse em voz alta, onde é que eu vim parar? Eu havia pedido aos introdutores que reservassem as primeiras três fileiras de bancos, sem dizer para quem. Agora, um deles chegava até onde eu estava, aborrecido e afobado:

— Reverendo, eu não sei o que fazer. Levou-me até a galeria e apontou para

baixo, onde Israel e Nicky desciam o corredor, batendo as bengalas no chão, assobiando e gracejando. São os Mau Maus, e acho que não vou poder mantê-los fora daqueles bancos reservados, continuou o porteiro, aflito.

— Não há problema, disse eu. Os lugares foram reservados para eles, são meus amigos.

A confiança que eu mostrava em palavras, entretanto, não era real.

Deixei o pobre homem olhando para mim, confuso, e desci as escadas até os camarins, onde encontrei todos muito preocupados. O gerente do salão dizia:

— Não estou gostando nada disso aí, existem quadrilhas rivais e podemos ter uma briga de grandes proporções em nossas mãos.

— Será que devemos chamar mais policiais? perguntou um dos pastores que conhecia as quadrilhas.

Olhei novamente. Uma das nossas jovens, que cantava muito bem e era tão linda quanto uma estrela de cinema, estava se dirigindo ao centro do palco que havíamos construído em um lado da arena.

— Vamos ver o que Maria consegue, disse eu. Quem sabe não teremos de chamar mais policiais. Talvez possamos acalmar as bestas selvagens com música.

Mas quando Maria Arguinzoni começou a cantar, os gritos e assobios aumentaram.

— Ei, boneca! Cuidado com as curvas!

— Será que depois do *show* você tem tempo para um pobre pecador?

— Como é o seu nome, benzinho?

Os rapazes estavam em pé nos bancos, executando a sua dança sensual; as moças, com roupa escassa, rebolavam ao ritmo do hino evangélico que Maria cantava. Ela olhou para onde eu estava e perguntou, com os olhos, o que deveria fazer. Apesar das palmas e dos gritos, pedindo bis, eu fiz sinal para Maria que voltasse.

— Você quer desistir de tudo, David?

— Não, ainda não. Vamos esperar mais um pouco. Vou tentar conversar

com eles. Se você achar que as coisas não vão indo bem, então faça o que achar melhor.

Saí. Como era longe o centro do palco! Naturalmente, Israel quis anunciar a sua presença.

— Ei! David! Estou aqui! Não disse que viria e traria meus rapazes?

Voltei-me para sorrir-lhe, e encontrei o olhar de Nicky, duro como pedra. Aí, tive uma inspiração.

— Vamos fazer uma coisa diferente, hoje, disse eu através do alto-falante. Vamos pedir a vocês que façam a coleta. Olhei bem para Nicky enquanto falava: Quero seis voluntários.

Num instante, Nicky estava em pé, com incredulidade e triunfo secreto aparecendo na sua fisionomia. Apontou para cinco Mau Maus, e os seis vieram à frente do palco. Um bom resultado da minha decisão já aparecia; conseguimos a atenção dos presentes. Centenas de jovens interromperam sua folia e aguardavam com ansiedade o desenrolar dos acontecimentos.

Voltei-me para os introdutores atônitos, e tirei de suas mãos as caixas de papelão. Enquanto as distribuía, disse aos rapazes:

— Depois de passarem por todos os corredores, tragam a oferta por ali, passando por detrás daquela cortina, até aqui em cima.

Apontei para o local, enquanto estudava a fisionomia de Nicky. É que atrás daquela cortina, além das escadas que levavam ao palco, havia uma saída para a rua. Uma enorme seta indicava: “Saída”. Nicky aceitou a caixa solenemente, mas nos seus olhos eu lia zombaria e desprezo.

Foi assim que, ao som do órgão, Nicky e seus rapazes fizeram a coleta. Aliás, Nicky era ótimo arrecadador de fundos. Já havia esfaqueado dezesseis pessoas, e era conhecido como campeão em briga de faca desleal, não apenas pelos jovens do Brooklyn, mas também pelas quadrilhas de Manhattan e do Bronx.

Era também famoso pela sua tática com o bastão de beisebol. Os jornais o apelidaram de “Lutador da Lata de Lixo”, porque numa briga ele punha uma lata

na cabeça, e entrava na luta, batendo cegamente com seu bastão, abrindo ao redor de si um círculo mortal. Quando Nicky se postava ao lado de um banco, sacudindo sua caixinha o pessoal dava generosamente.

Quando se deu por satisfeito, chamou os outros rapazes e juntos vieram até à frente e desapareceram atrás da cortina. De pé no palco eu esperava.

Uma onda de risadinhas percorreu a congregação. Passou-se um minuto. As meninas punham as mãos à boca, para abafar o riso. Dois minutos. Agora os risos reprimidos explodiram em vaias, e a minha inspiração pareceu-me nada mais do que um ato de loucura. A turma toda estava em pé, batendo os pés e gritando.

Subitamente, houve silêncio. Virei-me. Nicky e os outros estavam atravessando o palco e vinham na minha direção com as caixas cheias. Nicky me olhava espantado, quase que amedrontado, como se nem ele pudesse entender o que estava fazendo.

— Aqui está o seu dinheiro, pregador, ele disse com raiva e relutantemente, como se alguém arrancasse as palavras dele.

— Obrigado, Nicky, disse eu, no que esperava ser um tom de voz despreocupado.

Depois, dirigi-me ao púlpito como se não houvesse passado pelos piores dois minutos de minha vida.

O silêncio era absoluto, enquanto os seis rapazes voltavam aos seus lugares. Comecei a falar, com o coração a bater de esperança. Mas se eu pensei ter ganho a simpatia daquela turma para a minha mensagem, estava muitíssimo enganado. Consegui seus ouvidos, mas parecia impossível alcançar o coração deles.

Não podia entender o que havia de errado em meu sermão. Fizera tudo para que fosse bom. Gastara horas preparando-o, orando sobre cada palavra. Até jejuara, esperando que isso fortalecesse a apresentação e a persuasão. Mas era como se levantasse e lesse um balancete comercial. Tudo o que eu dizia parecia irreal àqueles jovens; nada os alcançava. Preguei por uns quinze minutos, e só podia sentir que todos se tornavam irrequietos. Cheguei ao ponto, no meu

sermão, onde citava as palavras de Jesus que ordenava amarmos uns aos outros.

De repente, na segunda fileira um rapaz levantou-se. Ficou de pé no banco e gritou:

— Um minuto, pregador! Espera aí! Você diz que eu devo amar os Dragões? Um deles me cortou com uma navalha. Eu amo sim, de revólver em punho.

Outro rapaz também levantou-se, abrindo a camisa e dizendo:

— Eu tenho o sinal de um tiro aqui, pregador. Foi um daqueles negrinhos. E você acha que devemos amar? Que nada, homem! Isso não é verdade!

Não parecia mesmo verdade, pelo menos num local tão carregado de ódio. Parecia humanamente impossível.

— Não é algo que possamos alcançar pelos nossos esforços, confessei. É do amor de Deus que eu estou falando. Simplesmente temos de pedir a ele que nos dê o seu amor. Não podemos alcançá-lo por nós mesmos.

E num instante, claramente vi que essas palavras eram para mim mesmo. Não era essa a lição que eu aprendera com Jo-Jo? Há muito pouco que nós, seres humanos, podemos fazer para mudar a nós mesmos ou aos outros, para curá-los, para enchê-los de amor em vez de ódio. Podemos levar nosso coração e nossa mente a Deus, e depois deixá-los ali.

Curvei a cabeça, como fizera na rua. Naquele instante entreguei a reunião.

“Muito bem, Jesus”, orei, “nada mais posso fazer. Convidei esses jovens e agora estou disposto a desaparecer de cena. Vem, Espírito Santo. Se quiser alcançar o coração de algum jovem aqui, terá de ser através da tua presença. Faça a tua vontade, Senhor. Faça a tua vontade.”

Três minutos podem ser muito longos. Fiquei diante daquela turma, com a cabeça curvada por três minutos, sem dizer nada. Não mexia, orava em silêncio e em rendição. Não me importava mais com o fato de alguns estarem rindo. Nem fiquei surpreso, quando devagar aquele salão começou a se acalmar. Primeiramente foram as três primeiras fileiras, e eu reconheci a voz de Israel:

— Tá bom, turma; chega!

O silêncio foi passando como uma onda até o último banco e depois até a

galeria. Antes de chegarmos ao fim dos três minutos, havia silêncio absoluto naquele grande ginásio de esportes.

Depois ouvi o som de alguém que chorava.

Abri os olhos. Na primeira fileira, Israel puxava um lenço do bolso da calça. Tirou-o e assoou o nariz ruidosamente, piscou e fungou.

Continuei orando.

“Senhor, passa por todo este grupo.”

Enquanto eu orava, Nicky tirou o lenço. Achei impossível e olhei novamente. Lá estava ele apoiado na bengala, piscando e fungando, com raiva de si mesmo por estar chorando. Um dos rapazes colocou a mão no ombro de Nicky, mas ele se esquivou.

Percebi que era chegada a hora de dizer algo. Ergui a voz e disse:

— Muito bem. Vocês já o sentiram; ele está aqui; está neste salão, especialmente por causa de vocês. Se alguém quiser ter uma vida nova, está na hora de aproveitar a oportunidade. Levante-se e venha para frente!

Israel não hesitou. Levantou-se e, encarando sua quadrilha, disse:

— Há três anos que sou o líder, e vocês obedecem às minhas ordens imediatamente, certo?

— Certo! responderam os Mau Maus todos juntos.

— Bem, eu vou para frente agora, e vocês também. Levantem-se todos!

Levantaram-se imediatamente e seguiram Israel. Seguiram, talvez não seja a palavra exata, pois estavam correndo, empurrando uns aos outros para chegar na frente. Olhei bem para ver se Nicky estava junto, e logo constatei que sim.

Parece que aquela corrida era contagiosa. Mais de trinta rapazes de outras quadrilhas seguiram os Mau Maus até os camarins, onde os conselheiros estavam prontos para recebê-los. Todas as salas estavam cheias e eu ia de uma à outra, tentando ajudar no que fosse possível, quando de repente notei uma coisa curiosa. Dezenas de rapazes vieram à procura de nova vida, mas apenas três meninas.

Ouvi um assobio no corredor e, quando olhei, vi uma menina abrir a blusa,

expor o seio nu e gritar:

— Se vocês forem para lá, não terão mais isto.

Antes que pudéssemos dominá-las, várias outras meninas fizeram o mesmo, e conseguiram fazer com que alguns rapazes voltassem atrás. Essa atitude por parte das meninas era algo difícil de entender. Suponho que, ouvindo falar em amor, sentiam um certo ciúme. Não queriam repartir o seu amor com ninguém, e estavam lutando, usando o único meio que conheciam para conservar aquelas pobres, minúsculas e falsas migalhas de "amor" que pensavam possuir.

***

A conversão mais espetacular e incrível para mim foi a de Nicky.

Olhou-me com um enorme sorriso a iluminar-lhe os olhos e disse, com sua voz embargada, gaguejando:

— Estou entregando o meu coração a Deus, David. Eu não podia acreditar. A mudança foi demasiadamente repentina. Ele fumava como sempre, soprando pequenos jatos de fumaça pelo canto da boca, e ao mesmo tempo me dizia que algo de novo acontecera no seu coração. Pensei comigo: "E os narcóticos, e os roubos, as bebedeiras, os esfaqueamentos, o sadismo?"

Parece que Nicky leu meus pensamentos, porque tentou se defender usando a única técnica que ele conhecia:

— Pros diabos, David; dei meu coração a Deus.

— Certo, Nicky; muito bem.

Quis fazer alguma coisa que lhe desse confiança, por isso convidei, a ele e a Israel, a que viessem comigo, e dei-lhes, bem como a todos os Mau Maus que vieram à frente, uma Bíblia. Tínhamos em dois tamanhos: de bolso e outras bem maiores. Os rapazes não queriam as pequenas.

— Queremos os livros grandes, David, assim todos poderão ver o que estamos carregando.

Assim dizendo, a maioria dos rapazes acendeu seu cigarro, enfiou a Bíblia

debaixo do braço e saiu.

***

Cedinho, na manhã seguinte, o telefone tocou. Segundos depois, o Sr. Ortez me chamava:

— É a polícia que quer falar com você!

— Polícia?!

Senti desfalecer-me o ânimo e as palavras que ouvi, ao atender o chamado, não me animaram nem um pouco. O tenente perguntou-me se eu conhecia os Mau Maus. Quando respondi que sim, pediu-me que fosse até lá imediatamente.

Quando cheguei à delegacia, logo vi uma meia dúzia de rapazes da quadrilha. Passei por eles rapidamente, fui à recepção e me apresentei. Nunca poderei me esquecer do que aconteceu então.

O sargento chamou o tenente. Este reuniu todos os membros do destacamento, e, estendendo a mão, disse-me:

— Reverendo, quero cumprimentá-lo! Como é que o senhor conseguiu esse milagre? Alguns meses atrás, estes rapazes declararam guerra contra nós, e há muitos anos só nos dão dor de cabeça. Hoje se apresentam aqui, e sabe o que querem?

Respondi negativamente.

— Querem o nosso autógrafo nas suas Bíblias!

Olhei para Nicky, Israel e os outros rapazes que estavam com eles. Riram para mim.

— Qualquer dia que quiser fazer uma reunião ao ar livre, Reverendo, é só nos avisar; iremos imediatamente para ajudá-lo, disse-me o tenente.

E ao sair outra vez para as ruas do Brooklyn, vi o sargento sacudir a cabeça como a dizer: “Não entendo! Não entendo!”

***

Fiquei sabendo, depois, que os rapazes passaram quase toda a noite lendo

suas Bíblias. Estavam encantados, principalmente com as histórias do Velho Testamento.

Israel veio dizer-me:

— Olhe, David, eu estou na Bíblia! Meu nome está aí por todo o lado.

Naquela noite, telefonei para Gwen, e estava tão animado com o resultado das reuniões que quase não conseguia falar de outra coisa.

— Valeu a pena todo o trabalho para ver o resultado de ontem. Foi pena você não poder estar aqui!

— Bem, David, eu também andei um tanto ocupada, respondeume ela. Quando você conseguir tirar a cabeça das nuvens, eu conto.

11

Meu pobre carro deu tudo o que tinha na viagem de volta às montanhas amenas da Pensilvânia, deixando para trás as ruas abafadas de Nova Iorque. Eu deveria ter apreciado o contraste, mas a cada quilômetro, meus pensamentos se detinham em Dito e Simão, Nicky e Israel, Maria, Jo-Jo e Angelo, rapazes e moças cujas vidas se haviam entrelaçado na minha de modo tão estranho.

Em Philipsburg aconteceu a mesma coisa. Sentado à sombra das árvores do nosso quintal, bebendo um copo de laranjada que Gwen fizera, olhava meu filhinho que dormia no seu cesto. De repente, surpreendia meus pensamentos voltando aos jovens de Nova Iorque, que lutavam pelo direito de se sentarem num canto úmido de um parque público.

Certa noite, depois de falar por cerca de meia hora sobre Angelo Morales, que queria ser pregador, mas não tinha o dinheiro para ir à escola, Gwen me disse carinhosamente:

“A sua paróquia é Philipsburg; você não pode negligenciar a sua própria igreja.”

É claro que Gwen tinha razão, e durante os seis meses seguintes, dei tudo o que tinha à minha paróquia nas montanhas.

Era um trabalho muito agradável que me dava prazer, mas o outro lugar nunca se afastava dos meus pensamentos.

Certo dia, um dos membros da igreja disse-me:

“Já percebi que você não se anima com as coisas daqui, tanto quanto com aquelas crianças da cidade.”

Engoli em seco. Pensei que havia conseguido esconder meus sentimentos a esse respeito. De qualquer maneira, começava a despontar uma idéia que me preocupava bastante: levar a minha família de mudança para Nova Iorque, e dedicar-me a esses rapazes como obreiro de tempo integral. Talvez não

conseguisse uma casa, mas pelo menos poderia trabalhar com eles nas ruas.

A idéia persistia. Meditei nela durante o outono e no inverno também, enquanto atravessava os campos nas minhas visitas pastorais. Preguei vários sermões, tendo como tema “Conhecer a Vontade de Deus”, esperando aprender algo sobre orientação divina.

Mais do que tudo isso, pensei no caso, sentado no alto de certa montanha. Desde menino, sempre levei minhas maiores preocupações aos montes. O “Careca” foi o monte que ouviu minhas lamentações de menino. Era uma pequena montanha irregular, localizada perto de nossa casa em Barnesboro, Pensilvânia.

Lá de cima do “Careca” eu via a minha casa, e observava papai, mamãe e meus irmãos, correndo de um lado para outro a minha procura. Algumas vezes ficava lá em cima quase o dia todo, pensando nos problemas que um menino tem de resolver. Quando voltava, sempre apanhava, mas o castigo nunca me impedia de fazer o trajeto novamente, porque lá em cima eu gozava da solidão e do isolamento de que precisava.

Sentia grande necessidade disso, agora. Não longe da igreja havia uma velha mina abandonada. Escolhi esse local como versão adulta do “Careca”. De lá eu podia ver a igreja, e se colocasse o carro num determinado lugar, Gwen podia vê-lo, e assim não se preocuparia quando eu me ausentasse por muito tempo.

Lá no meu monte, considerei o assunto. Seria de Deus, essa vontade de ir para Nova Iorque? Seria mesmo de sua vontade que eu abandonasse essa paróquia e mudasse, com Gwen e nossos três filhinhos, para aquela cidade suja com todos os seus problemas cotidianos?

A resposta clara e definitiva não veio de imediato. Como quase toda orientação divina, veio passo a passo.

O primeiro passo foi outra visita a Nova Iorque.

— Você já parou para pensar que já faz um ano desde que fui expulso do julgamento do caso Farmer? perguntei a Gwen certa manhã de fevereiro.

— É? Oh!

— E o que você quer dizer com isso?

— Você está se preparando para voltar a Nova Iorque, não é?

Tive de rir.

— Bem, de fato estava pensando numa viagem bem rápida, de uma noite apenas.

— Hum hum.

***

Foi bom atravessar a Ponte George Washington novamente, e logo depois a ponte do Brooklyn. Foi bom andar pelas ruas novamente, pulando por cima dos montes de neve, como eu fizera naquela minha primeira visita à cidade. Fiquei surpreso por me sentir tão à vontade, como se estivesse mesmo em casa. Queria procurar velhos amigos e visitar lugares onde grandes milagres se deram no coração dos rapazes.

Um dos lugares que eu queria rever era Fort Greene, e ao passar por aquelas ruas cheguei ao local onde Jimmy Stahl e eu havíamos feito aquela primeira reunião ao ar livre. Estava revivendo aquela cena, quando ouvi alguém me chamando:

— David! Pregador!

Voltei-me e vi dois garbosos soldados de cor que se aproximavam de mim, correndo. Usavam uniformes limpos e bem-passados, e os sapatos brilhavam de modo a chamar atenção.

Olhei bem para eles:

— Dito! Simão!

Estavam irreconhecíveis; deviam ter engordado uns dez quilos cada um.

— Sim, senhor! disseram juntos, fazendo continência. Que tal, hein, David?

Estavam obviamente orgulhosos. Entrar para o Exército era uma espécie de apogeu para muitos rapazes dos conjuntos habitacionais. De fato, o uniforme que usavam era como um certificado de mérito, porque as exigências do Exército, quanto à alfabetização e saúde eram bastante rigorosas. Dito, Simão e eu tivemos

uma conversa agradabilíssima. Eles me contaram que iam bem, que haviam deixado a quadrilha depois daquele primeiro encontro na rua, e nunca mais voltaram.

— Aliás, disse Simão, a quadrilha dos Capelães se dissolveu para o resto do verão, ninguém queria brigar.

Deixei Simão e Dito com verdadeiro pesar. Fiquei surpreso com a intensidade de minhas próprias reações, quanto a esse encontro inesperado. Gostava realmente desses rapazes e sentira sua falta mais do que eu mesmo reconhecera.

Mas surpresa maior me esperava. Desci a Rua Edward, passei pelo posto onde Jimmy e eu pregamos, à procura de Israel e Nicky. Encontrei-me com um rapaz espanhol que eu pensei reconhecer e perguntei se sabia do paradeiro de Nicky e Israel, dos Mau Maus.

O rapaz me olhou estranhamente.

— Você se refere àqueles arruaceiros que viraram santos? Ele dizia isso ridicularizando, mas como me alegraram as suas palavras!

“Glória a Deus!” pensei. “Estão firmes!”

Mas o que ele disse em seguida me deixou tonto. Não estavam apenas firmes, mas Nicky pelo menos estava caminhando a passos largos.

— Aquele Nicky, hum! dizia o rapaz com desdém. Ficou biruta. Vai ser um desses pregadores malucos.

Fiquei atônito, boca escancarada.

— Será que eu ouvi bem? Nicky vai ser *pregador?*

— É isso que ele diz.

Queria saber onde encontrá-lo. Quando ele havia falado sobre isso? A quem falara? Já havia tomado alguma providência? O rapaz não podia responder às minhas perguntas, portanto sai à procura do próprio Nicky.

Encontrei-o um pouco mais tarde, sentado nos degraus de um prédio de apartamentos, conversando com outro rapaz.

— Nicky!

Ele se virou, e eu olhei para um rosto completamente desconhecido. Onde houvera antes uma fisionomia dura e rebelde, agora via-se franqueza e animação, um olhar simpático e vivo. Quando me viu, seus olhos mostraram grande prazer.

— Pregador! Ele levantou-se depressa e veio ao meu encontro. David! Depois, voltando-se para o rapaz que estava com ele disse: Ei, rapaz, este é o pregador de quem lhe falei. Foi ele que me conquistou.

Foi maravilhoso revê-lo. Depois das apresentações e cumprimentos, perguntei a Nicky se era verdade que ele queria entrar para o ministério.

Nicky olhou para o chão e disse:

— Nunca desejei tanto uma coisa, como desejo isso, David!

— Que ótima notícia! disse eu. Você já tomou alguma providência?

— Nem sei por onde começar.

Eu estava com a cabeça cheia de idéias. Ofereci-me para escrever a algumas escolas de teologia. Queria eu mesmo financiar o seu curso. Queria mandá-lo a uma clínica que corrigisse o seu impedimento de linguagem.

Tive até algumas idéias quanto à arrecadação de dinheiro para tudo isso. Fora convidado a falar a um grupo em Elmira, Nova Iorque, sobre os problemas de jovens nas cidades, e a reunião estava marcada para daí a algumas semanas. Pareceu-me ironia, que naquela mesma cidade Luis Alvarez havia estado preso. Os rapazes não ficam muito tempo em Elmira. Luis já deveria ter sido transferido, e eu não tinha a mínima idéia de onde poderia estar.

— Nicky, perguntei, você quer ir comigo a Elmira, contar a sua história àquelas pessoas? Quem sabe poderão ajudá-lo.

Nem bem acabara de fazer a sugestão e comecei a ter dúvidas quanto à sua realização. A história de Nicky, que eu ouvira aos pedaços aqui e ali, era verdadeiramente horrível, cheia de brutalidade e de certa irracionalidade que talvez fosse até incompreensível em Elmira. Eu já estava acostumado a ver e ouvir coisas arrepiantes nas ruas de Nova Iorque, mas mesmo assim achava a história de Nicky chocante.

Por outro lado, argumentava comigo mesmo, a igreja de Elmira mostra desejo de saber alguma coisa sobre as quadrilhas; essa seria a forma de aprenderem mais rapidamente. Para mim seria uma boa oportunidade de ouvir a história de Nicky, do começo ao fim, principalmente sobre a sua experiência na Arena São Nicolau, do seu próprio ponto de vista.

***

Foi assim que Nicky se achou num púlpito em Elmira, algumas semanas mais tarde, para contar a história de sua vida. Durante a apresentação, fiz questão de frisar a pobreza e a solidão em que viviam rapazes como ele, para que não o julgassem muito severamente, até ouvirem toda a sua história.

Nem seriam necessárias essas precauções. Desde o momento em que ele abriu a boca para falar, todos “estavam” com ele. Suas próprias palavras, sua comovente falta de experiência — por mais que se considerasse “vivido” — a apresentação nua e crua dos fatos, por um rapaz que não aprendera ainda a exagerar ou embelezar, falaram mais do que volumes de sociologia, sobre o mundo de onde ele viera.

Começou dizendo:

Eu vivia principalmente nas ruas, porque meus pais tinham clientes que vinham onde morávamos. Chegavam às vezes de dia, outras vezes de noite, e todos nós tínhamos de sair. Meus pais eram espíritas. Faziam anúncio nos jornais em espanhol dizendo que falavam com os mortos e curavam doentes. Davam também conselhos sobre dinheiro e problemas familiares.

Tínhamos um cômodo só; por isso, nós crianças ficávamos na rua. A princípio eu apanhava muito, depois aprendi a brigar, e os outros começaram a ficar com medo de mim e me deixavam em paz. Em casa eu era o mais novo; não era ninguém, mas na rua todos sabiam quem eu era.

Minha família se mudava muito, principalmente por minha causa. Se havia qualquer confusão e a polícia aparecia por lá fazendo indagações, o responsável

pelo prédio onde morávamos imediatamente dizia que teríamos de mudar. Não queriam complicações com a polícia. É assim com todos os porto-riquenhos; não importa se a gente fez alguma coisa errada ou não. Se a polícia aparece fazendo perguntas, a família tem de mudar.

Não sei por que eu agia daquela maneira. Havia dentro de mim alguma coisa que me amedrontava e me preocupava o tempo todo, mas que eu não podia controlar. Acontecia isso quando eu via um aleijado. Queria matá-lo. Sentia a mesma coisa com cegos, ou criancinhas — qualquer pessoa fraca ou ferida — eu os odiava.

Um dia contei isso a meu pai. Nós nunca conversávamos, mas aquilo me amedrontava. Quando contei, ele disse que eu tinha um demônio, e tentou expulsar o demônio, mas não conseguiu.

Essa coisa louca ficava cada vez pior. Se encontrava alguém de muletas, chutava-as; se deparava com um velho barbudo, puxava-lhe a barba; e maltratava as criancinhas. Enquanto isso, eu estava sempre com medo e querendo chorar, mas a coisa dentro de mim dava risadas. Outra coisa era sangue. Quando via sangue começava a rir sem parar.

Quando mudamos para Fort Greene, entrei para a quadrilha dos Mau Maus. Eles queriam que eu fosse presidente, mas, numa luta, o presidente tem de dar ordens. Eu queria brigar, por isso me fizeram vice-presidente.

Também era responsável pelas armas. Tínhamos cinturões, punhais, facas e espingardas pica-pau. Eu gostava de olhar para essas coisas; sentia-me bem. A gente precisa roubar a antena de um carro para fazer uma espingarda pica-pau. Usa-se um trinco de porta como gatilho, e cartuchos 22.

Mas na hora da briga, eu gostava era de um bastão de beisebol. Cortava um buraco numa lata de lixo, para poder ver; punha a lata na cabeça e saía batendo com o bastão. Os próprios Mau Maus não lutavam ao meu lado, porque, quando ficava maluco, eu batia em qualquer um que estivesse na minha frente.

Aprendi também a esfaquear, isso é, cortar sem matar. Furei dezesseis pessoas e fui para a cadeia doze vezes. Em algumas dessas vezes, a minha

fotografia saiu nos jornais. Quando eu passava, todos sabiam quem eu era, e as mães chamavam os filhos para dentro.

As quadrilhas também me conheciam. Um dia estava esperando o trem no metrô, quando cinco rapazes me atacaram pelas costas. Passaram um cinto de couro pelo meu pescoço e foram apertando. Não morri, mas muitas vezes gostaria de ter morrido, porque depois disto nunca mais falei direito. Fiquei com este barulho estranho na garganta. Sempre odiei pessoas que tinham algum defeito, e agora eu tinha um. Depois disto tive de brigar muito para manter o respeito.

Nossa quadrilha comandava até Coney Island e Avenida Ralph. Tínhamos blusões vermelhos com MM bordados neles e usávamos botinhas de salto, que ajudam muito numa briga. Um dia estávamos num bar na Avenida Flatbush. Estávamos seis do nosso grupo tomando um refresco, quando sete Bispos entraram. A quadrilha dos Bispos estava em guerra com os Mau Maus.

Um dos Bispos foi ao balcão como se fosse dele. Os meus rapazes estavam me olhando. Cheguei perto dele e dei-lhe um empurrão. Ele também me empurrou e em pouco tempo todos estavam brigando. A esposa do proprietário começou a gritar. Todos os outros fregueses saíram correndo. Havia uma faca grande no balcão, um dos meus rapazes pegou a faca e cortou um Bispo cinco vezes na cabeça. Eu vi o sangue e comecei a rir. Sabia que ele estava morto, e fiquei com medo, mas não conseguia parar de rir. A esposa do proprietário telefonou para a polícia. Outro dos meus rapazes pegou aquela faca e enfiou na barriga dela enquanto ela telefonava. Depois corremos.

“Eu não peguei na faca, por isso não fui para a cadeia, mas meus pais tiveram de se apresentar, e acho que me olharam pela primeira vez. Ficaram com medo, quando souberam o que eu era, tanto que resolveram sair de Nova Iorque e voltar para Porto Rico. Eu e meu irmão fomos até o Aeroporto para a despedida. Na volta, no seu carro, ele me entregou uma pistola 32 e disse:

“De agora em diante você está sozinho, Nicky.”

A primeira coisa que eu fiz foi achar um lugar para dormir. Assaltei um

rapaz com minha pistola nova e roubei dez dólares. Aluguei um quarto na Avenida Myrtle, e vivi assim de assaltos e roubos desde aquela época. Tinha então dezesseis anos

Durante o dia não tinha problemas, pois estava com a quadrilha. Tudo o que eu e o presidente mandávamos, eles faziam. Mas à noite, quando eu tinha de entrar naquele quarto, era horrível. Ficava pensando nas duas pessoas mortas naquele bar. Batia a cabeça no chão para não pensar. Comecei a acordar no meio da noite, chamando minha mãe. Antes de partirem, eu nunca conversava com ela, mas de repente senti que ela deveria vir cuidar de mim.

Fiz dezoito anos em julho de 1958. Durante aquele mês, os Dragões de Red Hook mataram um dos nossos rapazes. Nós íamos embarcar no metrô para pegar um deles, porque é uma das leis da quadrilha; se morre um Mau Mau, um Dragão morre também. Estávamos descendo a Rua Edward em direção a estação do metrô, quando vimos um carro da polícia parado e um grupo de Capelães por ali. Os Capelães são a quadrilha de pretos em Fort Greene. Nós tínhamos um acordo com eles, de que não brigaríamos, e lutaríamos juntos se outra quadrilha nos invadisse os domínios.

Alguma coisa parecia estar acontecendo; por isso, fomos averiguar. Os Capelães estavam rodeando dois homens desconhecidos. Um deles estava tocando uma corneta e o outro era um magricela.

Logo, alguém trouxe uma bandeira americana, e o carro da polícia foi embora. Verificamos que não era nada importante, os dois apenas queriam fazer uma reunião ao ar livre.

Logo que hastearam a bandeira, o magricela subiu numa banqueta, abriu um livro e leu isto:

Porque Deus amou ao mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna".

— Agora, disse o pregador, vou falar com vocês sobre o que significa "todo aquele". Significa pretos e porto-riquenhos, especialmente membros de quadrilhas. Vocês sabem que, quando Cristo foi crucificado, ao lado dele

crucificaram dois membros de quadrilhas também?

Para mim era o suficiente e então eu disse: — Vamos rapazes, temos muito que fazer. Nenhum deles se mexeu; era a primeira vez que não me obedeciam imediatamente. Foi então que fiquei com medo, e comecei a xingar aquele pregador de todo nome feio que eu conhecia. Ele não prestou atenção; continuou falando por muito tempo.

Depois nem acreditei no que via — o presidente dos Capelães se ajoelhou ali mesmo no meio da rua e começou a chorar. O vicepresidente e mais dois se ajoelharam perto dele e também choraram. Uma coisa que eu não agüentava ver era alguém chorar. Achei muito bom quando os Capelães foram embora. Pensei: “Agora nós também damos o fora”.

Mas, o tal pregador se aproximou de Israel — ele era presidente dos Mau Maus — e cumprimentou-o. Eu logo pensei: “Ele deve estar querendo acabar com a gente!” Então, fui até ele e dei um empurrão. Israel olhou para mim, como se nunca me tivesse visto.

Então aquele pregador veio para o meu lado.” — Nicky, disse ele, eu gosto de você. “Era a primeira vez em minha vida que alguém me dizia isso, e eu não sabia o que fazer. Respondi: “— Se você chegar perto de mim, eu o mato! “E eu estava falando sério mesmo. Israel e o pregador conversaram mais um pouco, mas afinal ele partiu, e eu pensei que o negócio tinha chegado ao fim. Só que nós não fomos mais atrás dos Dragões.

Depois de algum tempo, contudo, o pregador voltou e falou de grandes reuniões que iriam fazer, especialmente para os membros das quadrilhas em Manhattan, e que também deveríamos ir.

— Gostaríamos de ir, pregador, disse Israel, mas como vamos atravessar o Bairro Chinês?

— Mando um ônibus buscá-los, disse o pregador.

Então Israel falou que iríamos. Eu disse que não iria, preferia morrer do que ir àquela reunião. Mas aconteceu que, quando a quadrilha foi, eu fui também; tinha medo de ficar sozinho, longe do pessoal. Pensei, então, em atrapalhar

bastante a reuniãozinha. Quando chegamos lá, havia três fileiras de bancos bem na frente, reservados para nós, o que foi uma surpresa. O pregador disse que iria reservar lugares, mas eu não acreditei.

Uma mulher estava tocando órgão, e então fiz os rapazes baterem o pé e gritar, exigindo que começassem logo. Depois, uma mocinha subiu ao palco e cantou. Assobiei e todos riram, as coisas estavam acontecendo como eu queria, e eu estava bem satisfeito.

Finalmente o pregador apareceu e disse:

— Antes da mensagem de hoje nós vamos fazer uma coleta,

Pensei comigo mesmo: Agora já sei o que ele está querendo", pois há muito tempo imaginava qual seria o interesse dele nisso tudo. Agora percebi que, como todos os outros, o seu interesse era dinheiro.

E ele disse mais:

— Vamos pedir aos próprios membros das quadrilhas que a levantem. Recolherão o dinheiro e o trarão para o palco, dando a volta por trás daquela cortina.

Pensei comigo mesmo: Além de tudo, é bobo. Quem não pode ver que há uma porta de saída ali atrás?"

— Quero seis voluntários, continuou o pregador.

Ah! Num instante eu estava de pé; apontei cinco dos meus rapazes e em pouco, nos achávamos ali. Aqui estava a minha chance para fazê-lo de bobo. Ele nos deu caixas de papelão. Eu queria começar imediatamente, mas ele fez todo mundo ficar quietinho, enquanto fez uma longa oração. Tive de fazer um esforço enorme para não rir.

Bem, passamos por todo o salão. Se eu achava que alguém tinha dado pouco, ficava ali, em pé, até que pusesse mais. Todos conheciam o Nicky! Voltamos depois, e nos encontramos atrás da cortina.

Lá estava a porta, bem aberta. Eu podia ver as luzes lá fora, e ouvi o carro-pipa, molhando a rua. Dentro do salão, alguns estavam rindo, sabendo o que nós estávamos tramando. Meus rapazes estavam olhando para mim, esperando a

ordem de dar o fora, mas eu fiquei lá, como bobo. Não sabia explicar por que, mas sentia alguma coisa engraçada, e pensei: Aquele pregador confia em mim". Também era a primeira vez na minha vida que alguém confiava em mim, e eu fiquei lá em pé, com os rapazes olhando para mim.

Eu ouvia as risadas dos outros lá dentro. Batiam os pés no chão e já começavam a gritar, e eu pensei nele em pé na frente de todos, tendo de agüentar tudo, e confiando em mim.

— Certo, rapazes, falei, vamos subir para aquele palco.

Eles olharam para mim como se eu estivesse louco, mas ninguém discutiu. Eu era assim, ninguém discutia comigo. Subimos a escada, e vocês nunca viram uma turma fazer silêncio mais depressa! Entregamos as caixas.

— Aqui está o seu dinheiro, pregador, disse eu.

Ele pegou o dinheiro, sem mostrar surpresa, como se soubesse que nós o traríamos. Voltei para o meu lugar e comecei a pensar mais do que já pensara em toda a minha vida. Depois, ele começou a falar sobre o Espírito Santo. Disse que o Espírito Santo poderia entrar nas pessoas e fazer com que fossem purificadas. Não importava o que já haviam feito; o Espírito Santo poderia fazer com que começassem de novo, como criancinhas.

De repente, eu queria aquilo mais do que qualquer outra coisa. Era como se eu estivesse me vendo pela primeira vez. Toda a sujeira, o ódio e a maldade apareceram como figuras reais à minha frente.

Você pode ser diferente!" dizia ele. "Sua vida pode ser transformada!"

Queria isso, precisava disso, mas sabia que não poderia acontecer comigo. O pregador disse para ir à frente, se quiséssemos ser transformados, mas eu sabia que para mim não havia mais jeito.

Então, Israel levantou-se e mandou que todos levantássemos também:

— Eu sou o presidente, e toda esta quadrilha vai lá para a frente!

Eu fui o primeiro a chegar. Ajoelhei-me e fiz a primeira oração da minha vida, assim: "Querido Deus, sou o pecador mais sujo de Nova Iorque. Acho que o Senhor não pode me querer, mas se quiser, eu estou aqui. Assim como fui

ruim, quero ser bom para Jesus”.

Depois, o pregador deu-me uma Bíblia e voltei para casa, pensando se o Espírito Santo estaria realmente dentro de mim, e como eu poderia ter certeza. A primeira coisa que aconteceu, quando entrei no meu quarto e fechei a porta, foi que eu não senti mais medo. Senti como se tivesse um companheiro ao meu lado — não Deus, nem qualquer coisa parecida, mas senti me como se minha mãe tivesse voltado. Tinha quatro pacaus de maconha no bolso, piquei-os em pedaços e joguei-os pela janela.

No dia seguinte todos olhavam para mim espantados, por que a notícia de que o Nicky ficara religioso se espalhara. Mas outra coisa que aconteceu, e me ajudou a saber que a mudança fora real, foi a atitude de dois meninos. Em geral as crianças sempre fugiam de mim, mas esses dois se aproximaram, olharam bem para mim e vieram pedir um favor. Queriam que eu os medisse, para saber qual era mais alto. Como vêem, nada importante, mas pus a mão nos seus ombros porque sabia que eu estava diferente, mesmo que só as crianças o percebessem.

Algumas semanas mais tarde, um Dragão chegou perto de mim e disse:

— É verdade que você não carrega mais arma nenhuma?

Respondi-lhe que sim, e ele então tirou um punhal e ia cravá-lo no meu peito. Levantei a mão depressa, recebendo o golpe nela. Não sei por que o rapaz saiu correndo, e eu fiquei olhando para o sangue que caía da minha mão. Lembrei-me de como sangue sempre me deixava louco, mas nada aconteceu. Vieram-me então à memória algumas palavras que havia lido na minha Bíblia: “O sangue de Jesus, seu Filho, nos purifica de todo pecado” (1 Jo 1.7). Rasguei a camisa, amarrei a mão, e daquele dia em diante acabou-se aquela loucura que sentia quando via sangue.”

***

Enquanto Nicky falava, um silêncio envolveu a sala — aquele silêncio que

afeta até a respiração, e que invariavelmente acompanha um milagre. Nós estávamos presenciando um milagre naquela noite em Elmira, e à medida que cada um compreendia esse fato, soltava a respiração numa espécie de suspiro, que encontrava eco em outro, logo mais adiante.

Quando Nicky começou a contar sua história, falava naquela voz forçada, rouca e cheia de impedimentos, mas à medida que prosseguia em seu relato, sua voz foi se alterando. Paulatinamente, as palavras eram pronunciadas com menos esforço, os sons se tornaram mais nítidos, até que afinal, ele estava falando com tanta naturalidade e nitidez como qualquer outra pessoa ali presente.

A essa altura do seu relato, o próprio Nicky teve consciência do fato, e começou então a tremer, incapaz de continuar sua história, com lágrimas a lhe rolarem pela face.

Eu nunca soube exatamente o que havia causado o seu problema, se era mesmo algo físico, resultado do estrangulamento, ou se era o que os médicos chamam de mal “psicológico”. Naturalmente, Nicky nunca pensara em consultar um médico a respeito daquilo. Eu sei que depois daquela noite, sua voz ficou curada.

Naquela noite, também foi tirada uma oferta, que permitiu a Nicky iniciar uma jornada longa e notável.

12

Certa noite, sentado na cadeira de couro do meu escritório em Philipsburg, eu pensava com satisfação nos acontecimentos dos últimos meses. Era a hora em que eu antigamente assistia a algum programa na televisão; mas nesse momento, sentia que só tinha razão para dar graças pela decisão que tomara.

Escrevera ao Instituto Latino-Americano em La Puente, Califórnia, sobre o sonho de Nicky, de ingressar no ministério. Nada escondi sobre a sua vida passada, e confessei francamente que ele não estivera ainda, na nova vida, o tempo suficiente para ser provado. Mesmo assim, perguntei se o aceitariam condicionalmente.

Responderam que sim e, mais do que isso, se sentiram tão interessados na história da transformação de um rapaz das ruas, que pouco tempo depois escreveram convidando Angelo Morales para estudar na mesma escola.

Sim, pensava eu. Estava tudo correndo muito bem. Dito e Simão continuavam bem, Nicky e Angelo iam estudar para serem futuros pastores; tudo indicava um final feliz, na tarefa para a qual eu fora chamado.

Essa calma não demorou muito para se dissipar. Na primavera de 1959, recebi uma notícia que me pôs novamente no caminho que, eu imaginara, seria curto. Israel estava preso, e sob acusação bastante grave — homicídio. Fui até Nova Iorque visitar a mãe de Israel.

“Meu filho foi tão bom, por algum tempo”, disse a mãe de Israel chorando convulsivamente. “Quando as aulas começaram, ele voltou a estudar, mas depois a quadrilha começou a agir novamente. O senhor sabe o que é “recrutamento”, Sr. Wilkerson?”

Eu sabia bem o que era. Quando uma quadrilha se formava, ou quando as suas fileiras estavam minguadas, qualquer rapaz da redondeza estava sujeito a uma das invenções mais odiosas das quadrilhas. Ele era simplesmente

“recrutado”. Cercavam-no, e lhe diziam que daquele momento em diante, ele era membro da quadrilha e estava obrigado a participar das brigas e obedecer a todas as ordens. E se ele se recusasse?

Primeiro davam-lhe uma surra. Se ainda continuasse recusando, quebravam-lhe os polegares ou um braço. Se ainda recusasse, ameaçavam a sua vida. Quem conhece as quadrilhas não menospreza essas ameaças; a maioria sucumbe. Israel tentou resistir várias vezes, antes de voltar finalmente à quadrilha.

“Meu filho tinha tanto medo”, continuou a mãe de Israel. Acabou voltando. Uma noite houve uma briga muito grande. Um dos rapazes morreu. Ninguém disse que foi Israel quem atirou, mas ele estava no grupo e foi levado para a cadeia.”

A mãe de Israel mostrou-me uma carta que recebera dele, já muito amassada e manchada de lágrimas. Ele dizia que lamentava a tragédia por causa dela, mas não parecia revoltado. Falava do dia em que poderia sair de lá, e de mim também, dizendo: “O pregador vai ficar triste quando souber. Diga a David que eu gostaria de receber notícias dele”.

O que poderíamos ter feito? Como poderíamos ter evitado que Israel fosse parar na cadeia? Será que, se eu estivesse mais perto, oferecendo a minha amizade e conselhos, teria ajudado? Se o tivéssemos tirado desse ambiente, longe da quadrilha que o havia recrutado, e longe da vida que o envenenara, teria sido outro o seu destino?

Fiz todas essas perguntas à mãe de Israel, enquanto ela gemia e meneava a cabeça, em seu sofrimento.

“Talvez”, disse ela. “Não sei. Meu filho andou direitinho por algum tempo. Depois voltou. Ele queria ser bom. Ajude-o, Sr. Wilkerson.”

Prometi que faria o que pudesse. De início, disse que enviaria para a cadeia, algumas lições de um curso por correspondência para Israel.

Dia e noite eu pensava nele. Falava com Gwen a seu respeito. Surpreendi-me a mim mesmo perguntando aos membros da igreja o que teriam feito por ele, onde eu falhei. Escrevi-lhe, mas descobri logo que ele não poderia responder. Só

lhe era permitido escrever à sua família. Até mesmo as lições por correspondência teriam de ser enviadas ao capelão da cadeia.

No começo do verão, quando os campos da Pensilvânia estavam verdes novamente, Israel estava mais do que nunca nos meus pensamentos. Aproveitava todas as oportunidades para subir o morro e orar por ele. Além disso, nada mais podia fazer.

Enquanto escrevo estas linhas, Israel ainda está preso. A frustração que sinto hoje me tortura tanto quanto no dia em que primeiro reconheci minha impotência ante o crime e o castigo desse meu predileto entre todos os rapazes que conheci; desse com quem me simpatizei à primeira vista. Agora estou aguardando; mais nada.

Enquanto isso, em toda a ocasião apropriada, contava sua história a outros, perguntando o que poderia ter sido feito de maneira diferente. Vez após vez recebi a mesma resposta — acompanhar de perto os passos do recém-convertido. A falha estava em abandonar esses rapazes, depois de convertidos.

Mas para fazer isso, eu teria de estar ali por perto. Sentia que alguma coisa estava para acontecer na minha vida. E de repente aconteceu.

***

Era uma noite quente de agosto, um ano e meio depois da minha primeira tímida visita a Nova Iorque. Estava no púlpito naquela quartafeira durante a reunião de oração, quando subitamente minhas mãos começaram a tremer. O termômetro marcava 39 graus, mas eu tremia como se estivesse com febre. Em vez de me sentir doente ou preocupado, sentia uma tremenda alegria, como se o Espírito do Senhor estivesse se aproximando de mim.

Não sei como consegui terminar o culto, mas afinal a congregação se dispersou, cada um dirigindo-se à sua própria casa. Às 10:30h fechei a igreja e saí pela porta dos fundos. O que aconteceu a seguir foi algo bastante simples, mas ao mesmo tempo um dos momentos mais nitidamente reais da minha vida, dos quais me lembrarei enquanto viver.

A lua brilhava com luminosidade incomum; sua luz fria e misteriosa banhava a cidade adormecida; mas havia um ponto que parecia ainda mais claro do que os outros. Atrás da igreja havia uma plantação de trigo que estava com quase meio metro de altura. Fui impulsionado bem para o meio desse campo, enquanto o trigo balançava, impelido pela leve aragem da noite. Repentinamente, vi-me repetindo as palavras de João 4.35-38:

“Não dizeis vós que ainda há quatro meses até que venha a ceifa? Eis que eu vos digo: levantai os vossos olhos e vede as terras, que já estão brancas para a ceifa. E o que ceifa recebe galardão e ajunta fruto para a vida eterna, para que, assim o que semeia como o que ceifa, ambos se regozijem. Porque nisso é verdadeiro o ditado: Um é o que semeia, e outro, o que ceifa. Eu vos enviei a ceifar onde vós não trabalhastes; outros trabalharam, e vós entrastes no seu trabalho.” (ARC.)

***

Em minha mente, cada haste de trigo representava um jovem das ruas da cidade, ansioso para começar de novo a vida. Depois voltei-me e olhei para a igreja e para a casa pastoral, onde Gwen e as três crianças estavam alegres e seguras, nessa pequena paróquia. Mas, enquanto olhava para lá, uma voz interna parecia falar-me, como se algum amigo ali por perto me dirigisse a palavra: “A igreja não é mais sua”, dizia. “Você deve partir”.

E na mesma voz interior, mansa e calma eu respondi: “Sim, Senhor. Eu irei”.

Voltei para casa, onde Gwen me esperava. Já estava pronta para deitar-se, mas ao olhar para ela vi que algo também lhe acontecera.

— O que é, Gwen?

— Como, o que é?

— Há alguma coisa diferente em você.

— David, respondeu ela, não é preciso contar. Eu já sei. Você vai deixar a

igreja, não vai? Você precisa partir.

Olhei para Gwen muito tempo antes de responder. A luz do luar, que fluía para dentro do quarto da casa pastoral, eu pude enxergar o brilho de uma lágrima em seus olhos.

— Eu ouvi a voz também, David, dizia Gwen. Nós vamos partir, não é?

Abracei-a na penumbra e disse:

— Sim, minha querida. Nós vamos.

***

O domingo seguinte era o quinto aniversário de nossa permanência em Philipsburg. Naquela manhã, do púlpito, eu contemplava o rosto daquelas pessoas que conhecia tão bem.

“Amigos”, disse. “Vocês, provavelmente, estarão esperando uma mensagem de aniversário. Como todos sabem, esses cinco anos foram felizes e maravilhosos para mim, para minha esposa e para nossos filhos, dois dos quais nasceram aqui. Sempre nos lembraremos desses anos com muito prazer, pelas muitas provas de amizade que aqui recebemos. Mas algo de incomum aconteceu na última quarta-feira, algo que poderá ter uma explicação apenas.”

Contei-lhes então a minha experiência no campo de trigo e a surpreendente experiência que Gwen tivera, ao mesmo tempo, dentro de casa. Disse-lhes que não tinha a menor dúvida — era a voz do Senhor e nós teríamos de obedecer. Não poderia responder a pergunta sobre onde iríamos, embora tivesse a impressão de que seria Nova Iorque. Todavia, não tinha certeza ainda. O que sabia certamente era que deixaríamos Philipsburg, sem demora.

Como é maravilhoso viver essa vida do Espírito! Naquela mesma tarde, quando voltei para casa, o telefone tocou. Era Um chamado da Flórida, de um pastor que disse não conseguir se livrar de uma idéia persistente de telefonar-me, convidando-me para dirigir uma série de reuniões em um retiro a realizar-se imediatamente. Logo depois outro telefonema, depois outro e, antes do fim do dia, estava com reuniões marcadas para doze semanas, em diversos lugares dos

Estados Unidos.

Dentro de três semanas, havíamos guardado nossa mobília, transferindo-nos para uma parte da casa dos meus sogros.

Depois eu parti. Durante o resto daquele verão, e parte do inverno seguinte, visitei várias cidades e estados do país. Às vezes tinha vontade de rir de mim mesmo; eu sempre calculava a distância até cada lugar que deveria visitar, não começando de onde eu estava, mas de Nova Iorque. A cidade continuava a me atrair, como um ímã. Sempre que possível eu escolhia compromissos que me levariam para perto daquela cidade grande, congestionada e cheia de sofrimento, que eu amava de maneira especial.

No inverno de 1960, um destes compromissos me levou a Irvington, Nova Jersey. Lá fiquei hospedado com um pastor chamado Reginald Yake, e contei-lhe, como fazia com todos, algumas das experiências que tivera em Nova Iorque. O Sr. Yake ficou sentado no braço de uma poltrona durante uma hora, ouvindo atentamente e fazendo perguntas.

“David”, disse ele afinal, “parece-me que as igrejas precisam de um pregador de tempo integral, para trabalhar com as quadrilhas de Nova Iorque. Deixe-me dar alguns telefonemas a certos amigos meus.”

Um dos homens que chamou foi Stanley Berg, co-pastor do Tabernáculo Boas-Novas, na Rua 33-Oeste, perto da Estação Penn. Foi convocada uma reunião de pastores interessados, para um salão da igreja do Sr. Berg.

Foi uma reunião normal. Alguém leu uma carta de uma autoridade policial que incentivava as igrejas a tomarem uma atitude mais atuante nas questões relativas aos jovens. O Sr. Berg discursou sobre o trabalho que eu já havia feito, depois eu falei a respeito da direção que o trabalho entre os jovens poderia tomar agora.

Antes de terminarmos, um novo ministério havia nascido. Já que o propósito principal desse novo ministério era alcançar os jovens com a mensagem do amor de Deus, demos-lhe o nome de “Evangelismo Jovem”. Fui escolhido para ser diretor desta nova organização, por já ter experiência neste trabalho. Um capitão

da polícia chamado Paul DiLena, membro da igreja do Sr. Berg, foi escolhido como secretáriotesoureiro. Coitado do Paul — não estava presente à reunião, para defender-se.

Logo surgiu o assunto de dinheiro, que foi tratado com muita simplicidade. Resolvemos que para manter um escritório, pagar as despesas de salários, impressos e assim por diante, precisaríamos de 20.000 dólares no mínimo.

Naturalmente, não havia dinheiro, como descobriu o nosso secretário-tesoureiro alguns minutos mais tarde, quando Stanley Berg telefonou-lhe para dar a notícia de sua vitória nas urnas.

— Paul, disse o Pastor Berg, tenho boas notícias. Você acaba de ser eleito tesoureiro do Evangelismo Jovem. David Wilkerson é o diretor nessa luta em favor dos jovens. Sem dúvida, você gostará de saber que tem um orçamento de 20.000 dólares para o primeiro ano.

O capitão DiLena respondeu:

— Quem é David Wilkerson, onde estão os livros e o dinheiro?

— Paul, disse o Pastor Berg, não temos livros, não temos dinheiro, e David Wilkerson é um pregador vindo das montanhas da Pensilvânia, e sente que deve vir para Nova Iorque.

Paul riu:

— Parece tudo muito ingênuo, disse ele.

— Somos todos ingênuos, respondeu o pastor Berg.

— Tão ingênuos quanto Davi quando enfrentou Golias com apenas um estilingue e uma pedra … e mais a convicção de que estava do lado de Deus.

13

Era uma fria e úmida manhã de fevereiro, quase que exatamente dois anos depois daquele outro dia de fevereiro em que eu havia vendido o aparelho de televisão e mergulhado nesta aventura estranha.

Apreciando o panorama da baía, pela porta de vidro da barca de Staten Island, não podia compreender como era gigantesco o passo que havíamos dado em direção ao meu sonho. O mar agitado jogava espuma no convés, e a estibordo eu via a Estátua da Liberdade.

Olhando para ela, pensava no que eu iria fazer em Staten Island. Estava ocupado numa missão específica e esperançosa — alugar escritórios para o nosso programa: libertar os jovens.

Trazia comigo um endereço que parecia apropriado: Alameda Vitória, 1.865. Fora sugerido como o centro das nossas atividades, mas quando cheguei ao nosso “quartel-general”, tive de sorrir. Consistia de três salas um tanto escuras e sujas, num bairro que nada tinha de chique.

Eu disse: “Bem, Senhor, é bom que este lugar não seja luxuoso, pois se fosse, nem saberia como agir”. O “Evangelismo Jovem” teve seu início nessas três salas.

Tínhamos um empregado assalariado — eu — e o meu salário não dava para alugar nem o quarto mais barato da pensão mais barata. Coloquei um sofá perto de minha mesa, na sala do meio, e comia o que podia fazer num fogareiro ou, em ocasiões especiais, com amigos que visitavam Nova Iorque e, olhando a minha magreza, convidavam-me para uma refeição.

Mas o pior de tudo era a família dividida. Gwen ficou em Pittsburg com a família, mas queria estar comigo, tão logo possível.

“Eu sei que você está fazendo o que é certo, David”, disse ela em uma das nossas conversas por telefone, “mas tenho muita saudade de você, e Gary está

crescendo sem nem saber como é o seu papai.”

Combinamos mudar para Nova Iorque logo que o ano escolar terminasse para Bonnie e Debbie, mesmo que para isso fosse preciso dormir num banco de jardim. Mas, enquanto isso, descobri certas vantagens na minha existência monástica. O cubículo, que me servia de lar, era o lugar ideal para a oração não havendo nenhum conforto físico para distrair-me.

A pequena sala continha apenas minha mesa, uma cadeira de madeira e o sofá. Descobri que era um verdadeiro prazer orar nesse ambiente austero, e todas as noites esperava com ansiedade o meu antigo horário de televisão — 24:00h às 2:00h — como um período de refrigério. Nunca me levantava sem me sentir revigorado, encorajado e cheio de novo entusiasmo.

Esses primeiros dias foram emocionantes. As igrejas de Nova Iorque nos deram mil dólares, para iniciar o nosso trabalho. Usei esse dinheiro com duas experiências. A primeira, chamada “Operação Saturação”, era um programa de literatura que tinha como alvo alcançar cada aluno nas escolas dos bairros necessitados da cidade.

Em nossa literatura abordamos problemas como drogas, promiscuidade, bebida, masturbação e violência de quadrilhas, oferecendo ajuda na Bíblia. Trabalhamos muito nesse programa, levando centenas de jovens das igrejas locais a participar da operação, distribuindo folhetos.

Entretanto, ao final de três meses, tínhamos um número insignificante de rapazes e meninas realmente convertidos como resultado desse trabalho.

Voltamos a nossa atenção para outra experiência — televisão. Reuni cem rapazes e moças que haviam achado o caminho, e formamos um coro de jovens que fizeram uma apresentação todas as semanas, durante treze semanas. O programa era simples — os jovens cantavam, depois um dos rapazes ou moças contava a sua história.

Ficamos animados com a audição que essa apresentação recebeu, tornamo-nos bem populares entre os jovens da cidade. Mas havia um grande problema — apresentação na televisão custa caro. Os jovens de toda a redondeza mandavam-

nos seu dinheirinho, para ajudar na apresentação do programa, mas mesmo assim, ao final das treze semanas, estávamos com uma dívida de 4.500 dólares.

— Parece que vai ser preciso cancelar a série antes de chegarmos a verificar os resultados, disse eu à nossa comissão reunida especialmente para considerar a crise.

Todos pareciam concordar. Gostaríamos de continuar a experiência por outras treze semanas, mas parecia simplesmente impossível.

De repente um homem pôs-se de pé, lá atrás. Nunca o vira antes, e pensei que fosse pastor da Igreja Episcopal, devido ao seu colete clerical.

— Gostaria de fazer uma sugestão, disse aquele senhor. Apresentou-se — era o Reverendo Harald Bredesen, ministo da Igreja Holandesa Reformada de Mount Vernon, Nova Iorque.

— Já vi o seu programa. Tem uma vitalidade que muito me atraiu. Antes de resolver cancelá-lo definitivamente, gostaria que viesse conversar com um amigo meu.

Concordei, sem saber o que estava acontecendo, mas conhecendo bastante os métodos, às vezes estranhos, do Espírito Santo, para ter um pressentimento de que talvez novas portas se estivessem abrindo.

No dia seguinte, Harald e eu fomos visitar Chase Walker, redator de uma revista. O Sr. Walker ouviu atentamente a história do nosso trabalho e de como começou. Parecia interessado, mas ao final da conversa parecia também perplexo.

— E o que é que vocês querem que eu faça? perguntou ele.

— Serei sincero com você, respondeu Harald. Queremos 10.000 dólares.

O Sr. Walker empalideceu e eu também, mas logo ele começou a rir e disse:

— Bem, aprecio o elogio, mas certamente não tenho essa quantia; e não sei fazer campanha. Mas afinal, por que pensou em mim, em conexão com essa necessidade?

— Na verdade, não posso responder a essa pergunta, disse Harald. Mas desde que soube que esse programa talvez fosse cancelado, sinto, sem saber por

que, que você teria a chave para o caso. Cada vez que penso no problema, penso também: Chase Walker! Não há nada mais específico; só isso.

Harald fez uma pausa esperançosa. O Sr. Walker nada disse.

— Bem, disse Harald desconsolado, desta vez errei, mas esses pressentimentos, principalmente quando tão insistentes, geralmente significam alguma coisa.

O Sr. Walker levantou-se, dando por terminada a entrevista,

— Se tiver alguma idéia, eu os avisarei. Por enquanto, obrigado por terem me contado sua história.

Já havíamos saído do escritório, quando subitamente o Sr. Walker nos chamou:

— Ei, Harald, David, esperem. Voltamos para o escritório de Walker.

— Lembrei-me agora de uma coisa engraçada. Recebi hoje um telegrama que não entendo.

Procurou entre os seus papéis e achou-o. Era de W. Clement Stone, Presidente da Companhia de Seguros de Chicago, e amigo de Walker. Dizia: “Cancelado telegrama anterior, estarei no Savoy Hilton, quarta-feira”.

— É hoje, disse o Sr. Walker, mas acontece que não recebi nenhum telegrama anterior, e por que haveria ele de me informar que está na cidade, quando não havíamos feito nenhum plano para nos encontrarmos? Será que sua secretária confundiu o meu nome com o de alguma outra pessoa?

Walker olhou para Harald, curiosamente, por um instante, depois, tomando uma caneta, escreveu um bilhete.

— Vão até o Savoy, disse ele, entregando-me o bilhete. Peçam para falar com o Sr. Clement Stone. Se ele estiver lá, use o bilhete como apresentação e vamos ver o que acontece. Leia-o, se quiser.

Lemos enquanto esperávamos o elevador. Dizia o seguinte: “Caro Clem, apresento-lhe David Wilkerson, que está fazendo um trabalho notável entre os jovens, nesta cidade. Ele precisa de 10.000 dólares.

Ouça a sua história atenciosamente e, se ela o interessar, ajude-o. Chase”.

— Nunca ouvi falar de situação mais tola, disse eu para Harald. Você pensa que devemos mesmo visitar esse homem?

— Claro, disse Harald.

Não havia a mínima dúvida em sua mente.

Vinte minutos depois, estávamos batendo à porta de um apartamento no Savoy. Já eram 5:30h da tarde. Um senhor atendeu à porta, colocando uma gravata borboleta. Estava aparentemente vestindo-se para o jantar.

— Sr. Stone?

O homem acenou que sim.

— Com licença, temos um bilhete de Chase Walker para o senhor.

O Sr. Stone leu o bilhete antes de nos convidar para entrar. Parecia tão perplexo quanto eu, diante da situação. Disse que dispunha de apenas alguns minutos, mas que se quiséssemos falar, enquanto ele acabava de se vestir, gostaria de ouvir.

Quinze minutos mais tarde, o Sr. Stone estava pronto para sair e eu nem tinha começado a falar direito sobre o “Evangelismo Jovem”.

— Preciso sair agora, disse o Sr. Stone cortesmente, mas se você tem o apoio de Chase Walker, para mim é o suficiente. Gostei do que me contou a respeito do seu trabalho. Mande-me suas contas. Pagarei até 10.000 dólares.

Harald e eu nos entreolhamos estupefatos.

— E agora, vocês vão me dar licença. O Sr. Stone caminhava para a porta. Por que você não termina a sua história num gravador e manda-me a fita? Da próxima vez que estiver em Nova Iorque vou visitá-lo … acertaremos os pormenores. E saiu.

Esse dinheiro deu para pagar nossa dívida, mais treze semanas de televisão, e ainda para um filme *Um Abutre em Minhas Veias,* sobre o vício de entorpecentes entre os jovens de Nova Iorque.

Mas esse dinheiro comprou muito mais do que apenas filme e horário na televisão — criou um novo respeito por esse ministério. Estava se tornando cada vez mais óbvio que a mão do Senhor estava no nosso trabalho. Se realmente

deixássemos que ele nos dirigisse, veríamos grandes milagres em todo nosso caminho.

14

Apesar de nosso programa de televisão ser bem aceito, depois de meio ano de experiência, comecei a sentir mais e mais que nos estava faltando o essencial contato pessoal.

Por isso, mesmo antes de terminar a segunda série de TV, comecei a sair pelas ruas, conversando com rapazes e moças, Tão logo o fiz, reconheci que havia tocado no ponto vital para o êxito do trabalho com o povo. Jesus não tinha televisão, nem literatura para ajudá-lo; o seu ministério era individual. Sempre existia o calor da personalidade. Logo que voltei à minha prática original de sair às ruas, percebi que esse era o método pelo qual eu também deveria continuar agindo.

Assim, toda manhã eu fechava a porta do escritório na Alameda Vitória, tomava a barca, depois o metrô, e logo que chegava ao Brooklyn começava simplesmente a falar com os rapazes que encontrava. Repetidas vezes, eles aceitavam a minha mensagem. Assistia novamente a mudança realizar-se ante os meus próprios olhos, como acontecera na Arena São Nicolau.

Entretanto, quanto mais sucesso alcançava com a minha experiência nas ruas, mais reconhecia que era preciso *agir* no sentido de acompanhar mais de perto a vida desses jovens, depois da sua conversão. Quanto à maioria, eu me dava por satisfeito ao vê-la colocada numa boa igreja local; mas quanto àqueles cujos problemas eram mais sérios, ou àqueles que não tinham lares, seria preciso achar um meio de ajudá-los melhor.

Certa manhã, depois de sair da barca, desci as escadas para pegar o trem que me levaria ao Brooklyn. O metrô, nessa altura, faz uma grande curva e, na passagem do trem, o movimento gera um barulho estridente. Esse lugar sempre terá um significado todo especial para mim, porque foi ali mesmo, ouvindo o ruído ensurdecedor do metrô, que eu subitamente vi o meu sonho se materializar.

Na minha mente, já o via realizado. A casa que eu sonhara — talvez pudéssemos chamá-la de Centro Desafio Jovem — seria localizada no coração da pior parte da cidade. Seria o quartel general de doze ou mais obreiros que, como eu, tinham esperança para esses jovens, viam o seu potencial, e o trágico desperdício de vidas que poderiam ser úteis.

Cada obreiro seria especialista — um trabalharia com os rapazes das quadrilhas, outro com os viciados em drogas, outros com os pais e outros com os Pequenos. Haveria obreiras também — algumas se especializariam com moças membros de quadrilhas, outras com moças que tivessem problemas sexuais, outras com viciadas.

Ali, no Centro Desafio Jovem, criaríamos um ambiente tão carregado desse amor renovador que eu já tinha visto operar em alguns jovens que, qualquer pessoa, ao entrar, perceberia que algo de emocionante estava acontecendo.

Para lá levaríamos os rapazes e moças que tinham necessidades especiais. Morariam num ambiente de disciplina e afeição. Participariam do nosso estudo e da nossa adoração. Observariam como os crentes vivem e trabalham juntos; e seriam obrigados a trabalhar também. Seria um centro de admissão, onde se prepariam para a vida do Espírito.

No verão de 1960, depois de trabalhar na cidade por quase um ano, comecei a falar do meu sonho. Nas viagens que fazia para levantar fundos, falava dessa grande necessidade. Entre as nossas igrejas de Nova Iorque, falava do centro como o idealizara. Mas sempre deparei com a mesma questão:

“David, esse sonho tem um grande defeito — requer dinheiro.”

Certo. Nós nunca tínhamos mais de cem dólares em nossa conta.

Foi preciso que Gwen me sacudisse para me livrar do medo de começar por falta de dinheiro.

Gwen veio para Nova Iorque logo que terminou o ano escolar em Pittsburg. Achei um pequeno apartamento perto do escritório em Staten Island.

— Não tem nada de luxuoso, disse eu a Gwen, quando telefonei, mas pelo menos estaremos juntos. Arrume as malas — vou buscá-la.

— Meu bem, disse Gwen, não me importo de morar na rua, só quero é que estejamos todos juntos.

Assim Gwen veio para a cidade. Amontoamos outra vez os nossos móveis em quatro cômodos, mas estávamos muito felizes. Gwen acompanhou de perto todos os movimentos do novo ministério, interessando-se especialmente pelo meu sonho de uma família trabalhando em um Centro próprio.

— David, disse ela certa noite, depois de eu ter reclamado novamente a falta de dinheiro, você deveria se sentir envergonhado. Você está trabalhando de trás para frente. Primeiro você está tentando arrumar dinheiro, para depois comprar a casa. Se você está agindo pela fé, deve arrumar o seu Centro, David, e depois arranjar o dinheiro.

A princípio pareceu-me apenas falta de lógica feminina, mas quanto mais eu pensava no assunto, mais ele me lembrava das histórias bíblicas. Não era verdade que o homem tinha de agir primeiro, muitas vezes no que parecia um gesto tolo e arriscado, antes que Deus realizasse seus grandes milagres? Moisés teve de estender o braço sobre as águas, antes que elas se abrissem. Josué teve de tocar as trombetas, antes que caíssem as muralhas de Jericó. Talvez fosse preciso que eu assumisse o compromisso da compra de um novo Centro, antes de se realizar o milagre.

***

Reuni o meu Comitê Central, o que era, na realidade, apenas um nome importante para um grupo de seis pastores e três leigos, homens de grande visão espiritual, e tão interessados nos jovens, que dedicavam parte do seu tempo à nossa organização.

Falei-lhes da necessidade crescente de um lar, onde os membros de quadrilhas e os viciados em drogas pudessem ter convivência com obreiros cristãos. Falei-lhes da idéia de Gwen, que deveríamos primeiro assumir o compromisso, depois pensar no pagamento. O comitê se mostrou disposto a apoiar a idéia.

“Podemos considerá-la como uma experiência pública de fé”, sugeriu Arthur Graves, um dos pastores da comissão.

Eis o que aconteceu depois de tomada essa decisão. No dia 15 de dezembro, às 2:00h da manhã, enquanto orava, tive a impressão clara de que havia uma determinada rua no Brooklyn que deveríamos investigar. Sabíamos que o nosso lar deveria ser perto do bairro Bedford-Stuyvesant. Por isso, havíamos procurado na Rua Fulton, mas agora pensei na Avenida Clinton.

Rapidamente peguei o mapa, e localizei a rua. Lá estava apenas um risco preto num pedaço de papel, mas fiz um círculo em volta como se já estivesse resolvido que esse seria o futuro endereço do Centro Desafio Jovem.

No dia seguinte telefonei a alguns dos membros da comissão. Combinamos um encontro na Avenida Clinton, para ver quais as casas que estavam à venda. Antes de sair, telefonei para o nosso tesoureiro, Paul DiLena, para saber quanto dinheiro a organização tinha em caixa.

— Por quê? perguntou Paul.

— Bem, é porque estamos pensando em ver algumas casas na Avenida Clinton.

— Ótimo, disse Paul, temos exatamente cento e vinte e cinco dólares e setenta e três centavos em caixa.

— Hummm.

— Não está preocupado?

— Não, se a nossa experiência der certo. Qualquer novidade eu aviso.

A primeira casa que vimos parecia servir para o que queríamos.

Era um prédio velho que tinha uma placa já desbotada, onde se lia “Vende-se”. Embora o seu aspecto fosse um pouco deprimente, o preço de 17.000 dólares parecia razoável. Um velho mostrou-nos o local, e chegamos a combinar o preço com ele, achando que as condições de pagamento também eram boas.

Voltamos para casa achando que tudo tinha sido feito com surpreendente rapidez. Porém, quando voltamos ao prédio no dia seguinte, o velho começou a criar problemas. Continuou assim por vários dias, até que chegamos à conclusão

de que deveríamos procurar um outro lugar.

Resolvemos, então, olhar uma outra casa na Avenida Clinton, que também estava à venda. Tínhamos agora menos de cem dólares em caixa, e em vez de estar procurando uma casa de 17.000 dólares, estávamos falando com o proprietário de um prédio de 34.000 dólares! Havia sido uma casa de saúde e ainda estava completamente mobiliada, com camas, escritório completo e acomodações para o corpo de assistentes. Enquanto combinávamos o negócio, o proprietário baixou o preço. Eu já estava pronto a fechar o negócio, mesmo tendo apenas cem dólares em caixa, apesar de o prédio ter um ar de instituição e ser um pouco úmido.

— Antes de resolvermos qualquer coisa, disse Dick Simmons, um jovem ministro presbiteriano que era membro da nossa comissão, eu tenho as chaves de uma outra casa aqui em frente. Acho que deveríamos dar uma olhada.

— Quanto custa? perguntei. Dick hesitou.

— É … bem … 65.000 dólares.

— Ótimo, respondi. Cada casa que olhamos é mais cara, e a nossa reserva em caixa é menor.

Estávamos pensando numa casa de 17.000 dólares, quando tínhamos 125 dólares em caixa. Pensamos em outra de 34.000, quando tínhamos cem. Agora, quando examinávamos uma casa de 65.000 dólares já deviam ter sido pagas umas contas bem grandes.

Essa última casa era uma verdadeira mansão. Devo confessar que o meu coração bateu mais apressadamente quando a vi. Era uma casa sólida e bem construída, feita de tijolo vermelho. Parecia tão sólida quanto a centenária mansão do Presidente Jefferson.

Mas, ao entrarmos, que decepção! Nunca vi tanta confusão. A casa estivera desocupada por dois anos, mas antes disso, por vários anos, os alunos de um colégio da vizinhança a haviam usado como pensão e bordel clandestino.

Um velho agora morava na casa, ilegalmente. Era um desses velhos que achava segurança no acúmulo de “cacarecos”, e havia enchido todos os cômodos

com jornais velhos, vidros quebrados, esqueletos de guarda-chuvas, carrinhos de bebê e trapos. Todos os dias ele saía com um carrinho velho, tirava o que lhe agradava do lixo dos vizinhos e voltava para armazená-lo na casa. A maioria dos canos de água estava quebrada, o reboco se desprendia do teto e das paredes, o corrimão da escada pendia para um lado, e algumas portas haviam caído.

Mas através de toda a confusão podia-se ver que aquele edifício já fora, um dia, uma residência realmente fina. Tinha elevador para o segundo pavimento, e uma enorme área de serviço. O porão não tinha umidade, e nem as paredes da casa.. Andamos por entre aquela confusão toda, em silêncio, até que subitamente Harald Bredesen disse numa voz clara e nítida, como se estivesse pregando:

— É este o lugar. Este é o lugar que Deus escolheu para nós. Havia qualquer coisa de imperativo na sua voz, que transformava a sua exclamação numa profecia. Aquele tom de urgência e certeza ficou comigo durante os dias seguintes, e teve muito a ver, penso eu, com as experiências que começamos a fazer.

Quando Dick Simmons falou com os proprietários, disse-lhes francamente que o preço que pediam seria razoável, se a casa estivesse em perfeitas condições, mas do jeito que estava … Baixaram, então, o preço. Dick falou mais, e eles baixaram mais um pouco. Quando afinal perderam a paciência dizendo que já haviam chegado ao limite final, Dick havia conseguido que baixassem o preço para 42.000 dólares.

— E então? perguntei a Dick. E um excelente negócio; mas nós ainda temos apenas nossos cem dólares no banco.

Realmente, eu não estava muito animado a comprar a propriedade da Avenida Clinton, 416. Havia tanta coisa a fazer que seriam necessárias muitas semanas, para o prédio tornar-se habitável. Eu estava ansioso para começar o trabalho básico do centro, e não queria gastar tempo reformando um prédio velho.

Por outro lado, se era esse o prédio que Deus preparara para nós, quem era eu para fazer objeções? Antes de dar mais outro passo, queria ter certeza de que

essa era a vontade do Senhor.

Naquela noite, portanto, durante meu período de oração, levei o caso à presença de Deus. “Senhor, tu me ajudaste no passado a conhecer a tua vontade, dando-me um sinal.”

Lembrei-me de como havíamos pedido o auxílio de Deus para resolver se ficaríamos em Philipsburg ou não, e também se eu deveria vender o aparelho de televisão.

“Gostaria da tua permissão para pedir-te mais um sinal, Senhor.”

No dia seguinte, fui conversar com a Sra. Maria Brown, copastora, com Stanley Berg, do Tabernáculo das Boas-Novas. Falei das nossas necessidades, da razão pela qual queríamos um centro, e descrevi o prédio que tínhamos achado.

— David, disse a Sra. Brown, parece que está tudo certo. Se vocês forem comprar, até quando precisariam do sinal?

— Dentro de uma semana.

— Você gostaria de vir à igreja domingo à tarde, para fazer um apelo? Sei que não é uma época muito boa, vésperas de Natal. Além do mais, será à tarde, mas se quiser, pode vir.

Era uma ótima oportunidade, e eu disse que iria com muito prazer. Contudo, ainda pedi um milagre a Deus. Queria ter certeza absoluta de que ele estava em nossos planos. Eu sabia que o máximo ofertado por aquela igreja para missões nacionais, de uma só vez, fora 2.000 dólares. Nós precisávamos do dobro, pois o sinal de dez por cento seria 4.200 dólares.

“Mas, Senhor”, disse eu na minha oração, aquela noite, “se é da *tua* vontade que compremos aquele prédio, dê-nos a certeza disso, dando-nos esse dinheiro de uma vez, numa só tarde” Isso já era bastante difícil, mas eu fui além, como Gideão, para fazer as coisas mais difíceis.

“Além do mais, Senhor, permita que recebamos essa quantia, sem dizer de quanto precisamos.” Fiz uma pausa. “E também, sem fazer um apelo. Que isso seja feito espontaneamente pelos ouvintes.”

Bem, depois de pedir tantos sinais, senti-me como um tolo. Estava claro que

eu não queria comprar aquela propriedade, que exigiria tanto serviço manual. Mas fizera a oração, e agora era só esperar, para ver o que aconteceria.

***

O domingo chegou. Era o domingo do Natal de 1960. Fiz um sermão muito simples, e propositadamente evitei uma apresentação mais sentimental. Falei do nosso problema, das nossas esperanças, e contei a história de alguns rapazes que já haviam sido alcançados. Ao terminar, disse:

"Irmãos, não vou fazer um pedido sentimental. Quero, se isso tiver de ser realizado, que seja pelo Espírito. Ele sabe de quanto precisamos. Vou deixá-los agora e vou até o porão. Se alguém quiser contribuir, estarei pronto a receber."

Assim dizendo, saí pela porta dos fundos e desci. Sentei e esperei. Nunca me esquecerei do horror daqueles minutos que passavam. Comecei a suar frio, o que me surpreendeu; até aquele momento eu mesmo não sabia que queria aquele prédio da Avenida Clinton, 416. Passou-se um minuto, e não se ouvia o ruído de passos na escada. Dois minutos se passaram. Cinco. Dez minutos se foram e eu já havia desistido — estava contente porque tudo terminara. Pelo menos já sabia que minha experiência não havia dado certo.

A essa altura, a porta se abriu devagarzinho, e uma senhora bastante idosa entrou. Atravessou a sala com lágrimas nos olhos, "Reverendo Wilkerson", disse ela, "há quinze anos eu oro para que seja feito um trabalho como esse. Aqui estão dez dólares. É tudo o que posso dar — a oferta da viúva pobre — mas sei que se multiplicará e será grandemente usado."

Antes, porém, que ela saísse da sala, a porta novamente se abriu, um moço encostou nela uma cadeira para que ficasse aberta; e depois disso entraram muitos, numa fila constante. A pessoa seguinte foi uma mulher de uns cinqüenta anos, que disse:

"Reverendo Wilkerson, recebi um pouco de dinheiro da aposentadoria, e quero dá-lo aos seus rapazes."

Fiquei completamente pasmado. Nunca vira algo como o que estava

acontecendo. O próximo a entrar foi um senhor — deu-nos duzentos dólares. O seguinte deu trezentos dólares, um menino entrou e disse que tinha apenas quatorze centavos, mas continuou:

“Deus está nisso, e vou dar-lhes tudo o que tenho.”

Cada pessoa parecia ter uma quantia exata que sentia que deveria dar. Uma professora, Pat Rungi, entrou e disse:

“David, não ganho muito dinheiro, mas como você, trabalho com jovens, e sei o que vocês enfrentam. Se puder aceitar um cheque com data posterior gostaria de dar vinte e cinco dólares.”

Levou quinze minutos para a fila passar e deixar o seu dinheiro sobre a mesa. Todos trouxeram muito mais que dinheiro, trouxeram ânimo e, acima de tudo, alegria em dar, de modo que o meu coração também se encheu de alegria. Quando a última pessoa saiu, peguei a pilha de dinheiro e cheques e levei até o escritório da Sra. Brown, e contamos. A quantia? 4.400 dólares!!

Contei então à Sra. Brown sobre os sinais que eu havia pedido ao Senhor, e ela ficou tão animada quanto eu. Referia-se ao acontecimento como milagre, dizendo que a igreja nunca vira coisa igual. Ficou ainda mais convencida de que Deus estava no projeto.

Só uma coisa não contei à Sra. Brown — a minha perplexidade ante a quantia extra que recebemos. Havíamos pedido 4.200 dólares, e recebemos 4.400 dólares.

Imaginei que seria infantilidade da minha parte querer que o milagre fosse perfeito; mas por que havíamos recebido duzentos dólares a mais? Seria abundância divina, um transbordar de bênçãos celestiais? Seria um erro de cálculo, ou teria alguém dado um cheque que não poderia pagar?

Nada disso! Ao final das contas, ficou bem claro por que havíamos recebido duzentos dólares a mais do que pedimos.

Alguns dias mais tarde, no meu escritório, estava conversando com nosso advogado Júlio Fried, sobre as providências finais da compra e do depósito do sinal.

— Você tem o cheque de 4.200 dólares, David?

Entreguei-o com uma oração de ação de graças. Júlio se mexia na cadeira como se tivesse algo desagradável a dizer.

— Você sabe, naturalmente, que não estou cobrando nada pelo meu serviço ao Centro.

Era uma coisa estranha para se dizer; Júlio fazia parte da nossa comissão e eu, naturalmente, pensei que o seu tempo era uma oferta para o Centro.

— Mas os outros advogados têm de ser pagos, e depois a despesa com …

— O que você está querendo dizer, Júlio?

— Vamos precisar de um pouco de dinheiro extra, e teremos de depositá-lo junto com o cheque do sinal.

— *Quanto,* Júlio?

— Duzentos dólares.

***

O resto do dinheiro para a primeira prestação de 12.000 dólares veio também de maneira singular. No domingo seguinte, em Bethpage, Long Island, uma congregação interessada ofertou mais 3.000 dólares. Na semana seguinte, Arthur Graves telefonou para dizer que sua igreja havia resolvido mandar um cheque em branco.

“Você pode preencher com a quantia que faltar, para fechar o negócio.”

Foi assim que Deus forneceu exatamente o necessário para começar a obra do Centro Desafio Jovem. Até o último centavo, Deus forneceu. No dia em que recebemos as chaves daquela linda mansão na Avenida Clinton, eu disse à minha esposa:

— Gwen, você estava certa. Foi preciso que uma mulher nos mostrasse o caminho. Percebeu que, menos de um mês depois daquela noite que você me desafiou a agir com fé, nós levantamos 12.200 dólares?

Gwen estava tão contente quanto eu!

— Quando vence a próxima prestação? perguntou ela.

— Só em agosto próximo.

Parecia tão longe! Eu nem imaginava o ano tremendo que estava pela frente! Um ano que nos deixaria tão ocupados, tão tontos com as surpresas que nos reservava, que o mês de agosto, com o vencimento da prestação de 15.000 dólares, chegaria depressa demais.

15

É incrível quanto lixo um velho sozinho pode ajuntar! Descobrimos cômodos que nós nem sabíamos existir, porque a porta estava tampada por trapos e papéis que iam até o teto.

“Como é que vamos tirar isso tudo daqui?” perguntou Gwen certa manhã, quando veio comigo para olhar a propriedade.

E a seguir ela mesma respondeu à pergunta.

“Por que você não pede a alguns dos pastores para fazerem um mutirão de jovens?”

E foi isso mesmo que fizemos. Num sábado nublado, lá pelo fim de janeiro, logo cedo, três carros pararam à porta e quinze rapazes e moças saíram deles, rindo, brincando e dizendo que acabariam num instante com qualquer quantidade de lixo. Isso diziam enquanto contemplavam a casa por fora. Quando entramos, e os levei ao porão, podia ver o entusiasmo desaparecer de seus rostos.

A cada passo era preciso levantar o pé uns trinta centímetros, para conseguir passar. Eles deslizavam por cima de montes de jornais e garrafas velhas, até ficarem sem fôlego, só de perceberem o tamanho da sua tarefa.

Mas os jovens trabalharam de verdade. Começaram na frente, primeiramente abrindo um caminho; depois, sala por sala, prosseguiram tenazmente, até que puseram tudo no quintal.

A essa altura, Paul DiLena tomou a direção. Havia pedido ao departamento de vigilância sanitária que mandasse pelo menos quatro caminhões para retirar o lixo dali.

Mais tarde, Paul contou-me do pequeno drama com o chefe dos motoristas que, para ele, falava mais alto sobre o espírito do nosso projeto, do que qualquer coisa até então — o Departamento de Higiene se recusou a receber a gorjeta.

Paul disse que os caminhões tinham chegado pontualmente, mas que os

homens não começaram a trabalhar. O lixo aumentava no passeio e na rua, e ainda os homens permaneciam imóveis. Quando Paul viu o que estava acontecendo, entendeu imediatamente.

— Muito bem, disse ele, quanto é que vocês querem?

— Trinta dólares, foi a resposta rápida.

Paul, acostumado com a atitude dos moradores de uma grande cidade, concordou. Preferia pagar do seu próprio bolso depois de terminado o trabalho, do que ver a obra sendo atrasada. Horas mais tarde, o último caminhão saiu. Seis caminhões haviam descido a rua chiando sob o peso da carga. O chefe veio perguntar a Paul se tudo estava em ordem.

— Perfeito, disse Paul. Vocês trabalharam bem, agora decerto querem receber seu dinheiro, e levou a mão até a carteira.

— Que dinheiro? disse ele rindo nervosamente, uma risada que procura encobrir emoção maior. Olha, meu senhor, aqueles rapazes lá dentro me contaram o que vocês vão fazer aqui. Eu tenho um filho moço. O senhor acha que agora aceitaríamos o seu dinheiro?

Depois disso, entrou no caminhão, acelerou-o ruidosamente e saiu com pose de “forte”!

***

Ao fim de três semanas, estávamos finalmente prontos para começar o trabalho, na casa propriamente dita. Pintores de várias igrejas vieram ajudar, e pouco a pouco cobrimos as “obras de arte”, com as quais os alunos do colégio já mencionado haviam enfeitado as paredes.

Depois, vieram os encanadores tinham de arrebentar as paredes para substituir canos furados. Tudo isso custou muito dinheiro, que eu tive de conseguir voando por todo o país, fazendo apelos. Que decepção tivemos ao saber que antes de receber o “Habite-se”, era necessário instalar um sistema completo de extinção de incêndios. Preço: 5.000 dólares.

Lá fui eu novamente, roubando tempo ao trabalho que eu realmente queria

fazer, para conseguir o dinheiro. Mesmo assim, sozinho nunca o teria feito. Todos os membros da comissão ajudaram como puderam.

Um ministro, por exemplo, Grady Finnin, viajou pelo país, apresentando as nossas necessidades. Outro membro da comissão era Martin Karl, um cantor profissional de muito sucesso. Imagine quanto dinheiro ele deixou de ganhar, para nos ajudar como embaixador musical.

Martin levou esse desafio por quase todo o país, falando a respeito do Centro que estava se iniciando em Nova Iorque.

Finalmente o último pintor e o último encanador deixaram o Centro, e nós contemplamos a transformação realizada. Com menos de cem dólares no banco, o Senhor nos dera essa casa, que agora queríamos pôr em uso imediatamente. Queríamos enchê-la de filhos de Deus. Antes disso, seria preciso arrumar um lugar para seus filhos se assentarem. Tínhamos um belo prédio, mas não possuíamos nada para colocar dentro dele.

Foi a essa altura que eu reconheci que era a vontade de Deus que várias pessoas tomassem parte de nosso trabalho. No início era mais ou menos um trabalho das Assembléias de Deus, mas logo tínhamos na comissão um episcopal, um presbiteriano, um batista e um membro da Igreja Holandesa Reformada. Também havíamos chamado a atenção de vários homens de negócio, de muita influência.

Um, por exemplo, era o Sr. Walter Hoving, presidente da Bonwit Teller e também da Tiffany” s, em Nova Iorque. O Sr. e a Sra. Hoving nos apresentaram a pessoas que nunca poderíamos ter conhecido, sem seu auxílio.

Certa tarde, a Sra. Hoving ofereceu um almoço no elegante River Club, ao qual convidou “apenas algumas pessoas que devem conhecer o seu trabalho”. Apareceram cinqüenta pessoas. Um antigo viciado em drogas levantou-se, e contou simplesmente como a sua vida fora mudada. Não houve nem uma pessoa naquela sala que não se comovesse com a sua história.

Walter Hoving tornou-se o presidente da nossa junta de conselheiros.

“Já que o senhor agora é um dos nossos, Sr. Hoving”, disse Paul DiLena,

“gostaríamos de convidá-lo para uma refeição. Gosta de lasanha?”

Foi a Sra. Hoving quem respondeu. Gostava muito de lasanha, mas era tão difícil encontrar um lugar que servisse a lasanha original. E foi assim que os Hoving foram convidados à casa dos DiLena, para uma refeição realmente deliciosa de especialidades italianas feitas em casa. Sentados todos ao redor da mesa dos DiLena, eu não podia deixar de elevar a Deus uma oração de ação de graças, por estar trazendo pessoas de ambientes tão diferentes para esse trabalho.

Outro comerciante amigo do Centro Desafio Jovem era o Sr. Grant Simmons Jr., presidente da Companhia de Camas Simmons. Fomos apresentados ao Sr. Simmons pelo casal Hoving e fizemos a ele um pedido especial. Precisávamos de vinte camas.

Durante uma hora ficamos no escritório do Sr. Simmons, contando-lhe das nossas esperanças e do modo estranho pelo qual Deus estava agindo na cidade. O Sr. Simmons foi generoso, não apenas com o seu tempo, mas também com os seus bens.

Daquele dia em diante, muitos meninos acostumados a dormir nos bancos do metrô já dormiram no Centro, nas camas e colchões Simmons. Para mim, uma das verdadeiras funções do nosso ministério é fazer com que pessoas, como Walter Hoving, Grant Simmons e Clem Stone se interessem pelo trabalho dos pentecostais. Várias vezes, ouvi comentários como este:

“Devo confessar”, disse um dos membros da nossa comissão, que fazia parte de uma Igreja Episcopal, “que fiquei um pouco chocado quando, a princípio, ouvi seus jovens “Louvando a Deus” e vi como levantavam as mãos quando oravam. Mas é preciso confessar também, que havia qualquer coisa muito real tocando nosso coração. Nós, episcopais, falamos da presença real de Cristo. Ele está aqui nesta casa.”

Esse foi o maior elogio que o nosso trabalho já recebeu. É esta Presença que torna possível o trabalho do Centro Desafio Jovem. O sentimento daquela Presença tem crescido constantemente, mas seu crescimento maior se deu quando começamos a transformar nossos sonhos em realidade.

***

Fizemos planos para usar o lar da seguinte maneira:

Teríamos vinte obreiros no Centro. Todos os dias esses jovens se levantariam, tomariam café, passando a manhã em estudo bíblico e oração. Seria uma parte importante do nosso trabalho. Há muito que eu descobrira que muita correria, sem uma base de meditação silenciosa, produz muito pouco.

Depois do almoço, nosso trabalho na rua começaria. Dois ou três sairiam juntos, andando por uma rota preestabelecida, prontos para observar qualquer sinal de necessidade. Estariam preparados para conhecer os viciados em drogas; procurariam os jovens alcoólatras, e as jovens prostitutas. Conversariam com membros de quadrilhas, principalmente das quadrilhas de briga.

Sairiam não com a intenção de converter alguém, mas com o objetivo de ajudar em qualquer necessidade. As conversões viriam a seu tempo. Se realmente satisfizéssemos uma necessidade humana, o mundo seguiria o caminho até a nossa porta.

A maioria dos jovens que encontrássemos dessa maneira, jamais moraria no Centro. Eles seriam levados a um pastor que morasse perto e trabalharíamos por seu intermédio. Teríamos um registro cuidadoso e entraríamos em contato com eles regularmente, até que ficasse claro que poderiam prosseguir sozinhos.

Alguns, no entanto, precisariam de atenção especial. Seriam levados ao Centro. Os rapazes ficariam no dormitório do último andar, com os membros masculinos do nosso pessoal; as meninas, no do segundo andar, com as obreiras e os membros casados do nosso pessoal. Pensávamos em trabalhar principalmente com rapazes, mas se encontrássemos uma jovem em dificuldade, certamente a receberíamos.

A chave para todo esse plano estava com os obreiros. Onde achar vinte jovens alegres, dinâmicos, simpáticos, saudáveis e animados, que trabalhassem a dez dólares por semana? (Que é o que permitia o orçamento.)

Por essa quantia irrisória, eles teriam de arriscar até a própria vida. Quando ainda começava a pensar no problema dos obreiros, um dos nossos rapazes foi esfaqueado na rua.

Seu nome era Carlos, e havia sido membro de uma das piores quadrilhas de Nova Iorque, os Suicidas. Depois que sua vida foi transformada, Carlos quis voltar à sua quadrilha, para contar-lhes o que acontecera com ele. Certo dia, saiu com essa intenção. Logo que foi encontrado por membros de sua antiga quadrilha, Carlos foi rodeado.

— Pois é, ouvi falar que você agora virou religioso, disse o chefe dos Suicidas.

— Certo, disse Carlos.

— E ouvi falar que você não briga mais.

— Certo, disse Carlos.

— Pois então agora vai brigar, disse o chefe, tirando o punhal, se não, eu apago você.

Anos de experiência haviam ensinado a Carlos que esse desafio era verdadeiro. Pulou para o lado e arrancou a antena de um automóvel que estava ali perto, e que é uma perigosa arma improvisada. Depois, subitamente, Carlos mudou de idéia Quebrou a antena no joelho, e jogando-a no chão, disse:

— Não, não vou brigar.

Com isso o chefe dos Suicidas esfaqueou Carlos. Enfiou seu punhal bem fundo entre as suas costelas. O sangue jorrou da ferida, enquanto Carlos caía. Os Suicidas correram, deixando Carlos a gritar por socorro. Chegou ao Hospital Cumberland em estado gravíssimo. Quando afinal recebeu alta, um médico amigo aconselhou-o a não pregar a rapazes que carregavam armas.

Carlos não lhe deu atenção, e voltou imediatamente ao seu trabalho nas ruas. Talvez *por causa* desse incidente tornou-se um dos nossos obreiros mais bem-sucedidos.

Mas quem iria correr essa espécie de risco? Quantos rapazes como Carlos encontraríamos?

Como em resposta a essa pergunta, certa manhã, logo depois da compra da propriedade, recebi um telegrama da Escola Bíblica Central em Springfield, Missouri, convidando-me para ir lá fazer uma palestra. Aceitei o convite, fui até lá, e apresentei aos estudantes o desafio das nossas ruas. Foi um culto maravilhoso, no qual todos sentiram a mesma influência suave do Espírito Santo.

Em seguida, o presidente da escola levantou-se e fez uma afirmação surpreendente, dizendo que considerava o nosso trabalho o que havia de mais semelhante ao desafio da era apostólica. Ofereceu auxílio financeiro a qualquer aluno que quisesse ir a Nova Iorque trabalhar conosco, nas ruas. Os interessados deveriam encontrar-se comigo na biblioteca da escola.

Quando cheguei à biblioteca alguns minutos depois, setenta jovens estavam à minha espera, em fila!

Desses setenta, eu sabia que só poderíamos usar vinte, portanto comecei a pintar um quadro realmente negro. Não prometi nenhum dinheiro. Até a passagem para Nova Iorque eles mesmos teriam de pagar. O que poderíamos oferecer era um lugar para morar e alimentação.

Disse que arriscariam a própria vida. Contei-lhes acerca de Carlos e outros dois rapazes que haviam sido espancados nas ruas. Conteilhes que haveria muito trabalho manual, como lavar pratos, esfregar o chão e acabar de aprontar o Centro.

Para minha grande surpresa, apenas vinte desistiram. Afinal, tive de deixar a escolha com os professores da escola.

Quando deixei Springfield, havíamos escolhido dezesseis jovens que iriam a Nova Iorque como obreiros. Os outros quatro foram escolhidos do Colégio Lee, em Tennessee. Algumas semanas depois, eles começaram a chegar, um por um, carregando suas malinhas, e cheios de curiosidade.

Pareciam todos um pouco amedrontados pelas coisas novas que viam em Nova Iorque; e quando levei-os ao quarto austero e desprovido de conforto, sei que muitos pensaram: “Onde é que eu vim parar!” Aqui estão trechos de uma

carta escrita por uma das nossas jovens, logo depois da sua chegada:

“Querida família:

“Cumprimentos da cidade de Nova Iorque! Cheguei à grande cidade às 20:15h, ontem à noite. O lugar estava cheio de gente, mas Deus me ajudou. O telefone do Centro ainda não está na lista, mas consegui descobrir o número, e vieram me buscar. Não tive problemas no caminho. Nenhum ônibus me atrasou. De Chicago a Nova Iorque paramos para três refeições, além de mais duas paradas; foi bastante confortável.

“Meus planos de serviço aqui são os seguintes:

“1. Evangelismo pessoal entre moças.

“Segunda — Livre.

“Terça — Evangelismo nas ruas e cultos ao ar livre.

“Quarta — Visitas a hospitais de adolescentes.

“Quinta — Visitas a moças presas.

“Sexta — Evangelismo nas ruas e cultos ao ar livre.

“Sábado — Trabalho com igrejas denominacionais.

“Domingo — Trabalho com igrejas pentecostais.

“2. Encarregada do dormitório feminino como conselheira. Ver se tudo está limpo, trabalho feito, etc.

“3. Diretora de música.

“Estamos orando por uma jovem que inicie a evangelização comigo.

“Houve três assassinatos na seção de José, esta semana.

“Preciso ajudar a fazer o jantar. Não se esqueçam de ir à igreja. Eu amo vocês.”

Nunca me esqueci da noite quando, afinal, pude dizer a Gwen:

— Bem, querida, estamos prontos para começar. Estávamos na pequena capela do Centro. Era a antiga sala de visitas da casa, e havia uma grande lareira

com uma linda cornija entalhada. Enquanto conversava com Gwen, eu me apoiava na cornija.

Falamos daquela noite, apenas um ano e meio atrás, quando eu ficara no quintal da Igreja em Philipsburg, observando o trigo balançar ao vento. Agora, o Senhor nos trouxera ao campo de colheita, e já havia fornecido as ferramentas — vinte jovens dispostos, e confiança no poder do Espírito Santo para mudar vidas.

— Querido, disse Gwen, olhe aqui!

Endireitei-me e olhei para ver o que ela apontava na cornija. Logo vi.

Maravilhosamente entalhado na lareira da nossa capela, estava o baixo-relevo de um feixe de trigo, colhido, amarrado, e pronto para ser armazenado.

16

Logo que reunimos os obreiros, levei-os à capela e, de pé ante o nosso feixe de trigo entalhado, contei-lhes rapidamente como funcionam as quadrilhas em Nova Iorque.

“Violência” é a palavra-chave dessas quadrilhas”, disse eu aos jovens. “Às vezes revela-se diretamente nas lutas em que alguns perdem a vida, ou através de estupros e homicídios. Também se expressa indiretamente pelo sadismo, homossexualismo, lesbianismo, promiscuidade, narcóticos e alcoolismo. Essas coisas horríveis são a regra, e não a exceção, nas quadrilhas de Nova Iorque.”

Era importante, na minha opinião, que os jovens obreiros conhecessem a razão dessas condições patéticas.

“Nós, pregadores, talvez usemos nosso vocabulário com um pouco de exagero”, dizia eu, “mas algumas das nossas palavras profissionais são perfeitas, se pensarmos no seu significado real. Por exemplo, falamos em pecadores *perdidos.* Quando fiquei conhecendo esses membros de quadrilhas, não poderia deixar de observar que agiam como se estivessem realmente perdidos. Andavam sem rumo, amedrontados, olhando para os lados com desconfiança. Carregavam armas contra perigos desconhecidos, prontos, a qualquer instante, para lutar ou fugir a fim de salvar a vida. Esses rapazes perdidos se reúnem, procurando proteção, e aí forma-se uma quadrilha.”

Descobri uma coisa importante no meu trabalho entre os rapazes das ruas. Poucos tinham um verdadeiro lar. As palavras de sua gíria que significavam lar, eram “prisão” e “casa de horrores”.

Eu queria que os nossos jovens conhecessem essa situação através de experiência pessoal; por isso, levei-os à casa de um dos rapazes que eu conhecia. Quando chegamos, a porta estava aberta, mas não havia ninguém em casa.

“A gente pode ver por que a chamam “casa de horrores”, disse uma das

mocinhas que era de uma fazenda em Missouri.

Era verdade. Nesse cômodo morava uma família de cinco pessoas. Não havia água corrente, nem geladeira; o fogão era um fogareiro elétrico de uma chapa só, que ficava em cima de uma cômoda. Não havia banheiro — mais adiante no corredor, um cubículo malcheiroso, com uma torneira, servia de banheiro para as oito famílias daquele andar.

A ventilação do apartamento era péssima, e havia sempre um cheiro de gás impregnando o ar. A única janela do quarto dava para um muro de tijolos a apenas quinze centímetros de distância. Uma lâmpada de quarenta velas era toda a iluminação da casa.

— E sabem quanto essas pessoas pagam pelo aluguel da sua prisão? perguntei. Vinte dólares por semana: oitenta e sete por mês. Fiz um cálculo rápido; o proprietário ganha mais de novecentos dólares por mês, e é quase tudo lucro. É sabido que muitos proprietários de favelas ganham, por ano, vinte por cento de lucro líquido sobre o seu capital.

— E por que a família não muda para outro lugar?

— Porque infelizmente um negro ou um porto-riquenho não pode morar onde quer, tive de confessar. A discriminação racial é uma chaga social.

— E os novos centros habitacionais?

Para responder a essa pergunta, entramos no carro e andamos quase dois quilômetros, até um grande conjunto de apartamentos. Esses projetos, muitos pensavam, eram a solução para a necessidade das favelas de Nova Iorque. Grandes máquinas entravam nas áreas de maior população como a que visitáramos antes; derrubavam os prédios velhos, e construíam outros melhores no lugar.

Teoricamente, esses prédios novos seriam para os antigos locadores.

Deveriam também alojar o médico, o dono da mercearia da esquina e o advogado. Na realidade, não era isso que acontecia. O antigo morador, o proprietário do armazém e o profissional, não poderiam esperar dois anos até o novo prédio ficar pronto, e então, mudavam-se.

Quando o projeto estava terminado, quem teria prioridade? Naturalmente os casos mais urgentes, em geral pessoas que não conseguiam se sustentar.

O resultado era duplo. Primeiro, os moradores se sentiam perdidos. Nenhuma das velhas instituições estava ali, nenhum dos membros mais estáveis da população, como os comerciantes e os profissionais. Em segundo lugar, porque os casos mais urgentes tinham prioridade, os projetos na realidade criaram turbilhões gigantescos, para onde convergiam todos aqueles que, por uma ou outra trágica razão, não podiam se sustentar.

O projeto que visitamos tinha poucos anos, mas já eram evidentes os sinais de desintegração. Passamos por gramados há muito abandonados. Vários vidros do andar térreo estavam quebrados. Havia obscenidades escritas nas paredes, e as entradas cheiravam a urina e vinho barato.

Nesse local também visitamos uma família que eu conhecia. A mãe estivera bebendo. Nenhuma das camas fora arrumada; a louça de várias refeições se empilhava sobre a mesa. O menino que viéramos visitar estava sentado numa almofada velha, olhando para o vácuo, sem dizer uma palavra, aparentemente sem perceber que estávamos ali.

— Já vi esse rapaz em outro estado de espírito, disse eu quando saímos de lá. Hoje está quieto demais, mas já o vi muito ativo. Ele está geralmente nas ruas. Não o querem em casa, onde ele só pode ir quando a mãe está inconsciente de tanto beber.

E isso, indiquei novamente, era outra razão para a formação de quadrilhas. Amontoe mil famílias torturadas, e você terá uma população flutuante de jovens que são hostis e amedrontados, que se ajuntam procurando um senso de segurança e de “pertencer” a alguma coisa. Criam para si um lar, lutando por um “domínio” que seja seu e que nenhum estranho pode invadir. É a sua fortaleza, delineada com precisão militar. O limite ao norte é o prédio do Corpo de Bombeiros, o limite ao sul é a rodovia, para o oeste o rio e para leste o bar de Flannigan.

Não há muita coisa que esses jovens podem fazer para encher o tempo.

Muitos são degradantemente pobres. Encontrei-me certa vez com um rapaz de quatorze anos que não havia comido uma refeição completa em dois dias.

Sua avó, que cuidava dele, dava-lhe uns trocados pela manhã, e o enxotava de casa. O dinheiro dava para comprar uma Coca-Cola como café da manhã, um cachorro-quente para o almoço, e na hora do jantar ele ria, dizendo estar fazendo regime.

Estranho, porém, era que apesar de os rapazes que eu encontrava nunca terem o suficiente para comer, sempre tinham o bastante para comprar uma garrafa de vinho.

“Realmente, fico assustado ao ver o quanto esses jovens bebem”, disse eu aos nossos obreiros. “Muitos dos rapazes bebem o dia inteiro. Raramente ficam bêbados — não têm dinheiro para tanto — mas também nunca estão completamente sóbrios. Começam a beber logo que se reúnem, lá pelas 10:00h ou 11:00h da manhã, e continuam enquanto têm dinheiro.”

De vez em quando, de alguma forma, geralmente batendo carteiras ou roubando o dinheiro do lanche de crianças menores, entra dinheiro suficiente para comprarem coisa mais forte, e em mais de uma ocasião, em nosso bairro, isso resultou em tragédia.

***

Quando voltamos ao Centro, levei os obreiros para a capela novamente, e contei-lhes a história de Martinho Ilensky. Martinho era um estudante que trabalhava nas horas vagas, para sustentar a mãe inválida. Certo dia em que não trabalhava, foi a uma “festa de vodca” na casa de um colega.

Dez jovens estavam lá, seis rapazes e quatro moças. Depois de uma hora bebendo vodca e dançando, acabou-se a bebida. Fizeram então uma coleta para comprar cerveja, mas Martinho se recusou a contribuir, o que deu início a uma briga. No meio da confusão, uma espada alemã com uma lâmina de trinta centímetros apareceu na mão de um dos rapazes. Depois de um golpe rápido, lá

estava Martinho estirado no chão da cozinha. Morto.

— Bem, e agora, eu sabia que o que iria dizer surpreenderia a alguns dos jovens recém-saídos do seminário. Recostei-me na cadeira, com as mãos cruzadas atrás da cabeça. Vamos supor que vocês tivessem conversado com Martinho Ilensky em alguma esquina, por alguns instantes. Lembrem-se de que ele morrerá se for àquela festa. Quais seriam as primeiras palavras que dirigiriam a ele?

— Eu diria que Cristo salva, disse um rapaz.

— Era disso que eu estava com medo. Todos me olharam surpresos. Continuei:

— Precisamos ter muito cuidado para não ser meros papagaios. Eu procuro sempre estar atento a frases — expressões religiosas — que já ouvi muitas vezes; então, quando estou nas ruas, nunca uso uma frase sem primeiro perguntar a Deus se posso usá-la com o mesmo poder com que foi usada ao ser pronunciada pela primeira vez.

— Na realidade, continuei, o que querem dizer quando afirmam que “Cristo salva”?

É claro que aqueles jovens sabiam qual a resposta a essa pergunta — não estavam apenas repetindo frases conhecidas; antes falavam de alguma coisa que já lhes havia acontecido.

— Bem, disse uma mocinha, significa nascer de novo.

— Mas essas palavras ainda parecem algo decorado. Não soariam com a autenticidade necessária para cativar a atenção de Martinho antes que ele fosse esfaqueado com uma espada alemã de trinta centímetros.

— O que aconteceu a você, quando nasceu de novo? perguntei àquela moça.

Logo que fiz a pergunta, ela ficou pensativa. Hesitou por um momento antes de falar; depois, respondeu num tom de voz que cativou a atenção de todos, imediatamente. Contou da mudança que se dera na sua vida. Falou de como fora triste, sozinha e amedrontada, achando que sua vida não tinha significado.

— Já ouvira falar de Cristo, disse ela, mas esse nome era apenas uma

palavra. Certa vez uma amiga me disse que Cristo poderia acabar com a minha solidão e o meu medo. Um dia, fomos ao culto e, quando o pregador convidou-me para ir à frente, fui. Ajoelhei ali, à vista de todos, e pedi a esse "Cristo", que havia sido apenas um nome, para transformar a minha vida. Desde aquele dia, tudo está mudado; sou realmente uma pessoa diferente, e é por isso que dizemos que "nascemos de novo".

— Sua solidão desapareceu?

— Sim, completamente.

— E o seu medo?

— Também.

— E Cristo é mais do que uma simples palavra para você?

— Claro. Uma palavra não pode mudar as coisas. Estávamos todos silenciosos.

— *Palavras* vazias também não poderiam mudar as coisas para Martinho, disse eu. Não se esqueçam disso quando saírem às ruas amanhã.

***

Em maio de 1961, o Centro Desafio Jovem já estava em funcionamento. Todos os dias — mesmo na segunda-feira, considerada dia de folga — os jovens estavam nas ruas do Brooklyn, Harlem e Bronx, procurando jovens que precisassem deles. Foram a hospitais e cadeias, a escolas e tribunais. Fizeram cultos ao ar livre em Greenwich Village, Coney Island e no Central Park.

E enquanto trabalhavam, o número de jovens que passavam pelo Centro aumentou consideravelmente. Durante o primeiro mês de atividades, mais de quinhentos jovens foram salvos, se posso dar a essa palavra o seu significado mais completo. Quinhentos jovens foram alcançados com a mensagem do Espírito; suas vidas mudaram radicalmente; deixaram as quadrilhas; procuraram emprego; começaram a freqüentar a igreja.

Desses quinhentos, talvez uns cem vieram ao Centro necessitando de cuidados especiais, e desses cem, apenas alguns poucos estavam em situação tão

difícil que precisaram morar no Centro, absorvendo diretamente seu ambiente de amor.

Um dos primeiros rapazes a experimentar uma cura de personalidade no nosso Centro, foi Jorge. Era um rapaz bonito de dezenove anos. Aliás, para o seu próprio bem, era bonito demais. Não tinha lar, pois havia sido posto na rua por seus pais. Eles ficaram desgostosos com a sua conduta com senhoras mais idosas. Estava sempre envolvido em casos com mulheres que tinham o dobro da sua idade. Seu modo de agir era sempre o mesmo. Fazia amizade com alguma mulher solitária, de meia-idade. Contava-lhe uma longa história da vida difícil que levava, conquistava a sua simpatia e pedia para voltar novamente, só para conversar. Me faz tanto bem …

Essas conversas geralmente levavam a coisa mais séria, e logo Jorge tinha uma nova amiga. Mudava para o seu apartamento, onde era tratado como filho. Ele era joalheiro, e logo que se via acomodado na casa, conseguia levar a conversa ao assunto de jóias, oferecendo-se para consertar qualquer coisa quebrada. Jorge, então, deixava a casa com as jóias, usando a desculpa de levá-las à loja de um amigo, mas na realidade levava-as ao mais próximo receptador de coisas roubadas.

Era uma vida inútil e sórdida, para um rapaz jovem e saudável. Mas um dia tudo mudou. Jorge parou para ouvir um culto ao ar livre, e embora se negasse a conversar com nossos obreiros naquela hora, alguns dias mais tarde apareceu no Centro. Foi lá “só para ver”. Sentiu uma estranha sensação de bem-estar, logo que entrou. Um dos nossos obreiros, Howard Culver, viu-o e começou a conversar com ele. Antes do meio-dia, Jorge havia resolvido começar uma vida nova. Orou para que se desse uma mudança na sua vida, e aconteceu exatamente o tipo de milagre completo e instantâneo, ao qual nunca nos acostumamos.

“Foi como se de repente, um enorme peso tivesse sido tirado das minhas costas”, disse Jorge mais tarde.

Estava tão emocionado com a mudança que se dera nele, que não conseguia parar de falar no assunto; ficava a comentá-lo, analisando-o em todos os seus

aspectos.

Com o passar dos dias, Jorge começou a sentir a necessidade de restituir todo o dinheiro que havia roubado. Arranjou um bom emprego, porque é um rapaz realmente habilidoso Cada centavo que sobra, tirando o estritamente necessário para viver, destina-se a pagar essas dívidas. Quando estiverem todas pagas, Jorge quer ingressar no ministério.

***

À medida que o verão ia passando, mais e mais rapazes passavam pelo Centro, e começamos a enfrentar um problema moral. A grande maioria dos rapazes havia infringido a lei. O que deveriam fazer sobre isso?

Não é pergunta fácil de responder. Seria relativamente fácil para um rapaz que se tornara forte em sua nova vida, aceitar o castigo, mesmo que fosse cadeia. Mas tornar-se forte, geralmente leva algum tempo. Há muitas crises a passar, muitos períodos de sequidão espiritual, muito a aprender na arte de ser crente. Se um rapaz faz a sua confissão à polícia muito cedo e é posto na cadeia, corremos o risco de perdê-lo. Por outro lado, ele ofendeu a lei da sociedade, e o sentimento de culpa também pode retardar o seu crescimento espiritual.

Cheguei à conclusão de que não há uma solução única para todos os casos. Muitas vezes sinto-me perplexo quanto ao conselho que devo dar. Pedro, por exemplo, estivera no Centro vários dias antes de chegar-se a mim, queixando-se:

— Não consigo comer. Não posso dormir. Não consigo dormir de modo nenhum.

— Por que, Pedro?

— Sinto o peso dos meus crimes. Sinto um peso nos ombros, e tenho de ir confessar-me à polícia.

Escutei-o por algum tempo, e cheguei à conclusão de que ele realmente deveria ir confessar à polícia … algum dia. Pedro não contou seus crimes pormenorizadamente, porque não falava inglês muito bem e eu não entendia bem espanhol. Mas estava tão agitado e confuso, que uma confissão à polícia seria a

solução mais acertada. O único problema era a época certa.

Pedro era ainda tão novo em sua vida transformada, que algum tempo na cadeia certamente o retardaria. Recomendei a Pedro que esperasse um pouco. Mas ele não quis saber disso. Portanto chamei o meu velho amigo Vicente Ortez para atuar como intérprete, e fomos todos à central de polícia. O sargento estava sentado comendo um sanduíche, quando chegamos. Olhou-nos e disse:

— Às ordens!

— Sou o Reverendo Wilkerson, diretor do Evangelismo Jovem, disse eu. Tenho um rapazinho que foi membro da quadrilha Dragões e quer confessar algumas coisas.

O sargento me olhou seriamente e pediu que eu repetisse o que havia dito. Quando o fiz, ele largou o lápis, chamou-me para um lado e disse:

— Reverendo, ele é biruta?

— De modo nenhum, respondi.

— Constantemente vêm pessoas até aqui confessar coisas que nunca fizeram. Mas se acha que o rapaz desfruta de todas as suas faculdades mentais, leve-o até a sala dos detetives, no andar de cima.

Então, subimos e esperamos. Pedro estava calmo. Logo entrou um detetive e perguntou-me à queima-roupa, se eu havia obrigado Pedro a vir fazer essa confissão.

— Não, respondi. Ele veio de livre e espontânea vontade.

— O senhor sabe que talvez ele vá para a cadeia?

Pedi a Vicente Ortez que explicasse isso a Pedro em espanhol. O rapaz acenou que sim. Ele compreendia.

Então o detetive tirou umas folhas de papel amarelo, molhou o lápis na boca e acomodou-se na cadeira. Era muito bondoso, e estava bastante impressionado.

— Muito bem, Pedro, então diga-nos o que você quer confessar.

— Bem, disse Pedro, por intermédio de Vicente Ortez, lembra-se daquele caso de esfaqueamento …?

E continuou descrevendo um incidente que se dera no Central Park dois

meses atrás. O detetive largou o lápis e chamou outro oficial. Lembravam-se do incidente, e seu interesse despertou imediatamente.

Pedro detalhou os acontecimentos que levaram ao esfaqueamento. Ele estava tomando narcóticos, e já precisava renovar a dose. Estava com dois outros rapazes. Viram um jovem sozinho num banco. Rodearam-no, roubaram o seu dinheiro e enfiaram uma faca no seu estômago.

Pedro continuou, confessando mais dois roubos. Os detetives ficaram com ele das 6:00h até às 12:00h, conferindo os fatos.

Acharam o rapaz que havia sido esfaqueado, mas ele também já tinha passagens pela polícia, e não queria fazer acusação; não queria se envolver.

A loja da qual Pedro roubara mercadorias duas vezes, também se recusou a fazer acusações.

— Conheço aquele lugar, disse Vicente Ortez. Penso que estão bancando o jogo do bicho ocultamente; é provável que também não queiram se envolver.

Foi assim que, finalmente, a polícia não conseguiu achar ninguém que acusasse Pedro, e se dispôs a libertá-lo, sob nossa custódia. Voltamos ao Centro, e na manhã seguinte Pedro foi o primeiro a se levantar. Acordou a todos com o seu cântico Cantava tão alto, e cumprimentou a todos com tanta alegria estampada no rosto, que ninguém teve coragem de reclamar. Pedro era uma pessoa diferente. O seu coração estava cheio de uma alegria realmente maravilhosa.

***

Mas nem todos os nossos rapazes tinham uma história tão dramática. Na realidade, a maioria dos jovens que vêm ao Centro e acham nele um lar são apenas pessoas solitárias. Suas vidas não significam nada. Sentiam que não eram bem recebidos nos seus próprios lares, porque de fato não eram bem-vindos. Envolviam-se em trapalhadas, mas geralmente em delitos menores, que eram apenas um sintoma.

Temos um rapaz maravilhoso, por exemplo, que realmente considera o Centro como seu lar. É um rapaz simples chamado Lucas.

Lucas teve muita dificuldade para enfrentar a luta da vida. Tem um sorriso alegre, um brilho nos olhos, e um caloroso aperto de mão. Muitas vezes no passado, contudo, teve grades dificuldade em concentrar-se no trabalho que fazia. Quando tinha onze anos, começou a matar aulas e andar às soltas no Bronx, com uma quadrilha chamada Coroas.

Seu esporte predileto era quebrar o vidro da radiopatrulha, e correr. Corria por cima dos telhados, fazendo com que os policiais o perseguissem ofegantemente, dando verdadeiros saltos mortais de um telhado a outro, rindo, se não o alcançassem e tivessem de agarrar em alguma calha, para salvar a própria vida.

Lucas começou a andar com outra quadrilha, os Dragões e, com a idade de quinze anos, foi escolhido seu presidente. Não ficou muito tempo nesse posto, porque logo depois viu-se na cadeia por ter batido no professor. Seis meses mais tarde foi solto, mas ainda não tinha conseguido achar o que queria.

Freqüentou uma escola profissional para padeiros, mas também não combinava com o professor. Foi a uma escola de cozinheiros, e o mesmo aconteceu. Ingressou numa escola de açougueiros, onde novamente discutiu com o professor, tendo de deixar a escola.

O Centro Desafio Jovem é o único lugar no qual Lucas ficou mais de uma noite, de livre e espontânea vontade. No momento em que entrou pela nossa porta, sentiu-se em casa.

“O que eu acho mesmo especial”, ele sempre diz aos recémchegados, a quem ele recebe com aquele seu enorme sorriso, “é que aqui ninguém se importa com a sua raça ou nacionalidade. Aqui temos brancos, negros e espanhóis, e estão todos misturados, em Deus.”

Lucas teve uma experiência religiosa surpreendentemente profunda. Ele associa o novo calor da sua personalidade tão intimamente com o Centro, que estamos achando difícil fazer com que dê o passo seguinte na sua carreira. Só

quer ficar aqui e ajudar-nos, por isso resolvemos deixá-lo conosco.

Lucas trabalha nas compras, e é de toda confiança. Ele ganha o seu salário de dez dólares por semana, muito merecidamente. Um dia, quando estiver pronto, ele dará aquele passo, como fazem iodos os nossos rapazes. Mas até chegar este dia, esse lugar está às suas ordens.

17

Enquanto o termômetro do nosso pátio subia cada vez mais, com a entrada do verão, a vida no Centro se acomodou a uma espécie de rotina. Nossos vinte obreiros estavam ocupados de manhã até tarde da noite. Este era o horário do dia:

Levantar – 7:00h

Café — 7:30h

Lavar a louça e fazer limpeza

Devoção particular até às 9:30h

Culto na capela — de 9:30h às 11:30h

Almoço — 12:00h

Louça

Oração

Trabalho na rua — de 14:00h às 18:00h, quando comemos juntos um lanche qualquer na rua.

Continuação do trabalho de rua até às 19:30h

De volta ao Centro, para o culto noturno, até à meia-noite.

Deitar.

***

O trabalho de dirigir o Centro logo se tornou tarefa pesada demais para um homem só; por isso, com o passar dos meses, arranjamos auxiliares especializados nos diversos ramos, que dirigiam o Centro muito melhor do que eu poderia ter feito sozinho.

Howard Culver, por exemplo, tornou-se nosso administrador. Ele mantinha a disciplina, o que não era sempre fácil com um grupo de vinte jovens ativos e alegres, e um número sempre variado de membros de quadrilhas. A mulher de

Howard, Bárbara, também foi uma bênção — é enfermeira formada. Sua atuação foi inestimável para com os jovens subnutridos, e especialmente com os viciados, cujos corpos passam por verdadeiro inferno, durante os primeiros dias depois do abandono da droga.

Se tenho uma predileção toda especial por um dos componentes do nosso corpo de auxiliares, penso que é bastante compreensível.

É Nicky. Que dia alegre para mim foi aquele em que Nicky entrou pela porta do Centro, trazendo uma linda moça pelo braço!

“David”, disse Nicky em voz calma, “quero apresentar-lhe minha esposa, Glória.”

Glória e Nicky haviam-se conhecido quando estavam na escola bíblica. Corri ao encontro deles, apertando a mão de Nicky, batendo nas suas costas, e recebendo Glória tão efusivamente que, penso, ela deve ter se sentido um pouco surpresa.

Glória, Nicky e eu ficamos no escritório, recordando o passado. Achei difícil acreditar que este era o mesmo rapaz que ameaçara matar-me, apenas três anos antes. No nosso primeiro encontro, tivera a impressão de que Nicky era um caso perdido. No entanto, aqui estava ele, completamente transformado — um pastor, cheio de planos para o futuro.

“O que eu desejo, David”, disse ele cheio de entusiasmo, “é trabalhar também com os pais dos jovens. O que adianta ajudar um rapaz, se ele tem de voltar para uma situação insuportável em casa?”

Sem dúvida, ele tinha razão. Os planos de Glória também eram excelentes. Ela também queria trabalhar no Centro. Gostava muito de crianças, e o seu campo de ação especial seria com os Pequenos. Nicky havia contado a ela acerca das crianças de oito, nove e dez anos que agem na periferia das quadrilhas, e Glória então disse que alcançar estes Pequenos, antes de caírem em situação mais séria, era até melhor do que, mais tarde, tentar arrancá-los do vício.

***

A formação do nosso pessoal permanente me deixava cada vez mais animado. Estávamos atacando o problema dos adolescentes nas ruas, de várias maneiras. Eu trabalhava com os rapazes; Nicky com os pais; Glória, com os Pequenos. Só havia uma grande falha: não tínhamos ninguém cujo interesse especial fossem as “gatas”.

Quem é uma “gata”? Qual é a sua relação com as quadrilhas?

Nos últimos anos, o papel da jovem adolescente tem crescido em importância em relação à complexa formação das quadrilhas. Ela é conhecida como gata. Reúne um grupo de jovens como ela, e formam quadrilhas auxiliares às quadrilhas masculinas. Frequentemente escolhem um nome parecido com o da quadrilha com a qual se associam, como no caso dos Cobras e das Cobretes.

Logo aprendi que, geralmente, as meninas eram a causa de muitas brigas nas ruas. Sei de uma briga grande que começou porque a gata de uma gangue reclamou aos colegas que um rapaz de uma quadrilha rival lhe havia feito uma proposta. Mais tarde a garota confessou que mentira; inventou a história só para haver uma briga. Foi só por brincadeira.

É coisa muito rara uma gata virgem.

“O casamento está fora de moda, pregador”, diziam-me elas rindo.

Era inútil falar com elas; descaradamente me faziam propostas indecorosas. O que precisávamos era de uma jovem suficientemente bonita e atraente para conquistar o respeito das gatas, mas que também tivesse uma base sólida para a sua própria fé, de modo a não ser abalada com seus deboches e risos.

Finalmente, nós a achamos. Certa noite, pude dizer a Gwen

— Achamos a garota ideal para trabalhar com as gatas, meu bem.

— Ótimo, respondeu Gwen. Só espero que seja bonita. Terá de ser bonita, para realizar essa tarefa. Nunca pensei que chegaria o dia em que eu animasse o meu marido a escolher uma jovem bonita como companheira de trabalho.

— Ela é *bem* bonita, respondi. Seu nome é Linda Meisner, e vem de uma fazenda em Iowa. Só espero que as meninas da cidade não a assustem.

O trabalho de Linda com as gatas não seria fácil. Foi apresentada a elas no mesmo dia em que chegou ao Centro. A tarde, cinco meninas entraram e quiseram conhecer o lugar. Linda estava disposta a mostrar, mas eu senti um bafo de álcool no hálito das meninas e tentei adiar a visita.

— Temos um culto às 7:30h, aberto ao público, disse eu a elas. Venham a essa hora, e serão bem-vindas. As meninas voltaram mesmo, trazendo um grupo de rapazes também.

— O que vamos fazer, David? perguntou Linda. As meninas estão completamente bêbadas.

— Para começar, vamos separá-los, respondi. Rapazes de um lado, moças do outro.

De nada adiantou essa nossa precaução. As meninas riam, debochavam, estouravam bolas de goma de mascar, levantavam-se, saíam e entravam. Várias delas tiraram facas e começaram a cortar o cadarço dos sapatos. Durante o sermão começaram a discutir comigo, sentadas no assoalho da capela. Entreguei a reunião a um trio feminino (que incluía Linda) mas seu cântico não era ouvido, por causa do barulho.

Finalmente, desistimos de tentar realizar um culto ordeiro, e demos a nossa atenção a rapazes e moças individualmente. A maioria das meninas levantou-se e saiu, batendo a porta ruidosamente, não apenas uma vez, mas duas. Uma das meninas que ficou, foi até os rapazes e rodeou com o braço o ombro de um por um, dizendo:

— É tudo mentira; você não deve acreditar em nenhuma palavra do que ele diz.

Naquela noite, as meninas ganharam. Terminamos mais cedo, e sem nenhum resultado aparente. Essa foi a apresentação de Linda às suas futuras amigas. Para terminar, ouvimos logo depois que naquela mesma noite houve um assassinato.

— Não adianta, David, disse Linda no dia seguinte. Não sei como posso trabalhar com meninas duras assim.

— Espere um pouco para ver o que o Espírito Santo pode fazer, Linda, antes de tomar a sua decisão final.

Na terça-feira seguinte Linda teve a oportunidade de ver a transformação. Depois ela mostrou-me a carta que escrevera aos pais:

“Cada minuto é emocionante e cheio de novas aventuras. Na terça-feira, toda a quadrilha de rapazes e moças voltou. Queríamos que viessem em noites diferentes, mas as meninas imploraram a nossa permissão para entrarem. Prometeram não rir e comportar-se; então deixamos que entrassem. Cantamos *Jesus Quebra Todos os Grilhões,* e depois David perguntou se alguém ali tinha qualquer coisa da qual gostaria de libertar-se. Uma menina de quatorze anos disse que gostaria de se ver livre do vício da bebida. Outra, arregaçando a manga do vestido perguntou se Deus poderia livrá-la daquilo — apontando para uma linha de picadas de injeção de heroína. As meninas comportaram-se tão bem como quaisquer outras meninas, em qualquer lugar.”

***

Daquele dia em diante, as meninas das quadrilhas procuraram o auxílio de Linda. Por exemplo, Helena, uma das meninas da quadrilha local, veio conversar com Linda sobre um problema muito comum para uma gata; disse que estava envenenando a própria vida com ódio.

Eu conhecia Helena. Era mesmo dura; ao aproximar-se dela, quase que era possível sentir o ódio que emanava de sua pessoa. Ela era um problema de disciplina na escola e em casa. Se a ordem era para sentar-se, ela se levantava; se era levantar-se, ficava sentada. Se recebesse ordem para não sair de casa, ela imediatamente fugia; se mandassem sair, nada neste mundo faria com que ela deixasse a sala. Os pais de Helena desistiram, e de uma maneira ou outra conseguiram que diversos parentes ficassem com ela por uns meses cada ano.

Certa tarde, Helena veio falar com Linda, que me contou mais tarde como ficaram na cozinha, bebendo um refrigerante e conversando. As primeiras

palavras de Helena foram que estivera bebendo muito. Depois contou a Linda que ultimamente dera para ir a festas “avançadas”; orgias sexuais, onde todos pareciam verdadeiros loucos. Disse que há algum tempo perdera sua virgindade, e que sexo agora era nada mais que uma rotina monótona.

De repente, sem mais nem menos, Helena começou a chorar.

— Linda, disse Helena afinal, sabe que eu nunca enganei a mim mesma? Nenhuma vez eu me deitei com um rapaz sem saber aqui (apontou para o coração) que estava errada. Linda, não quero odiar mais a mim mesma. Você pode me ajudar?

Helena começou a freqüentar os cultos especiais para quadrilhas que fazíamos todas as quartas-feiras. Mais tarde, consentiu em levantar-se, para contar o que havia acontecido ao seu ódio. Seu rosto agora era franco e seu olhar livre, tão livre quanto o de Linda. Estava sempre cantando ou rindo. Começou a trazer seus primos e amigos. Parou de beber e de freqüentar festas “avançadas”.

— Sabe por que ela deixou tudo isso, David? contou-me Linda. Ela disse que perdeu o interesse, tinha coisas mais interessantes a fazer.

O caso de Helena não é, de forma nenhuma, um caso isolado. Diariamente alcançamos adolescentes como Helena, com esse amor todo especial. Nunca me esquecerei do dia em que ela descobriu a qualidade do amor que redime.

“Já descobri, Reverendo Wilkerson,” disse ela. “O amor de Cristo é um amor sem exigências.”

Helena está certa. O amor de Cristo não apresenta obstáculos: é um amor que nada exige em troca. É um amor que só quer o melhor para esses jovens. É essa a qualidade que redime.

***

Em uma de suas cartas para casa, Linda escreveu que a sua vida estava em perigo constante. Isso não era exagero. Fazemos tudo para proteger nossos obreiros.

Por exemplo, temos uma regra de que o trabalho de rua deve ser feito por

equipes de dois ou três. Outra regra é que moças não devem falar com rapazes nas ruas, e vice-versa. Temos também um outro regulamento, de que os obreiros devem entrar em contato uns com os outros em intervalos predeterminados, principalmente se estão trabalhando à noite.

A realidade é que os nossos jovens estão entrando em lugares onde policiais armados andam sempre de dois em dois, para se protegerem. A grande maioria dos jovens, nas áreas turbulentas da cidade, carrega armas escondidas. Se um rapaz está “alto”, com heroína, pode facilmente usar sua faca, só por brincadeira. Mas o problema muito mais sério é o ciúme que sentem quando nossos jovens ameaçam, com seu trabalho, quebrar certas relações.

Certa noite, Linda e uma colega, Kay Ware, saíram à rua, mais tarde do que costumeiramente. Já era quase meia-noite, de uma noite opressivamente quente. O culto noturno já havia terminado, e as jovens deveriam ter ido deitar-se, mas sentiram um interesse tão grande nas meninas, e queriam tanto repartir com elas aquilo que já gozavam, que penetraram nas trevas, orando para que o Espírito Santo as levasse ao encontro de alguma mocinha necessitada.

Chegaram a um bar, e olhando lá dentro, viram quatro mocinhas ouvindo *rock* e bebendo Coca-Cola. Linda e Kay entraram e começaram a conversar com elas. Numa dessas transformações tão surpreendentes, às quais acabamos nos acostumando, resistiram por alguns minutos apenas, e depois uma delas começou a chorar.

— Vamos, disse outra. Vamos sair daqui, não quero que esse pateta, apontando para o proprietário do bar, ouça isso.

Assim, saíram todas para a noite escura e calorenta. Nem bem começaram a conversar quando as *quatro* começaram a chorar como crianças.

A essa altura, dois rapazes se aproximaram.

— O que está acontecendo aqui? perguntaram.

As meninas mandaram que dessem o fora. Não queriam conversar com rapazes. Isso despertou a curiosidade daqueles moços, ainda mais do que as lágrimas, e aproximaram-se mais.

— O que vocês estão querendo fazer? perguntaram a Linda. Tirar nossas garotas de nós?

Um dos rapazes mudou de tática, e começou a beliscar Linda.

— Vamos ao parque, beleza, quero mostrar uma coisa a você.

O outro rapaz logo se animou também e começaram então a apresentar uma lista de propostas a Linda e Kay, o que deixou as duas envergonhadas e confusas. Mas tinham uma boa defesa. Virando-se depressa, e olhando bem nos olhos do líder, Linda disse devagar:

— Deus o abençoe.

O rapaz olhou para ela boquiaberto. Linda voltou-se então e continuou a sua conversa com as meninas, enquanto os rapazes ficaram por ali um pouco, até que um deles disse:

— Pro inferno. Vamos sair do caminho dessa nojenta. Linda e Kay continuaram a conversa com as meninas. Logo depois, porém, perceberam que um grupo enorme de rapazes estava chegando, vindo de muitas direções.

— Cuidado, disse uma das meninas.

Linda e Kay ficaram mais juntas, mas continuaram a falar calmamente. Mas de repente, ouviu-se um grito e uma risada. Todas elas foram cercadas por um grupo grande de jovens que gritavam e riam. Aproximaram-se e separaram Linda e Kay das outras meninas.

— Sabe, pequena, você me deixa louco, disse o líder dos rapazes. Você está falando em religião com as nossas garotas? Vocês querem tirá-las de nós.

E novamente começou a conversa de sexo. Linda e Kay ouviram uma linguagem que nunca antes haviam ouvido. Os rapazes empurravam-nas e insultavam-nas.

Alguma coisa brilhou no escuro. Linda olhou, e viu na mão de um dos rapazes uma faca com o formato de meia-lua, que brilhava na escuridão da noite como a própria Lua.

Inesperadamente, ele avançou contra Linda, que depressa afastou-se para um lado. A faca pegou na roupa, tirou um pedaço do vestido, porém não

alcançou o seu corpo.

Linda voltou-se para o rapaz enquanto este ainda estava desequilibrado. Novamente pronunciou as palavras que a haviam ajudado antes. Sua voz era baixa, mas ela deu todo o significado possível às palavras.

— Deus o abençoe.

Tomando, então, Kay pelo braço ela disse:

— Venham ao Centro amanhã: Avenida Clinton, 416. Estaremos esperando por vocês.

Com isso, ela e Kay atravessaram a rua.

Por um pouco os rapazes seguiram-nas, fazendo as suas propostas, até que por razões que Linda e Kay ainda não conseguem compreender, o líder chamou os rapazes.

— Vamos, disse ele. Vamos desistir disso. Não quero brincar com essas aí.

Linda e Kay voltaram ao Centro tremendo. Mas no dia seguinte encontraram novamente as quatro meninas e continuaram a conversa. À noite, estavam nas ruas novamente.

“Fico contente de saber que o seu pé melhorou, Larry”, Linda escreveu em uma carta que mandou certa vez para casa, “Gostaria de poder contar-lhes o que está no meu coração. Sabem, a gente pode sentir a presença do mal. Eu sei que a minha vida está em perigo, mas só tenho um desejo: viver para Deus.”

18

O que constantemente me surpreendia com relação aos nossos obreiros é que podiam ter esse desejo de “se consumirem para Deus”, sem desenvolverem personalidades tensas e preocupadas.

Pensando na razão disso, chego à conclusão de que o Centro se tornou justamente aquilo que esperávamos — um lar. Cheio de amor, sujeito a uma disciplina espiritual, tendo todos um mesmo alvo, mas livres.

Num ambiente assim há uma válvula de escape indispensável, que permite vivermos normalmente, e que dá lugar à alegria, que nos faz rir.

Fico muito contente com isso. Eu penso não ser possível que uma verdadeira casa de Deus seja um lugar sombrio e tristonho, e o Centro certamente não é lugar para quem tenha cara comprida. Se não é uma guerra de travesseiros no dormitório das moças, estão dando nós nos lençóis no dormitório dos moços, ou pondo açúcar no saleiro — todas aquelas brincadeiras costumeiras.

Naturalmente, eu tenho de fazer cara feia a tudo isso, mas aparentemente ninguém presta muita atenção.

Quando subo as escadas correndo, gritando como deve fazer um diretor, dizendo que já passou da hora de apagar as luzes, deparo com roncos angelicais que duram justamente o bastante para eu descer as escadas novamente. Eu me preocuparia com essa falta de respeito pela autoridade, se a disciplina afinal não fosse mantida; os jovens estão tão ocupados que há muito pouca energia para fazer folia. Depois de alguns minutos, todos se cansam e os roncos se tornam reais.

Na realidade, esse espírito de brincadeiras não se limita aos adolescentes e jovens, mas todos participam. Logo depois da chegada de Glória e Nicky, iniciamos o que chamamos de “Operação LevaQuadrilha”. A Igreja das Boas-

Novas tem um local para retiros, no estado de Nova Iorque, numa fazenda chamada Vale Escondido. Durante as semanas mais quentes do verão, pedimos permissão para levar alguns dos rapazes das quadrilhas, a fim de tomarem um pouco de ar mais puro. Nicky e sua esposa nos acompanharam. Lucas veio também, com mais doze rapazes do Centro.

Certa noite, Glória e Nicky resolveram dar uma voltinha antes de deitar-se. Lucas e alguns outros me chamaram e convidaram para fazer uma brincadeira.

— Você sabe, Nicky nunca saiu da cidade, disse Lucas que já se considerava veterano, porque já estivera antes numa fazenda.

— Quer pegar uma vela e nos acompanhar?

— O que vocês vão fazer?

— Nada que poderá machucar ninguém! Vamos apenas caçar ursos.

Então pegamos umas velas, e saímos pelo mesmo caminho que Glória e Nicky haviam tomado. Logo nos encontramos com o casal que voltava para a casa da fazenda.

— O que vocês estão fazendo? perguntou Nicky.

— Estamos caçando, respondeu Lucas; procurando ursos. Quer ver as suas pisadas?

Lucas ajoelhou-se na terra e levou a vela até bem perto do chão, e ali na terra fofa havia sinais de pisadas de gado. Nicky olhou bem e viu mesmo sinais misteriosos na terra. Ficou visivelmente perturbado e abraçando mais a esposa, pediu uma vela.

De repente, Lucas levantou-se:

— O que é aquilo? perguntou ele.

Sua voz estava bem baixa e parecia estar com medo. Apontou para um objeto que mal podíamos distinguir à luz da lua. Parecia mesmo um urso agachado, e se eu não soubesse que era um velho sino de escola, já abandonado, que se destacava sob a pálida luz, também ficaria com medo.

Quando procuramos Nicky, ele estava escondido atrás de uma árvore com sua mulher. Os outros rapazes começaram a atirar pedras no urso dizendo a

Nicky para deixar de ser medroso e ajudá-los.

E de repente, Nicky nos fez rir. Saiu de trás da árvore dizendo:

— Que bobagem! Eu tenho fé. Vou confiar em Deus, e pedir que me ajude *a correr!*

Dito isso, Nicky e sua mulher correram de volta à casa da fazenda, deixando-nos morrendo de rir. Quando voltamos, fomos fazer chocolate quente para Nicky e a esposa. Foi preciso seis xícaras para expulsar o medo deles.

Durante aquele verão fiquei surpreso ao descobrir também, que grande parte do alegre intercâmbio existente na Avenida Clinton, 416, centralizava-se na cozinha.

Penso que foi mesmo da vontade de Deus que, durante aqueles primeiros meses do nosso trabalho no Centro, não tenhamos conseguido achar cozinheira.

Tentamos todos os sistemas conhecidos, para conseguirmos fazer nossas refeições, mas o que não deu certo foi ter uma cozinheira dominando a despensa. Também a cozinha é sempre o centro de um lar; uma cozinheira geralmente não admite que outros entrem no seu domínio, assim somos enxotados do coração do lar.

Isso não aconteceu no Centro, porque não acertávamos com nenhuma cozinheira.

O resultado foi uma confusão alegre e maravilhosa. Para compreender a situação é preciso explicar primeiro de onde vem nosso alimento. Como tudo o mais no Centro, conseguimos o alimento, orando. Esse é um dos projetos em que os rapazes que estão no Centro tomam parte ativa.

Cada dia oramos pelo alimento, e a maneira de recebê-lo é uma lição viva para jovens que estão começando a aprender o que é fé. Pessoas mandam presunto, batatas fritas, frutas, verduras, ou dinheiro que não vem designado para algo específico.

Um dia, porém, a turma se levantou, desceu para o café, e não havia nada sobre a mesa. Quando eu cheguei ao escritório, vindo de casa, o Centro estava movimentado com o problema da falta de alimento.

— Suas orações dessa vez não adiantaram, hein David? disse um dos rapazes, recém-vindo da quadrilha.

“Senhor”, orei silenciosamente, “dá-nos uma lição de fé que fique conosco para sempre”, e em voz alta:

— Vamos fazer uma experiência. Nós estamos aqui sem ali alimento para o dia, certo?

O rapaz acenou com a cabeça.

— E a Bíblia nos diz: “O pão nosso de cada dia dá-nos hoje” Certo?

— Se você diz, é verdade.

Eu ri e olhei para o Reverendo Culver, que sacudiu os ombros e fez um gesto, como a dizer que ensinaria o pai-nosso ao rapaz.

— Então, por que não vamos todos para a capela, agora, para pedirmos alimento para o dia, ou dinheiro suficiente para comprá-lo?

— Antes do almoço? perguntou o rapaz. Estou ficando com fome.

— Antes do almoço. Quantos somos?

Dei uma olhada para averiguar, porque o número de pessoas no Centro estava sempre mudando. Naquele dia, contamos vinte e cinco pessoas para comer. Calculei que seria preciso a quantia de trinta e cinco dólares, para providenciar almoço e jantar. Todos concordaram, e assim entramos na capela, fechamos a porta e começamos a orar.

— Já que estamos falando nisto, Senhor, disse o rapaz, será que o Senhor poderia providenciar para que não fiquemos mais com fome o resto do verão?

Olhei para ele com ar de censura. Achei que ele estava exagerando, embora reconhecendo que uma providência a longo prazo nos deixaria com mais tempo para orar por outras coisas, sem estarmos ocupados com necessidades básicas, como alimento.

A nossa oração, no Centro, tem a tendência de ser um pouco barulhenta. Freqüentemente oramos em voz alta, com muita liberdade no Espírito, o que às vezes assusta as pessoas que a ouvem pela primeira vez. Acham muito rude, sem reconhecer que estamos apenas expressando nossos verdadeiros sentimentos

perante Deus. Se nos sentimos preocupados, dizemo-lo não apenas com nossos lábios mas com o tom das nossas orações.

E naquele dia estávamos bastante preocupados. Enquanto confessávamos nossa preocupação, num tom de voz que não deixava dúvidas sobre o que estávamos sentindo, a porta se abriu e uma pessoa estranha entrou.

Nem ouvimos quando alguém bateu na porta da capela. Quando finalmente abriu-a e viu vinte e cinco pessoas ajoelhadas, agradecendo a Deus pelo alimento que havia dado no passado, e agradecendo também o alimento que daria de algum modo, nesta emergência, tenho certeza de que ela se arrependeu de ter vindo.

— Com licença, ela disse baixinho. Com licença, disse um pouco mais alto.

Eu estava mais perto e ouvindo-a, levantei-me imediatamente. Os outros continuaram com sua oração.

Essa senhora hesitou um pouco para chegar ao assunto do porquê da sua visita. Ficou fazendo perguntas, e eu percebi que, quanto mais descobria sobre o que estávamos fazendo, tanto mais animada ficava. Finalmente, perguntou sobre aquela reunião de oração. Contei-lhe que, acordando de manhã, descobrimos que não havia alimento na casa e revelei o propósito da nossa oração.

— Quando é que vocês começaram a orar? a senhora perguntou.

Calculei rapidamente:

— Há mais ou menos uma hora.

— Bem, disse ela, isso é realmente extraordinário. Eu sabia muito pouco a respeito do seu trabalho, mas há uma hora tive um impulso repentino, coisa que não me é costumeira. Senti que deveria esvaziar o meu cofre e trazer-lhes essa economia que há tempos vinha fazendo. Agora sei qual a razão.

Em seguida, abriu a bolsa e tirou de dentro dela um envelope branco que colocou em cima da minha mesa, desejando que fosse de alguma utilidade. Agradeceu-me por ter mostrado o Centro a ela e partiu. O envelope continha pouco mais de trinta e dois dólares, a quantia exata para fornecer o alimento para o dia.

Mas, a oração daquele jovem foi respondida também, porque durante todo aquele verão não faltou mais alimento!

Conseguir o dinheiro necessário para o andamento do Centro era uma questão mais difícil ainda. Quando chegou a época dos nossos jovens obreiros voltarem para a escola, fizemos as contas de quanto havíamos gasto durante aquele verão. Ficamos realmente abismados ao verificar a quantia de dinheiro que havia passado por nossas mãos.

Havia a prestação da casa, contas de luz, alimentação, gastos de tipografia e transporte. Muitas vezes os rapazes que acolhíamos usavam roupas que para nada mais serviam senão para o lixo; a esses tínhamos de vestir; contas de consertos de encanamento e impostos. Havia também os salários; mesmo pagando um ordenado irrisório aos nossos auxiliares, as despesas nesse setor chegavam a mais de duzentos dólares. O total de nossas despesas normais chegava a mais de mil dólares por semana!

Em nenhuma ocasião tivemos mais de uns cem dólares em caixa. Logo que o dinheiro entrava, era aplicado em alguma necessidade urgente. Às vezes eu tenho desejado uma situação financeira que nos permita respirar mais livremente, mas sempre volto à convicção de que o Senhor quer que vivamos desta maneira.

Uma das maiores exigências da nossa fé é depender totalmente de Deus, para as necessidades do seu trabalho. Logo que tivermos um bom saldo no banco, não confiaremos mais nele dia a dia, hora a hora, como fazemos agora, não apenas para o suprimento das nossas necessidades espirituais, mas também das materiais.

E de onde vêm esses mil dólares por semana? Grande parte é fornecida por jovens mesmo. Em todo o país, vários jovens aceitaram o desafio dessa obra, ajudando a financiá-la. Eles cortam grama, lavam carros, cuidam de crianças. Centenas prometeram mandar cinqüenta centavos de dólar por semana, para ajudar a outros jovens como eles. Esse dinheiro entra aos poucos, mas cada centavo é abençoado e muito apreciado.

Existem também igrejas, em várias partes do país, que têm um grande interesse em nosso trabalho. Outro dia recebemos a visita de uma senhora da Flórida. Ela lera sobre o Centro Desafio Jovem, mas só sentiu o impacto da necessidade dos jovens desta cidade quando a levamos por um quarteirão, e explicamos o que ela via com os próprios olhos. Aqui uma jovem alcoólatra; ali uma jovem prostituta de quinze anos; acolá um rapaz que não conseguia livrar-se da heroína, e outro rapaz que apenas se sentia só. Voltando à sua igreja ela disse à congregação, depois de contar-lhes o que havia visto:

"Eu aqui vivo com todo conforto, enquanto aqueles jovens estão em grande necessidade de auxílio espiritual. Eu, pelo menos, vou fazer daquele centro motivo de interesse particular, e gostaria que mais pessoas compartilhassem disso comigo. Eles precisam de cada centavo que pudermos mandar."

Todas essas fontes, entretanto, nunca seriam suficientes para suprir as necessidades extraordinárias do Centro, como o pagamento do prédio, que teve de ser enfrentado como verdadeira crise, e confiado às mãos de Deus. Agora que começávamos o nosso trabalho de maneira ordenada, eu sabia que estávamos prestes a enfrentar nova crise.

Em duas semanas venceria o prazo para a segunda prestação do prédio: quinze mil dólares! Francamente, eu havia fechado os olhos para a data do pagamento. Certamente não havia guardado nada para a prestação, pois estávamos usando tudo o que recebíamos, mal conseguindo passar com isso.

O dia do vencimento era 28 de agosto de 1961. Eu sabia muito bem que naquele dia teríamos de enfrentar a realidade.

19

Ao nos aproximarmos da crise financeira, resolvi que de alguma forma haveria de arranjar o dinheiro, porque nos deparamos com outro desafio, num plano diferente dos que já havíamos enfrentado antes.

Certa tarde Maria telefonou-me, dizendo que queria falar comigo.

— É claro, Maria. Pode vir. Você tem o nosso endereço.

Chamei Linda e falei-lhe sobre Maria.

— É uma pessoa que você deve conhecer, disse-lhe eu. Tem um enorme potencial. Se pudéssemos canalizar a sua energia na direção certa! Ela é corajosa; mas com a coragem de quadrilha. Quando se tornou presidente da sua quadrilha, teve de ficar de pé com as costas contra a parede, e deixar que os outros jovens batessem nela, como quisessem. É uma organizadora brilhante; mas usou esse talento para aumentar a sua quadrilha, que constava de mais de trezentas meninas.

— Mas eu tenho a impressão de que não é por causa das quadrilhas que ela vem; penso que deve estar tomando heroína outra vez.

Contei então a Linda a batalha que Maria vinha travando com a droga. Disse-lhe que já estava viciada quando a encontrara pela primeira vez, havia mais de quatro anos. Contei-lhe como abandonara o vício, depois de vir à frente na Arena São Nicolau; como casara, e tudo parecia correr bem por algum tempo. Maria deixou a quadrilha, João arranjou emprego e começaram a nascer as crianças.

Mas um dia Maria e João brigaram. A primeira coisa que ela fez foi entrar em contato com um traficante e começar a tomar a droga novamente. Depois de algum tempo ela a havia deixado por um longo período, mas eu tinha certeza de que voltara novamente.

Enquanto conversava com Linda, a secretária avisou que Maria estava à

nossa espera. Que mudança trágica se efetuara nela desde a última vez que a vira! Linda e eu levantamo-nos quando ela entrou. Foi uma reação estranha, mais ou menos o que se sente quando se está na presença da morte.

Os olhos de Maria estavam vidrados. O nariz sujo, a pele áspera e gordurosa. O cabelo empastado e despenteado. O sapato completamente gasto de um lado; ela não estava de meias, e suas pernas estavam cobertas de pêlo escuro.

Mas o que mais me impressionou em Maria foram as suas mãos. Não caíam graciosamente ao seu lado, antes estavam fechadas, e um pouco levantadas. Ela as abria e fechava constantemente, como se estivesse pronta a atacar ante a mínima provocação.

— Reverendo Wilkerson, disse ela, acho que não é preciso dizerlhe que preciso de ajuda.

— Entre, Maria, disse eu. Puxamos uma cadeira para ela.

— Sente-se, disse Linda. Vou buscar uma xícara de chá para você.

Pobre Linda, ela não sabia que uma “rodada de chá” era gíria dos viciados em heroína, para indicar uma sessão de “picadas”. Ela deve ter ficado surpreendida com a brusca reação de Maria.

— Não, disse ela, não quero nada! E sentou-se.

— Como vão as crianças?

— Como vou saber?

— Você abandonou o João?

— Nós brigamos.

Olhei para Linda.

— Eu já falei com Linda a seu respeito, Maria. Contei-lhe tudo; o que há de bom e ruim. Quero que você a conheça melhor. Ela está trabalhando com muitas garotas na cidade. Escolhi-a porque ela é compreensiva. Você também vai gostar dela.

Maria e Linda conversaram. Depois Linda veio até o meu escritório, preocupada por não ter conseguido alcançá-la de forma nenhuma.

— São essas drogas, David, disse ela. Que veneno diabolicamente

inspirado! É morte a prestações.

Poucos dias depois, as coisas pioraram. Maria telefonou para Linda, suplicando ajuda. Disse que estava prestes a meter-se em uma encrenca muito grande e não sabia como controlar-se. Acabara de tomar a terceira injeção de heroína e beber uma garrafa de uísque. Ela e sua antiga quadrilha estavam de saída para lutar com uma quadrilha rival.

— Vamos matar uma mocinha chamada Diva, disse Maria Você precisa impedir-nos de fazer isso.

Linda e duas companheiras correram até a Rua 134, em Manhattan. Entraram correndo no local onde estava reunida a quadrilha. Ficaram lá mais de uma hora, mas antes de saírem, a briga havia sido suspensa.

— David, disse Linda quando voltou, isso é horrível.

Simplesmente temos de fazer alguma coisa por essas meninas.

***

O que é vício de entorpecentes?

Demorei quatro anos para fazer uma idéia correta da grande ameaça que se esconde atrás da simples palavra “narcóticos”. O quadro é realmente assustador.

De acordo com estatísticas oficiais, há mais de 30.000 viciados só na cidade de Nova Iorque, e essas estatísticas se baseiam apenas nos registros daqueles que são hospitalizados, presos ou internados em alguma instituição. Milhares de pessoas estão se viciando devagar, fumando um “pacau”, experimentando uma “picada” de heroína. Milhares de homens, mulheres e crianças, condenados àquilo que Linda descreveu tão apropriadamente como sendo “morte a prestações”.

Entre os viciados há um número suficiente de adolescentes para povoar uma cidade pequena; no mínimo quatro mil! Ainda mais significante e assustador, é o fato de que a porcentagem de adolescentes viciados está aumentando.

E isso, naturalmente, levando em conta que cada ano, centenas de viciados

deixam a categoria de adolescentes pelo processo simples do passar do tempo. Para compreender a ameaça e o desafio desse vício entre os nossos jovens, foi preciso que eu primeiro buscasse uma compreensão dos lucros fantásticos que a venda de narcóticos dá aos traficantes.

A droga mais usada em Nova Iorque é a heroína, um derivado do ópio. Um quilo de heroína pode ser comprado em Beirute, no Líbano, por três mil dólares.

Contrabandeado desse país, vendido, revendido e dividido, o quilo será vendido, nas ruas da cidade, por 300.000 dólares!

Em tempos de escassez do produto, o mesmo investimento de 3.000 dólares poderá render um milhão! Qualquer comércio que tenha lucros como esse (livre de impostos), certamente prosperará.

Alie aos lucros o fato de ser quase impossível evitar o tráfico, e aí temos o quadro do comércio de narcóticos em Nova Iorque.

Um grupo de doze homens leva a maior parte de um dia para revistar um navio, à procura de narcóticos. Chegam anualmente ao porto de Nova Iorque, vindos de outras terras, 12.500 navios, juntamente com 18.000 aviões. Para controlar esses trinta mil transportadores, a Alfândega de Nova Iorque tem apenas 265 homens.

O resultado é que um homem que não é conhecido como vendedor pode entrar na cidade quase que livre de risco, carregando enormes quantidade de heroína, em saquinhos de seda costurados à roupa.

E como esses vendedores acham mercado? Aqui está a história:

Os jornais noticiaram em letras garrafais, há pouco tempo, que os traficantes estavam agindo às portas de um dos colégios da cidade. Para o departamento de educação de Nova Iorque, isso não era novidade. Eles sabiam muito bem que a maioria dos viciados experimenta narcótico, pela primeira vez, nas imediações de uma escola.

Os alunos do Ginásio 44, do Brooklyn, foram recentemente privados do privilégio de sair do colégio durante o recreio. Os responsáveis sentiam que era necessária essa medida para a proteção das crianças, por causa da audácia dos

traficantes na vizinhança. Eles esperavam bem à porta do colégio, e em algumas ocasiões chegaram a entrar no pátio!

Esses traficantes oferecem amostras grátis da sua mercadoria. Um certo rapaz (José), a quem fiquei conhecendo muito bem, contoume como isso funciona.

“Um traficante convida você para dar uma voltinha no seu carro, provavelmente com um ou dois colegas da sua classe que já fumam maconha. “A maconha não faz mal”, dizem. Depois continuam dizendo que a maconha não vicia, o que na realidade é verdade — mas a maconha leva a outras drogas que viciam. O traficante então oferece um “pacau”, e se a gente hesitar, os outros rapazes começam a rir e a chamar-nos de covarde, até que afinal a gente cede e aceita um dos seus cigarros. Foi assim que eu comecei.”

A história de José é um exemplo típico. A criança dá uma fumadinha no banco de trás do carro de algum traficante. Aprende que não se traga a maconha como se faz com um cigarro comum; cheira-se a fumaça até ficar meio tonto.

Naquele primeiro dia, quando o rapaz volta para a escola, seus problemas diários não mais o preocupam. A maioria dos viciados são frustrados, revoltados, solitários, e muitas vezes são filhos de pais separados. Ante a primeira amostra da erva maravilhosa, o rapaz acha que descobriu como seria a felicidade permanente. Esquece-se do pai alcoólatra, e da mãe que nunca está em casa, não se preocupa com a falta de amor em sua vida, nem com a pobreza extrema que o obriga a dormir na mesma cama com duas irmãs, e no mesmo quarto dos pais. Esquece-se de tudo isso. Sente-se livre, o que para ele não significa pouco.

No dia seguinte, o simpático traficante está por ali para oferecer outra amostra do céu. Quando o rapaz está pronto, é apresentado a algo mais forte — a heroína — seguindo-se o mesmo processo anterior.

O traficante oferece a droga como presente um dia, dois dias, satisfeito em aplicar assim o seu dinheiro, porque sabe que *apenas quinze dias de uso contínuo da heroína, são suficientes para produzir mais um viciado!*

E agora vem a parte mais vil da história. A heroína custa de três a quinze

dólares por aplicação. Vem numa embalagem de papel celofane, em quantidade suficiente para uma injeção endovenosa. Certa vez, durante um período de escassez de heroína, uma jovem de vinte e um anos me disse:

“David, eu preciso de sessenta dólares por dia para manter o meu vício. Sei de viciados que gastam cem dólares por dia.” O normal, entretanto, é uma média de vinte e cinco a trinta dólares por dia. Onde é que um jovem que recebe vinte e cinco centavos de seus pais para comprar lanche, pode arranjar vinte e cinco dólares?

É possível que ele se volte para o crime. Um dos maiores problemas de Nova Iorque são os crimes cometidos por adolescentes — roubos de carteiras, furtos em lojas, em casas, assaltos à mão armada, furtos de carros — e a polícia diz que a razão é o vício de entorpecentes. Contudo, o rapaz só recebe um terço do valor do seu furto, ao vendê-lo aos receptadores de objetos roubados. Assim, para financiar um vício de vinte e cinco dólares por dia, ele tem de roubar setenta e cinco.

O diretor do departamento de narcóticos em Nova Iorque, Inspetor Eduardo Carey, calcula que os entorpecentes são a causa de 200.000.000 de dólares em roubos por ano, apenas nessa cidade. O roubo, entretanto, não é a solução ideal para um jovem que se vicia. E preciso muito esforço e inteligência, além do grande risco que corre. Muito mais simples é tornar-se traficante.

Um rapaz chamado Carlos contou-me certa noite, enquanto estávamos numa esquina escura, como isso aconteceu com ele. Ele tem dezoito anos e já é viciado há três anos. Quando reconheceu que esse vício iria custar-lhe quinze dólares por dia, depois vinte, depois vinte e cinco dólares, foi ao seu vendedor e ofereceu-se para ajudá-lo a vender.

“Ah! não, seu moço. Se você quiser vender, terá de descobrir os seus próprios fregueses.”

E nessa frase está a razão da grande disseminação desse vício.

Carlos, então, para poder comprar para si mesmo, começou a vender para rapazes mais novos, usando a mesma técnica que fora aplicada nele. Dizia que o

seu vício “valia o trabalho que dava”. Escolhia os jovens mais sensíveis, revoltados e introvertidos, para pressionar. Chamava-os de “covardes” quando se recusavam a experimentar maconha, até que finalmente conseguiu uma clientela. A essa corrente sempre crescente do vício foram acrescentados, não um, mas dez rapazes.

Perguntei a alguns desses moços:

“Por que vocês não param simplesmente?”

Suponhamos que um rapaz resolvesse fazer isso mesmo. Cerca de duas horas depois de terminado o efeito da última picada, o rapaz começa a se sentir mal. Primeiro, sente uma ânsia que domina todo o seu corpo. Em seguida, começa a transpirar, treme de frio, enquanto a temperatura do corpo se eleva mais e mais. Começa a vomitar com ânsias horas a fio. Seus nervos tremem com dores excruciantes, da ponta dos pés até ao couro cabeludo. Sofre alucinações e pesadelos muito piores do que um alcoólatra pode imaginar.

Durante três dias, esse sofrimento continua. A não ser que alguém venha em seu auxílio, ele não consegue vencer. Mesmo *com* auxílio, nove entre dez não conseguem deixar o vício.

Anualmente são internados 3.500 viciados no Hospital do Serviço de Saúde Pública dos Estados Unidos, em Lexington. Mais de seiscentos médicos e auxiliares tentam ajudar o viciado a livrar-se do hábito, mas um estudo de vinte anos, efetuado entre 1935 e 1955, mostra que sessenta e quatro por cento dos viciados retornaram ao hospital!

Muitos outros voltavam às drogas sem que fossem novamente hospitalizados! O Dr. Murray Diamond, médico-chefe do hospital, diz que entre oitenta e cinco por cento e noventa por cento dos viciados acabam voltando ao vício,

“Uma vez “fisgado”, moço, “fisgado” para sempre”, disse-me um rapaz que havia estado em Lexington. “Eu arranjei uma picada cinco minutos depois de sair daquele lugar.”

***

E o que acontece aos nove, entre dez, que não conseguem deixar o hábito? Uma deterioração física repugnante e dolorosa começa a manifestar-se.

Carlos, mesmo tentando vender drogas a rapazes mais novos, carregava consigo um boletim oficial do departamento de polícia de Nova Iorque, descrevendo o resultado que se efetua no corpo sujeito aos efeitos contínuos das drogas:

Ser um viciado em drogas é ser um cadáver ambulante. Há muitos sintomas que revelam um viciado — qualquer um destes pode manifestar-se.

Os dentes apodrecem; o apetite desaparece; o estômago e intestinos não funcionam bem. A vesícula se inflama; os olhos e a pele ficam amarelados. Em alguns casos, as membranas do nariz ficam vermelhas; a cartilagem que separa as narinas desaparece — a respiração é difícil. O oxigênio do sangue diminui; aparecem bronquites e tuberculoses. As boas características do caráter desaparecem e tendências más tomam o seu lugar. Os órgãos genitais são afetados. Algumas veias entram em colapso, deixando cicatrizes roxas. Tumores e abscessos infestam a pele; dores cruciantes torturam o corpo. Os nervos não resistem; cacoetes nervosos começam a aparecer. Temores imaginários e fantásticos dominam a mente, e às vezes resultam em insanidade.

É comum serem essas vítimas escolhidas pela morte.

Em comparação com pessoas normais, de acordo com uma autoridade citada em um folheto do Departamento do Tesouro dos Estados Unidos, os viciados em drogas morrem de tuberculose numa relação de quatro para um; de pneumonia, dois para um; velhice prematura, cinco para um; bronquite, quatro para um; hemorragia cerebral, três para um, e mais de dois para um, de uma grande variedade de outras doenças. Esse é o tormento de ser um viciado; esse é o destino destes cadáveres ambulantes.”

Carlos sabia muito bem o que o aguardava, o que não impediu que ele continuasse. O Baixinho também. Este veio à minha procura, buscando auxílio, e

ensinou-me uma lição trágica.

Baixinho tinha dezenove anos, e era viciado em heroína, Desde os quinze anos usava drogas. Zazá era namorada de Baixinho, e era uma linda moça de dezessete anos. Seus pais eram conhecidos nos altos círculos comerciais e sociais de Nova Iorque, e freqüentavam uma igreja elegante.

Baixinho veio pedir que eu ajudasse Zazá a “deixar o troço”, e eu concordei em visitar a moça.

Quando Baixinho e eu batemos na porta de um porão escuro e cheio de ratos, numa ruazinha do Brooklyn, ouvimos o som de alguém que se movia rapidamente. Esperamos enquanto o Baixinho, impaciente, resmungava. Foi Zazá mesmo quem abriu a porta, e ficou boquiaberta ao ver-nos.

Naquele antro escuro havia mais dois jovens; ambos tinham a manga esquerda da camisa arregaçada. Na mesa, diante deles, estavam os “apetrechos”: uma agulha, uma tampinha de cerveja que serviria de fogareiro, um copo de água e um saquinho de celofane contendo uma substância branca — “dinamite”, H ou heroína.

— Quem é esse? perguntou Zazá apontando com a cabeça para mim.

— Não tem problema, respondeu o Baixinho. Ele é um pregador. Eu pedi a ele que viesse aqui.

— Bom, se quiser falar comigo, precisa esperar.

Assim dizendo, Zazá deu-nos as costas, e voltou à ocupação que nós havíamos interrompido. O Baixinho deve ter lido meus pensamentos, porque voltou-se para mim e murmurou:

— Não tente impedi-los. Pregador, se você atrapalhar a preparação da “picada”, estes rapazes o matam. Estou falando sério. Se você sair para chamar a polícia, quando voltar não achará ninguém. Fique por aí, é bom aprender alguma coisa.

Então, eu fiquei por ali e, de fato, aprendi o que é ser adolescente viciado.

Enquanto a injeção era preparada, o Baixinho contou-me a história de Zazá. Ela também tomava heroína desde os quinze anos. Seus pais não sabiam da

dupla vida que ela levava, incluindo as noites que passava com homens. Só sabiam que Zazá saíra de casa e agora estava morando em Village. Ela os visitava nos fins de semana, e embora um pouco chocados com a vida boêmia de Zazá, pensavam que todas as garotas tinham de passar por uma fase de rebeldia, e assim não a perturbavam.

A fase de rebeldia de Zazá consistia num apego crescente à heroína, e numa situação cada vez mais envolvida em sexo-pordinheiro.

— Ela tem de fazer isso para financiar seu vício, disse o Baixinho. Tem uma lista de clientes certos, a maioria deles homens de negócio da Avenida Madison, que tem famílias legítimas em Westchester.

Depois disso, o Baixinho falou em tom de voz mais baixo ainda:

— Mas o que me preocupa agora é que ela está andando com umas garotas esquisitas. Está se tornando lésbica. É assim que ela se diverte.

Não tive coragem de perguntar ao Baixinho onde ele se encaixava nesse quadro. Ele era realmente baixinho e mulato. Zazá era alta e loira. Não fiz nenhuma pergunta. Baixinho já estava ficando impaciente.

Nunca mais fui o mesmo, depois da cena que presenciei nos minutos seguintes. A preparação levara algum tempo e agora todos, inclusive o Baixinho, estavam se empurrando, cada um querendo ser o primeiro. O mais doente tinha direito ao primeiro lugar, e de repente o Baixinho teve um acesso e começou a tremer, teve ânsias e gemia.

Suponho que fez isso para ser o primeiro. Com olhares famintos, os quatro jovens observavam, enquanto um dos rapazes tirou um pouco de heroína do saquinho de celofane e colocou-o na tampinha. Não se desperdiçava nem um grãozinho.

— Ande depressa, diziam todos, junto ao seu ouvido. Com as mãos trêmulas, o rapaz acendeu dois fósforos debaixo da tampinha de cerveja e ferveu o conteúdo. O outro rapaz tirou o cinto e amarrou-o no braço do Baixinho. Os outros já estavam ficando agitados.

Rangiam os dentes, e cerravam os punhos para não arrancarem a seringa das

mãos do Baixinho. Lágrimas escorriam-lhes pelas faces, enquanto praguejavam em voz baixa e mordiam os lábios. Depois, um a um, experimentaram a picadinha final que lhes parecia tão emocionante — agulha contra veia distendida.

Nunca me senti tão perto do inferno. Então eles entraram numa espécie de euforia. Por muito tempo fiquei ouvindo sua conversa tola e sem sentido. O Baixinho contou-me de um sonho no qual via a montanha branca de H, muitas seringas prontas, e um fogo eterno onde poderia ferver a mistura. Para ele isso parecia o céu, um lugar onde ele poderia injetar montanhas de heroína nas veias.

— Como é pregador? Você vai fazer a Zazá largar o negócio?

Perguntou o Baixinho, lembrando-se, de repente, do motivo de minha presença ali.

Eu respondi que certamente tentaria, e procurei conversar com ela ali mesmo.

Zazá olhou-me com olhos vidrados, e mandou que eu fosse para o inferno. Eu nada poderia oferecer-lhe, que ela não tivesse naquele momento, dizia. Estava no céu, e eu nem sabia direito como era o céu. Ela sabia muito bem controlar a sua vida sem o auxílio de nenhum pregador biruta.

Depois de tomar a sua dose, Baixinho também se arrependeu de ter me chamado. Quando eu lhe disse que não tinha nenhuma cura mágica, apenas oferecia toda a ajuda possível quando ele passasse pela experiência de se curar da droga, olhou-me e, coçando a cabeça, disse:

— Bem, então por que você veio aqui?

Falhei.

Falhei, como falhei com Maria. Deixei o apartamento. Quando voltei para tentar ajudá-los, Zazá e Baixinho haviam desaparecido. Também os seus pertences não estavam lá. Haviam sumido. Ninguém sabia onde estavam. Aliás, ninguém se importava muito com eles.

20

O enorme poder que as drogas têm sobre o corpo humano não se explica apenas em termos físicos. Meu avô dizia que o diabo se apodera desses jovens, e eu acho que ele estava certo. Os próprios rapazes dizem o mesmo, só que de maneira diferente.

“David”, disseram-me vários deles, “há dois hábitos que precisam ser quebrados, se você é viciado. O hábito do corpo e o da mente. O do corpo não é problema assim tão grande; você apenas passa pelo inferno durante três dias, agüenta sofrimento um pouco menor durante um mês, depois está livre.

“Mas o hábito mental, David … isto é que é terrível! Há qualquer coisa dentro da gente que obriga a voltar. Parece uma voz de fantasma, falando com a gente. Temos nomes para esse camarada: ou é um macaco nas costas, ou um abutre nas veias. Não conseguimos nos livrar dele, David. Mas você é pregador. Quem sabe esse Espírito Santo, de quem você tanto fala, quem sabe ele pode ajudar?”

Não sei por que demorei tanto a reconhecer que essa era a direção que deveríamos seguir. Essa idéia foi como uma evolução; começando com um fracasso, e terminando com uma descoberta maravilhosa.

O fracasso foi um rapaz chamado José. Nunca me esqueci dos quatro dias traumáticos que passei ao seu lado, tentando ajudá-lo durante as dores que sentia, quando tentava se livrar do vício da heroína.

José era um rapaz simpático. Alto, loiro, já havia sido bom atleta, e não se viciara da maneira habitual.

— Suponho que os remédios que me deram contra dor foram necessários, disse José no escritório do Centro. Sei que quando precisava deles ficava contente com o alívio que traziam. Mas veja o que aconteceu depois. Nunca consegui me livrar.

José contou-me a sua história. Trabalhava para uma companhia de carvão. Certo dia caiu numa das máquinas, o que o levou ao hospital por vários meses, durante os quais sentia muita dor. Para aliviar um pouco a sua agonia, o médico receitou um narcótico. Antes de deixar o hospital, José estava viciado.

— Não podia comprar a droga, continuou ele, mas descobri que havia um xarope que continha também um narcótico. Então eu andava por toda a cidade para comprá-lo. Era preciso ir a diversas farmácias e usar também nome diferente, mas nunca tive dificuldade, e conseguia quanto queria. Comprava-o, entrava no primeiro banheiro que encontrava, e bebia o vidro todo de uma vez.

Depois de algum tempo, contudo, isso não satisfazia mais a necessidade crescente que José sentia de drogas. Ficou sabendo que alguns dos seus colegas de escola estavam usando heroína, e entrou em contato com eles. Dali para frente seguiu o mesmo caminho dos outros. Primeiro fumo, depois injeções no músculo e, finalmente, injeções na própria veia. Quando José veio à nossa procura, já tomava heroína havia oito meses, e estava profundamente viciado.

— Você pode ficar aqui no Centro uns três ou quatro dias?

Perguntei.

— Ninguém mais me quer.

— Você pode ficar lá em cima com os obreiros. José concordou.

— Não será fácil; você sabe. Será um “peru-frio”!

José sacudiu os ombros.

“Peru-frio” — o método instantâneo para deixar os alucinógenos — é o sistema empregado nas cadeias para fazer um rapaz deixar as drogas. Nós o usávamos porque não tínhamos escolha; não poderíamos aplicar as drogas usadas nos hospitais. Preferimos esse método, também, pelos seus próprios méritos. Nos hospitais, com seu sistema mais suave, levam três semanas; com esse, apenas três dias. A dor é mais intensa, mas também passa mais rapidamente.

Assim trouxemos José ao Centro, e arranjamos um quarto para ele junto com os obreiros. Fiquei contente por termos uma enfermeira formada morando

na casa. O quarto de Bárbara Culver ficava bem embaixo do de José. Desse modo ela ficou de sobreaviso durante todo o tempo em que ele esteve conosco. Também um médico ficou de prontidão, caso José viesse a precisar dele.

Logo que ele se acomodou, eu lhe disse:

— José, deste momento em diante você abandonou a droga. Posso prometer-lhe que não ficará sozinho um minuto sequer. Quando não estivermos com você pessoalmente, estaremos orando por você.

Não iríamos privar o rapaz das drogas e deixá-lo sofrer sozinho. Durante quatro dias haveria uma intensa campanha de oração por ele. Dia e noite intercederíamos a seu favor, enquanto outros estariam ao seu lado lendo porções das Escrituras.

Uma das primeiras coisas que tivemos de fazer com José foi acalmar sua expectativa de dor. O processo em si mesmo já era horrível, sem o sofrimento adicional de se esperar passar pelo inferno. Perguntei-lhe de onde tirara a idéia de que seria muito difícil.

— Bem … sabe … todos dizem …

— Isso mesmo. Todos dizem que é duro; então você fica aí suando só de pensar no que o espera. Quem sabe não será tão difícil assim?

Contei-lhe então o caso de um rapaz que conheci que usara maconha e heroína e parou de uma vez, sem nenhum dos sintomas costumeiros. Confessei que era um caso raro, e que de fato ele deveria estar preparado para enfrentar o pior, mas não havia razão de torná-lo pior ainda. Trabalhamos muito para ajudá-lo a separar os sintomas reais, dos sintomas psicológicos que vêm da preocupação.

Depois, ensinamos o Salmo 31 a José. É realmente um Salmo maravilhoso, ao qual demos o nome de Cântico do Viciado. Há certos versículos, em particular, feitos para condições como a dele.

“Tirar-me-ás do laço que, às ocultas, me armaram, pois tu és a minha fortaleza. Compadece-te de mim, Senhor, porque me sinto atribulado; de tristeza os meus olhos se consomem, e a minha alma e o meu corpo. Gasta-se a minha

vida na tristeza, e os meus anos, em gemidos; debilita-se a minha força, por causa da minha iniqüidade, e os meus ossos se consomem. Tornei-me opróbrio para todos os meus adversários, espanto para os meus vizinhos e horror para os meus conhecidos; os que me vêem na rua fogem de mim. Estou esquecido no coração deles, como morto; sou como vaso quebrado.” (Vv. 4,9-12).

Logo que as dores da privação se manifestaram, José ficou no seu quartinho, banhado em suor. Bárbara mantinha-se a par de sua condição. Como era horrível entrar naquele quartinho! José deitado na cama segurava o estômago, enquanto as dores o atacavam uma após a outra.

Seu corpo estava vermelho, e o suor corria, deixando a cama ensopada. Gritava de dor e batia na cabeça. Pedia água, depois vomitava. Suplicava para que eu o ajudasse, e a única coisa que eu podia fazer era segurar sua mão e garantir-lhe o nosso interesse.

À noite, colocamos, perto da cama do José, um gravador que repetia textos bíblicos. Eu fiquei no Centro durante aqueles dias. Várias vezes no silêncio da noite, ia até a capela para ter a certeza de que sempre havia alguém lá, depois subia ao quartinho de José.

O gravador repetia, suavemente, porções bíblicas para o rapaz, que se debatia na cama, num sono agitado. Durante aqueles três dias e noites, nem por um minuto o tormento cessou. Era terrível observálo.

No quarto dia, José parecia estar melhor. Andou pelo Centro, sorrindo francamente, e dizendo que o pior já deveria ter passado. Todos nos regozijamos com ele. Quando José disse que queria voltar para casa para ver seus pais, eu tive dúvidas, mas nada poderíamos fazer para detê-lo, se ele queria partir.

Assim, sorrindo e agradecendo-nos, José saiu pela porta da frente, e desceu pela Avenida Clinton.

Chegou a hora em que ele deveria voltar, mas nada do José. Soubemos, no dia seguinte, que ele havia sido preso por roubo e posse de narcóticos.

Essa foi a nossa falha.

— O que fizemos de errado? perguntei aos obreiros, numa reunião. O rapaz

venceu o pior. Foi até o fim dos três piores dias que teria de passar. Só tinha a ganhar com tudo isso, no entanto jogou tudo fora.

— Por que não conversa com os rapazes que tiveram êxito em deixar a droga? Quem sabe eles terão uma resposta, disse Howard Culver.

Havia vários. Chamei-os um a um para ouvir sua história de libertação. Todos falaram de uma experiência comum.

Falei com Nicky, que usara bolinhas e fumara maconha. Perguntei-lhe quando sentiu que tinha alcançado o domínio sobre a vida antiga. Algo maravilhoso acontecera quando se convertera, disse ele. Naquele dia deparara com o amor de Deus. No entanto foi mais tarde que teve completa vitória.

— E quando foi isso, Nicky?

— Quando fui batizado com o Espírito Santo.

Chamei David, e lhe fiz a mesma pergunta. Quando sentira que dominara a si mesmo?

— Ah! isso é fácil de responder, disse-me ele. Foi quando recebi o batismo com o Espírito Santo.

Vezes seguidas ouvi a mesma resposta. Não posso descrever como fiquei animado. Parecia estar surgindo um padrão. Senti que estava no limiar de algo maravilhoso.

21

O QUE É O BATISMO DO ESPÍRITO SANTO?

Logo depois que começamos a nos interessar pela atuação do Espírito Santo em ajudar um rapaz a livrar-se do vício de narcóticos, recebemos a visita de um padre jesuíta. Ele também queria saber mais sobre o batismo. Ouviu nossos jovens pregando num culto ao ar livre e ficou tão impressionado, que quis saber qual era o segredo.

Passamos uma tarde com o Padre Gary, no Centro, discutindo com ele o profundo significado do batismo. A primeira coisa que fizemos foi mostrar-lhe referências a essa experiência na Bíblia católica.

"O batismo do Espírito Santo não é uma experiência denominacional", disse eu. "Temos membros das igrejas episcopais, luteranas, batistas e metodistas trabalhando conosco, e todos eles foram cheios do Espírito Santo."

Esse batismo, em sua essência, dissemos ao Padre Gary, é uma experiência religiosa que dá poder. "Recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo", disse Jesus ao apresentar-se aos discípulos, depois da sua morte.

No meu escritório, o Padre Gary e eu estudamos a Bíblia.

A primeira referência a essa experiência especial vem logo no começo da história do evangelho. Os judeus queriam saber se João Batista era o Messias. Mas João respondeu: "Após mim vem aquele que é mais poderoso do que eu, do qual não sou digno de, curvando-me, desatar-lhe as correias das sandálias". Depois continuou, fazendo esta importante profecia: "Eu vos tenho batizado com água; ele, porém, vos batizará com o Espírito Santo" (Mc 1.7,8).

Desde o começo do cristianismo, portanto, esse batismo do Espírito Santo tem tido um significado especial, porque marca a diferença entre o trabalho de um homem, embora fosse audacioso e bem-sucedido, e a missão de Cristo — Jesus batizaria seus seguidores com o Espírito Santo. Em suas últimas horas na

Terra, Jesus passou muito tempo falando com seus discípulos sobre o Espírito Santo que viria depois da sua morte, e estaria ao lado deles, para confortá-los, guiá-los e dar-lhes aquele poder que permitiria levarem a missão de Cristo à frente.

Depois de sua crucificação, também, ele apareceu-lhes e disse que não deixassem Jerusalém: “Determinou-lhes que não se ausentassem de Jerusalém, mas que esperassem a promessa do Pai, a qual, disse ele, de mim ouvistes. Porque João, na verdade, batizou com água, mas vós sereis batizados com o Espírito Santo, não muito depois destes dias.” (At 1.4-8).

Passamos então para o segundo capítulo de Atos, e eu disse ao padre Gary:

“Foi logo depois disso que os discípulos se reuniram em Jerusalém para a comemoração do Pentecostes. Ao cumprir-se o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar; de repente, veio do céu um som, como de um vento impetuoso, e encheu toda a casa onde estavam assentados. E apareceram, distribuídas entre eles, línguas, como de fogo, e pousou uma sobre cada um deles. Todos ficaram cheios do Espírito Santo e passaram a falar em outras línguas, segundo o Espírito lhes concedia que falassem.” (At 2.1-4).

Essa experiência durante o Pentecostes deu a nós, pentecostais, o nosso nome. Damos muita importância ao batismo no Espírito Santo, como foi predito por João, prometido pelo Pai e experimentado durante o Pentecostes.

Tenho a certeza de que você já notou a grande mudança que se efetuou nos apóstolos depois dessa experiência. Antes, haviam sido homens tímidos e sem poder. Depois, receberam realmente o poder sobre o qual Cristo falara. Curaram doentes, expeliram demônios, ressuscitaram mortos. Os mesmos homens que fugiram e se esconderam durante a crucificação, saíram, depois dessa experiência, para enfrentar o mundo hostil com sua mensagem.”

Depois, falei ao Padre Gary acerca do grande avivamento que varreu os Estados Unidos, Canadá, Inglaterra e América do Sul, no começo do século XX. Como centro desse avivamento estava a mensagem de que o poder dado à igreja durante o Pentecostes, em grande parte, se havia tornado impotente, mas poderia

voltar a atuar, mediante o batismo do Espírito Santo.

"O livro de Atos nos conta de cinco ocasiões em que diversas pessoas receberam essa experiência, e os pentecostais notaram que em quatro desses cinco casos, as pessoas batizadas, pelo Espírito Santo começaram a "falar em línguas".

O Padre Gary quis saber o que era falar em línguas.

"É como falar em outra língua. Uma língua que a gente não entende".

Apontei então, um a um, os casos na Bíblia em que essa experiência vinha em seguida ao batismo do Espírito Santo.

— Os discípulos falaram em outras línguas no Pentecostes; Saulo ficou dominado pelo Espírito Santo, depois de sua conversão na estrada de Damasco, e conseqüentemente falou em línguas, dizendo mais tarde: "Dou graças a Deus, porque falo em outras línguas mais do que todos vós" (1 Co 14.18).

Os membros da família de Cornélio foram batizados, com o Espírito Santo e começaram a falar em línguas; os novos cristãos em Éfeso foram batizados da mesma forma, e também falaram em línguas. Mesmo na história do quinto batismo em Samaria, Simão, o mágico, viu algo tão extraordinário acontecer que quis obter esse poder para si, oferecendo dinheiro para que "Aquele sobre quem eu impuser as mãos, receba o Espírito Santo" (At 8.19).

Não lhe parece lógico, então, que a experiência presenciada pelo mágico seria o falar em línguas?

— Seria de se esperar, se foi isso que aconteceu em todos os outros batismos. E você, quando teve essa experiência?

— É tradicional em nossa família, por três gerações.

Conversamos um pouco, então, sobre o meu avô, a quem eu tanto admirava pela sua personalidade impetuosa. Ele ouviu essa mensagem pela primeira vez, em 1925, mas combateu-a por algum tempo em toda a ocasião possível.

— Certo dia, contei então ao padre, enquanto estava no púlpito pregando contra os pentecostais, ele mesmo começou a tremer, que é uma das coisas que freqüentemente acontecem quando as pessoas recebem esse poder. É algo que se

sente como um choque, com a diferença que não é uma sensação desagradável. De qualquer maneira, ninguém ficou mais surpreso do que o meu avô mesmo, quando isso aconteceu com ele. Naquela hora, ele recebeu o batismo e começou a falar em línguas. Daquele dia em diante, ele pregou o Pentecostes onde e sempre que podia, porque viu pessoalmente o poder que dessa experiência advinha. Meu pai recebeu-o quando tinha vinte e cinco anos, e eu o recebi com apenas treze; essas três gerações pregam essa mensagem hoje.

O Padre Gary quis saber como era essa experiência.

— Por que não pergunta aos rapazes? sugeri.

Nós o convidamos para almoçar conosco, e enquanto comíamos frango e salada, o Padre Gary ouviu de vários jovens o que haviam sentido quando foram batizados com o Espírito Santo.

A primeira foi uma menina de doze anos, chamada Neda. Nós a achamos em Coney Island, andando como se estivesse perdida. Linda Meisner ficou sabendo que sexo e álcool eram os motivos de sua revolta contra a família.

— Eu costumava beber muito, disse ela, também saía com qualquer rapaz que me olhasse “daquela maneira”. Odiava meus pais, principalmente minha mãe. Linda me trouxe aqui para o Centro, e eu ficava lá na capela ouvindo os outros jovens contarem como Jesus os tinha ajudado quando eram tentados. Quando eu tinha algum problema, por exemplo, quando saía com algum rapaz, eu me desesperava e ficava desanimada. Mas esses viciados em drogas também tinham problemas, e piores do que os meus. Eles dizem: “Ainda somos tentados, mas quando somos, corremos para a capela e oramos”.

— Chegando lá, se ajoelhavam e, finda a oração, levantavam-se e a tentação havia desaparecido. Por isso eu comecei a querer a mesma coisa. Fui à capela um dia, sozinha, para orar. Comecei contando a Deus todos os meus problemas e pedi-lhe que tomasse conta da minha vida, como havia feito com esses viciados. Como um relâmpago, Jesus tomou conta do meu coração. Alguma coisa controlou a minha língua. Senti como se estivesse sentada à margem de um rio que, de alguma forma, passava por dentro de mim e saía borbulhando da minha

boca numa linguagem musical. Foi depois disso que um dos obreiros me mostrou no livro de Atos, o que significava tudo aquilo. Foi a coisa mais extraordinária que já aconteceu na minha vida.

O Padre Gary ficou ali ouvindo, acenando com a cabeça e, às vezes, dizendo “Sim, sim”, em reconhecimento ao que ela estava dizendo.

O rapaz seguinte, em especial, conseguiu essa reação do Padre Gary.

— Em primeiro lugar, disse ele, eu sei que isso é real. Sabe por quê? Porque depois, Jesus Cristo parecia sair da Bíblia Tornou-se uma pessoa real e presente, que queria ficar ao meu lado em todos os meus problemas.

— Sim, é maravilhoso! disse o Padre Gary.

Um rapaz chamado José contou:

— Ele me ajudou a largar as drogas: eu usava bolinhas e fumava maconha, e já começava a tomar heroína no músculo Eu já tinha o vício mental e precisava, mesmo, fazer isso. Quando ouvi falar de Jesus, fiquei até chocado em saber que ele amava as pessoas, apesar dos seus pecados. Fiquei emocionado quando soube que Jesus cumpre suas promessas, entrando em nós através desse batismo do Espírito Santo; que é chamado também de o Consolador, disseram-me. Quando eu pensava em consolo, imaginava logo um frasco de vinho e algumas bolinhas. Mas esses rapazes falavam de um conforto do Céu que me faria sentir-me limpo, depois.

— Assim, comecei a desejar isso, como Neda. Na capela, disse ele, voltando a cabeça em direção à porta da capela, clamei a Deus pedindo ajuda, e foi então que ele se manifestou. Ele tomou posse de meus lábios e da minha língua, e inesperadamente, vi-me a falar uma nova linguagem. A princípio, eu pensei que estivesse louco, mas, de repente, tive a certeza de que não podia ser, porque algo mais estava acontecendo; eu não me sentia mais solitário; percebi que não tinha mais necessidade de drogas; amava todo mundo; pela primeira vez em minha vida, eu me sentia limpo.

E assim os jovens, um a um, contaram o que havia acontecido na sua própria vida. Estavam tão animados que era preciso alguém obrigá-los a falar um

de cada vez.

Quando o Padre Gary saiu, uma hora mais tarde, ainda estava dizendo: “Sim, sim!” Disse que desejava conversar sobre o assunto com alguns dos seus amigos da Universidade Fordham.

Gostaria que ele tivesse ficado mais um pouco, porque naquela mesma noite outro rapaz recebeu o batismo, e ele poderia ter visto por si mesmo.

O nome desse rapaz era Roberto. Tinha dezesseis anos; havia dois anos tomava heroína, e fumara maconha antes. Estivera na cadeia quatro vezes, uma delas por esfaquear outro rapaz numa briga de rua. O esfaqueado não morreu, mas Roberto carregava consigo um temor de que um dia mataria alguém.

Diferentemente de muitos dos rapazes que vinham ao Centro, Roberto tinha pais que o amavam e tentavam ajudá-lo. Haviam procurado em todos os lugares algo que consertasse Roberto, mas, a cada tentativa, sua caminhada para baixo apenas se acelerava.

Naquela tarde, encontrei-me com Roberto na capela. Senti, observando sua atitude irrequieta, que ele estava prestes a sair para uma picada. Ele me disse:

— David, estou com um problema, enquanto nervosamente trançava e destrançava os dedos.

Quando um viciado afirma que está com um problema, ele quer dizer que precisa arranjar droga e aplicá-la depressa. Comecei a falar a Roberto novamente sobre o batismo do Espírito Santo.

— Nicky irá falar sobre isso esta noite. Venha e deixe que o Espírito domine você também.

— Não sei, David. Preciso tomar um pouco de ar. Não estou me sentindo muito bem.

Tive de deixá-lo sair, e confesso francamente que não esperava vê-lo de volta; mas quando cheguei à noite ele já estava na capela. Percebi, pela sua atitude, que havia conseguido chegai até ali sem tomar a sua picada.

Sentei-me perto dele e observei-o atentamente, enquanto alguns dos nossos ex-membros de quadrilhas e viciados levantavam-se, e em linguagem simples

contavam das coisas maravilhosas que haviam acontecido na vida deles. Nicky então falou da necessidade que cada viciado tem de receber o Espírito Santo, se quiser alcançar a vitória.

“Se vocês querem poder na vida … se estiverem no vício, e realmente quiserem deixá-lo, então prestem bem atenção. O Espírito Santo é o remédio para vocês. Depois de o receberem, receberão também dez presentes especiais com os quais poderão contar. Vamos falar disso agora, e, se tiverem lápis e papel, poderão anotar as referências bíblicas que mostram onde achei esses dez dons.

“Primeiramente, você tem poder. Isso se acha escrito em Atos 1.8. “Recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo”.

“Em segundo lugar, você terá um Consolador — João 14:26. Um Consolador não é alguém que oferece conforto na vida, mas alguém que estará ao seu lado, para dar-lhe força.

“Terceiro, você terá proteção. Leia em Atos 16.6, como o Espírito Santo impediu que os apóstolos dessem um passo que teria sido trágico para eles. Ele o guiará da mesma forma.

“Agora uma coisa importante: Você não será mais perseguido pela mentalidade da carne, mas terá valores espirituais Leia Efésios 2.3-6.

“Você terá vida. Agora você está andando para a morte, mas com o Espírito Santo, lemos em 2 Coríntios 3.5,6, você terá nova vida.

“Você estará vivendo com o Espírito da Verdade. A agulha lhe apresenta uma promessa que nunca é cumprida. Você nunca consegue se libertar numa sessão de picadas; fica ainda em pior situação. João 16.13 diz que você terá a Verdade.

“O acesso ao Pai será seu. Leia Efésios 2.18.

“E os três finais: Você terá esperança. Quantos têm esperança agora? Poucos, não é? Mas você terá esperança, diz Romanos 15.13.

“E o ponto culminante disso tudo se acha em 2 Coríntios 3.17. Vocês, vocês, rapazes, poderão ter liberdade!

“E como acontece isso? Através de uma experiência dramática, repentina e dominante. Leiam sozinhos Atos 10.44.”

Nicky então fez uma pausa. Abaixou bem o tom de voz:

“É isso que está à sua espera nessa nova vida. Mas esta noite, penso que nós não queremos *ler* a respeito dessa experiência, nem falar a respeito dela, mas experimentá-la! Se você quiser essa mudança e esse poder na sua vida, juntamente com esperança e liberdade, levante-se e venha à frente. Vou pôr a mão na sua cabeça como Paulo fazia, e vai acontecer com você a mesma coisa que aconteceu com os cristãos daquela época. Você vai receber o Espírito Santo!”

Roberto deu-me uma olhada e levantou-se depressa. Meu coração levantou-se com ele.

— Desejo tudo o que Deus tem para mim, disse ele. Quero resolver o meu problema de uma vez, e nunca mais voltar atrás.

Roberto correu para a frente da capela. Pegou as mãos de Nicky, pondo-as na sua própria cabeça. Quase que imediatamente aconteceu a esse rapaz a mesma coisa que havia acontecido ao meu avô; começou a tremer como se correntes elétricas passassem por ele. Ajoelhou-se, e os outros rapazes ao seu redor começaram a orar.

Foi tudo como se estivéssemos revivendo uma cena do livro dos Atos. Em menos de dois minutos, uma nova língua estava saindo dos lábios de Roberto. Jorrou como fonte borbulhante, numa terra seca. Naturalmente todos se regozijavam. Todos os outros viciados se agruparam ao lado de Nicky e Roberto dizendo:

— Ele vai vencer.

Nicky repetia vez após vez:

— Obrigado, Senhor. Obrigado por ajudar esses rapazes. Logo outros começaram a falar junto com ele.

— Obrigado, Senhor. Obrigado por ajudar esses rapazes.

— Obrigado. Obrigado. Obrigado, Senhor.

22

Não chegamos à conclusão de que o batismo do Espírito Santo sempre liberta um rapaz. Pelo contrário, às vezes, acontecia o oposto — prendia-o. Esse tem sido simultaneamente um dos resultados mais animadores e mais desanimadores do nosso trabalho. A princípio, estávamos esperançosos, pensando que o batismo livraria os rapazes do domínio das drogas, sempre e definitivamente.

Tínhamos boas razões para essa esperança. Tão logo passamos a suspeitar de que havia uma relação entre o batismo e a capacidade de um rapaz de conseguir largar o vício, começamos a fazer um esforço todo especial, no sentido de levar os jovens à experiência.

De início, experimentamos, um tanto cautelosamente, num fumante de maconha. Luis era um dos rapazes que usava essa erva que vicia a mente, e não o corpo. Recebeu o batismo do Espírito Santo, e viu-se livre, completamente.

Animados, passamos para uma experiência mais difícil. O que aconteceria com um rapaz como Roberto, o qual havia sido viciado em heroína, que vicia não apenas a mente mas também o corpo? O que aconteceria com Roberto? Começamos a vigiá-lo, procurando sinais de ter voltado às drogas, mas todos os dias ele voltava ao Centro, com os olhos brilhando e o ânimo fortalecido.

“Acho que venci, David. Tenho uma ferramenta que posso usar — venho aqui com os outros rapazes para orar.”

Vezes seguidas, vimos os mesmos resultados. Haroldo veio sob recomendação da polícia; estivera profundamente viciado durante três anos, mas depois do batismo disse que a tentação desaparecera. Joãozinho usara heroína por quatro anos, e conseguiu deixá-la depois do batismo. Lico usara a agulha dois anos, e depois do batismo não só se livrou da droga, mas resolveu ingressar no ministério.

Vicente usara heroína por dois anos até o seu batismo, quando a deixou completamente. Rubens fora viciado por quatro anos; depois do batismo, recebeu forças para deixar o vício. Eduardo começara a usar heroína quando tinha doze anos; quinze anos mais tarde ainda usava a droga. Estava quase morto devido aos efeitos causados pelo seu uso constante. O batismo do Espírito Santo libertou-o do vício.

Fiquei tão animado que fui falar com autoridades médicas, para saber sob que base poderíamos fazer algumas afirmações ousadas.

— Nenhuma, disseram. Em Lexington não se considera um viciado curado, até que se passem cinco anos. Há quanto tempo os seus rapazes estão livres?

— Não muito.

— Alguns dias?

— Não, questão de meses. Em alguns casos, mais de um ano.

— Bem, isso já é animador. Conte-me mais sobre esse batismo de que você fala.

No final da nossa conversa, avisaram-me novamente que é quase impossível ajudar um viciado, e que eu deveria esperar algumas decepções. E me disseram:

— O pior é que, quando um rapaz volta, atola-se no vício muito mais do que antes. Se ele tomava injeções duas vezes por dia, começa a usar três. Se tomava três, passa para cinco. A degeneração é muito mais rápida depois de uma queda.

Foi aí que um dos rapazes caiu, mesmo depois do batismo do Espírito Santo. Não conseguira aprender que *viver* no Espírito é tão importante quanto *receber* o Espírito.

Rafael fumara maconha por dois anos, e usara heroína durante três. Estava bem viciado. Já tentara centenas de vezes libertar-se do vício. Tentara deixar a quadrilha onde seus colegas o ajudavam a injetar o líquido nas veias.

Falhou todas as vezes. Só havia uma saída: Rafael pensou em tirar a própria vida, antes que tirasse a vida de alguém numa noite escura, quando estivesse louco por uma picada. Certa noite, dois anos atrás, Rafael subiu num telhado. Ficou na beiradinha, pronto para pular na rua. Estava apenas esperando até que o

local ficasse livre.

Naquele momento, ouviu vozes cantando. O som vinha de uma das nossas igrejas “quadrilheiras”, que se reunia numa casa bem em frente ao prédio onde Rafael estava. Parou para ouvir. “Rude cruz se erigiu …”

Rafael desceu do telhado. Ouviu o resto do hino e depois, vindo pelas escadas, atravessou a rua. Uma placa do lado de fora trazia um convite para entrar e ouvir a história de como Deus estava agindo nas ruas do Brooklyn, ajudando rapazes viciados e presos a quadrilhas.

Entrou e nunca mais foi o mesmo. Entregou sua vida a Cristo, e mais tarde recebeu o batismo do Espírito. Sentíamos muito orgulho de Rafael, e ainda sentimos. Deixou a agulha por mais de um ano. Mudouse de Nova Iorque e foi para a Califórnia, onde conseguiu se manter livre.

Depois voltou para fazer-nos uma visita. Por alguns dias tudo correu bem, mas comecei a notar um certo desânimo apoderar-se dele todas as vezes que voltava ao lugar onde havia residido. Soube que seus velhos amigos o estavam tentando para tomar uma picada outra vez. Rafael estava sendo tentado.

Procuramos ficar em contato constante com ele, mas ele se esquivava. Então, Rafael caiu. Conseguiu a droga, foi para o quarto e enfiou a agulha nas veias.

Cinco vezes antes de receber o batismo do Espírito Santo, ele havia tentado deixar as drogas. A cada vez ficava tão desgostoso consigo mesmo que, depois da queda, começava a tomar mais do que anteriormente. Agora, depois de um ano, estava novamente usando a droga.

Mas, dessa vez, aconteceu uma coisa estranha. A aplicação não teve o efeito costumeiro. No dia seguinte, Rafael entrou no Centro sorrateiramente e quis falar comigo. Quando entrou no meu escritório, fechou a porta, e eu percebi o que ele estivera fazendo. Depois de achar coragem para contar o que havia feito, disse:

“Está acontecendo uma coisa estranha. Depois de aplicar a injeção, foi como se não tivesse tomado nada. Não é nada do que eu sentia antes; senti alguma

coisa tão diferente, que nem sei explicar. Subitamente tive vontade de correr à igreja mais próxima e orar. E foi isso que eu fiz, David. Mas, dessa vez, não senti nojo de mim mesmo — fui perdoado. Em vez de ir de mal a pior, a tentação desapareceu.” Os olhos de Rafael brilhavam enquanto dizia:

“Você sabe o que penso? Acho que estou preso, de verdade. Não pela heroína. Acho que estou preso pelo Espírito Santo. Ele está dentro de mim, e não vai me deixar fugir.”

Rafael voltou para nós humilhado, perfeitamente cônscio de que o Espírito Santo o tornara propriedade especial de Cristo. Não conseguia fugir dele, mesmo tentando fazê-lo.

O mesmo aconteceu com Beto, que era viciado havia quinze anos. Ele caiu também por um certo tempo, mas descobriu ser impossível voltar à agulha.

Também Sílvio que, depois de cair uma vez, voltou com tanto ânimo e convicção a ponto de agora querer ingressar no seminário.

***

A que conclusão chegamos?

Certamente não podemos afirmar ter uma cura mágica para o vício de entorpecentes. O diabo que se esconde naquela agulha é tão poderoso que uma afirmação dessas seria tolice. O que podemos dizer, talvez, é que achamos um poder que pode dominar um rapaz mais fortemente do que o narcótico. Esse poder é o próprio Espírito Santo que, ao contrário dos narcóticos, faz algo de estranho para os rapazes — prende, para libertar.

Ainda estamos no início do que consideramos uma experiência ousada. Temos muito a aprender sobre o que essa experiência religiosa pode e não pode fazer nas vidas infelizes. Todos os dias descobrimos coisas novas. Diariamente aprendemos como ter mais êxito em nosso trabalho, e como aumentar a porcentagem de curas permanentes.

Uma das promessas de Cristo é que o seu Espírito nos guiaria a toda a verdade. É nessa promessa que nos baseamos, sabendo que um dia ele nos levará

a descobrir princípios que poderão ser usados não apenas por nós aqui na Avenida Clinton, mas em todo o país, onde quer que a solidão e o desespero tenham levado rapazes e moças a procurar escapar de seus problemas com uma seringa, uma agulha suja e um fogareiro de tampinha de cerveja.

***

Certo dia, eu e Linda estávamos no meu escritório conversando sobre esse assunto, imaginando onde poderíamos chegar com tudo isso. Mas senti que nenhum de nós quis mencionar o nome de uma certa pessoa — Maria.

“Será que Maria poderia receber o batismo?” perguntei subitamente.

Vi nos olhos de Linda a afirmação de que ela estivera pensando a mesma coisa. Concordamos que o problema de Maria era sobremaneira difícil, sendo já viciada há muitos anos.

Depois de sua última visita, eu e Linda achamos que ela estava se deteriorando fisicamente e que não teria muito tempo de vida, Não conseguia me esquecer dela, e quantas vezes, até dormindo, eu via aquelas olheiras escuras e profundas, as mãos fechadas, e os lábios trementes.

Resolvemos orar para que se desse um milagre na vida de Maria. Nós dois alimentávamos o sonho de levá-la ao batismo aqui no Centro, mas não aconteceu assim.

Certo dia, no fim do verão, recebemos um telefonema. Era de Maria. Estava na igreja do Reverendo Ortez.

— Reverendo Wilkerson! ela quase gritou no fone. Tenho uma boa notícia para lhe dar! Ontem à noite, aqui, eu recebi o Espírito Santo!

Suas palavras eram incoerentes pela emoção em que se achava, por isso pedi que ela chamasse o Reverendo Ortez ao aparelho.

Enquanto ele descrevia o acontecimento, eu podia quase ver a cena — Maria entrando no que antigamente fora uma casa particular, espremida entre apartamentos onde se realizavam muitas festas barulhentas; Maria passando por

entre outros homens e mulheres de origem latina, até achar uma cadeira desocupada e dirigindo-se ao altar. Podia até ouvir sua voz, rouca como na última vez em que nos visitou — agora implorando ao Senhor que enviasse o seu Espírito para habitar nela. Podia vê-la cair de joelhos e sentir no coração grande esperança, enquanto mãos carinhosas pousavam na sua cabeça. Depois a língua suave, macia e melodiosa que ela não entendia, saindo dos próprios lábios, como selo e sinal de que a oração fora respondida.

O Reverendo Ortez estava jubilante.

— Esperamos muito tempo por isso, não? disse ele.

— Nem diga. É mais uma vitória.

Intimamente, porém, eu me sentia apreensivo. Sabia que Maria tinha uma grande fraqueza. Quando ficava zangada, voltava à droga. E o padrão seguido por muitos viciados, e eu havia visto acontecer com ela muitas vezes, vezes demais. Senti que se uma vez apenas Maria pudesse vencer esse problema da ira, estaria bem. Não demorou para que Maria fosse provada.

Certa noite, Maria desceu do ônibus numa rua aparentemente deserta em Manhattan, perto do seu antigo domínio. Ao dar uns passos, três moças puseram-se à sua frente, saindo das sombras.

— Olá, Maria.

Maria olhou bem e reconheceu as meninas — membros de sua antiga quadrilha. Cumprimentou-as calorosamente. Nas sombras, atrás delas, podia distinguir o vulto de um rapaz. Uma das meninas disse:

— Ei, Maria, ouvimos dizer que você não está mais usando H. Ouvimos também que você virou crente.

— Certo, respondeu Maria.

— Que beleza! Que coisa boa! Então se você não está gastando todo o seu dinheiro com dinamite, deve estar podre de rica. Será que você emprestaria um dinheirinho para as velhas amigas?

Maria sabia muito bem o que fariam com o dinheiro. Quantas vezes estivera num quarto escuro com estas mesmas moças, amarrando um cinto no braço e

enfiando nas veias a agulha de uma seringa cheia de heroína.

— Sinto muito, disse ela. Para a finalidade que vocês querem, não.

Maria nem viu quando foi atacada. Um soco na barriga fez com que se dobrasse de dor. Seu primeiro instinto foi devolver a pancada, e Maria era bem conhecida na redondeza por sua valentia e força numa briga. Mas ela ficou em pé, com as mãos na cintura, e não se mexeu. Como naquele primeiro dia em que passara pelo teste para a presidência da gangue, ela aceitou o castigo sem murmurar.

Mas que diferença heróica entre as duas ocasiões! Dessa vez, Maria estava orando!

Continuou orando enquanto lhe enfiavam uma faca nas costelas. Continuou a orar enquanto as três se abaixaram sobre o seu corpo caído, arrancaram-lhe a bolsa das mãos e saíram rindo.

Depois de algum tempo, Maria levantou-se, devagar, na rua deserta. Conseguiu chegar em casa, onde João ajudou-a a tirar a roupa manchada de sangue. Juntos examinaram a ferida. A faca furara-lhe a carne perto das costelas.

O ferimento não era muito profundo, e João achou que não era sério. Ficou preocupado, porém, sobre quais seriam as emoções de Maria diante do acidente. O que aconteceria agora? Quantas vezes já presenciara sua mulher conseguir caminhar uma certa distância no caminho da recuperação, e de repente cair e voltar atrás, quando alguma coisa a irritava.

Mas, naquela noite, depois de medicar os ferimentos, Maria dormiu em paz como uma criança.

Fiquei muitíssimo impressionado com essa história. Depois da surra, Maria foi visitar-nos no Centro, onde entrou com os sinais das contusões ainda bem roxos.

— Reverendo, deram-me uma boa, mas eu fiquei orando, e no fim deu tudo certo. O Espírito Santo estava comigo.

Olhei para Linda, que estava tão surpresa quanto eu, pela transformação.

— É só disso que precisamos saber, disse eu em voz alta.

A última ocasião em que a vi, ela e sua família estavam de partida para Porto Rico. João parecia orgulhoso, ao seu lado. Os três filhinhos de Maria se agarravam acanhados à sua saia limpa e engomada; apegavam-se a uma pessoa em quem já podiam confiar. O cabelo dela estava artisticamente penteado, o laquê brilhando à luz do sol. Usava sapatos novos, e suas pernas (talvez um ministro não devesse fazer observações como essa) estavam bem depiladas. Além disso (uma observação mais apropriada), suas mãos se mostravam repousadas e graciosas.

Maria contou-nos que ela e sua família iriam para Porto Rico, com a finalidade especial de freqüentar uma escola que preparará o casal para trabalhar de tempo integral na igreja. Depois de findo o estudo, voltará a Nova Iorque, e esperamos que trabalhe conosco aqui no Centro.

Enquanto estava ali, olhando para a família que partia, repeti seguidas vezes as palavras de Jesus: “E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” (Jo 8.32).

23

Para a maioria dos moradores do Brooklyn, aquela manhã de 28 de agosto de 1961 era apenas mais uma límpida e quente manhã de verão. Mas para nós, no Centro Desafio Jovem, o dia parecia escuro.

Ao meio-dia deveríamos entregar aos ex-proprietários o cheque da prestação seguinte. Precisávamos de 15.000 dólares.

— Quanto dinheiro temos no banco? perguntei a Paul DiLena.

— Nem quero dizer.

— Quanto?

— Quatorze dólares.

Contara tanto com outro milagre! De alguma forma, eu sentia no coração a confiança de que não iríamos perder o Centro; mas eis que chegávamos ao final do prazo estipulado, e não tínhamos o dinheiro.

Meio-dia chegou, e nada de milagre.

Comecei a fazer perguntas a mim mesmo sobre a minha confiança. Será que estava apenas tentando iludir a mim mesmo? Será que esperara demais da parte de Deus, sem fazer alguma coisa, mesmo?

— Escute, disse eu a Júlio Fried, nosso advogado: Não vou me apresentar a eles sem um tostão. Será que você conseguiria um prorrogamento do prazo?

Júlio passou a tarde estudando documentos e assinando papéis e, quando terminou o trabalho, disse que havia conseguido uma prorrogação.

— Concordaram em esperar até o dia 10 de setembro, David, mas se o dinheiro não estiver em suas mãos até esse prazo, tomarão as devidas providências. Você tem alguma idéia?

— Sim, respondi.

E ele ficou animado. Mas logo se desiludiu quando expliquei qual era a minha idéia.

— Vou orar a respeito, disse.

Júlio estava acostumado ao sistema de oração do Centro, mas naquele momento, acho que ele gostaria de ter tido um diretor com mais senso prático.

Naquela mesma tarde, fiz uma coisa um tanto ousada. Reuni todos os jovens — membros de quadrilhas, viciados, estudantes, obreiros — e disse-lhes que o problema estava solucionado. Houve grande regozijo.

— Penso que devemos todos ir à capela agradecer a Deus, continuei.

Assim fizemos. Entramos, fechamos as portas, e começamos a agradecer e louvar a Deus por ter salvo a casa para o seu uso. Afinal, alguém perguntou:

— David, de onde veio o dinheiro?

— Não, ainda não veio.

Vinte e cinco jovens pasmados. Vinte e cinco sorrisos forçados.

— Não chegou ainda, continuei. Mas antes do dia dez de setembro, o dinheiro estará em nossas mãos. Tenho certeza. Até a data marcada, terei um cheque de 15.000 dólares para mostrar-lhes. Mas pensei que deveríamos agradecer a Deus por antecipação.

Chegou o dia primeiro de setembro. Dia dois, três, quatro. Passei muito tempo ao telefone, procurando encontrar a solução do problema. Tudo indicava que era a vontade de Deus que continuássemos o nosso trabalho. Durante o verão, tivemos bastante êxito.

Nossos registros mostravam que 2.500 jovens de toda a cidade haviam tido um contato real com o amor — haviam entregado a vida a Cristo. Centenas de rapazes e moças haviam passado pelo Centro a caminho de novos empregos, novas ambições, novos ideais. Doze desses estavam se preparando para o ministério.

— Tudo isso começou com aquele desenho na revista *Life*, disse eu a Gwen, certa noite, quando estávamos recordando o ano que se findava.

— Não é estranho que você nunca conseguiu ver aqueles rapazes do julgamento? disse Gwen.

Era mesmo estranho. Havia telefonado, escrito e batido em muitas portas

durante quase quatro anos. Mas por razões que vão além da minha compreensão, não me foi permitido trabalhar com os rapazes cuja tragédia me trouxera a Nova Iorque. O seu destino e o de Israel (Ex-presidente dos Mau Maus) permanecia, pelo menos por enquanto, nas mãos do Estado. Talvez quando os rapazes saíssem da cadeia, eu poderia dizer-lhes da preocupação que sentia pelo futuro deles.

Havia um rapaz, entretanto, daqueles primeiros dias em Nova Iorque, com o qual ainda tinha contato — Ângelo Morales.

Certa manhã, Ângelo veio nos visitar. Juntos, recordamos aquele primeiro dia, quando nos encontramos na escada do prédio em que morava o pai de Luis Alvarez. E agora, o próprio Ângelo estava terminando o seu curso no seminário. Ele também iria trabalhar no Centro.

— Se ainda *houver* um Centro, Ângelo, disse eu, compartilhando com ele nossos problemas financeiros.

— Posso fazer alguma coisa? perguntou Ângelo.

— Sim, vá à capela com os outros, e ore. Enquanto vocês oram, nós estaremos no telefone.

Todos os membros da diretoria estavam ocupados dando telefonemas para os amigos do Centro. Recebemos auxílio, mas em quantidades pequenas que não resolveriam o problema dos 15.000 dólares.

Entre os telefonemas, um foi para o escritório de Clem Stone, em Chicago. Foi Harald Bredesen quem o fez, confessando que se sentia acanhado em fazê-lo. Clem já havia sido mais do que generoso com o Centro. Procurávamos mantê-lo sempre informado acerca do progresso de nosso trabalho, não apenas quando precisávamos de dinheiro; mas penso que quando Clem recebeu o telefonema vindo do Desafio Jovem, a sua reação natural foi colocar a mão sobre a carteira, protegendo-a.

Foi com o filho de Clem que Harald falou pelo telefone, no dia oito de setembro. Conversaram muito, e Harald contou o que já havia acontecido, e agradeceu à família Stone pela sua participação naquilo que já havia sido feito.

Depois, não podendo rodear mais, finalmente chegou ao motivo principal do telefonema.

“Nós precisamos de 15.000 dólares até o dia dez, depois de amanhã”, disse ele, e explicou por quê. “Não sei qual a sua posição no momento, e certamente não vou pedir uma resposta agora. Mas, converse com seu pai, diga-lhe muito obrigado pelo que ele já fez, e vamos ver o que acontece.”

Chegou o dia dez de setembro.

O correio da manhã chegou. Abrimos as cartas ansiosamente, e recebemos muitos envelopes de jovens que mandavam seu dinheirinho.

“Obrigado, Senhor”, disse eu. “Não poderíamos continuar sem estes trocados.”

Mais nada.

***

Chegou a hora do culto da manhã. Estavam todos reunidos, e todos oravam e cantavam. Aqui e ali eu ouvia os jovens ainda agradecendo a Deus pelos 15.000 dólares.

Durante o culto, chamaram-me à porta. Era uma carta expressa. Olhei o carimbo — Chicago, Illinois.

Abri o envelope, e dentro havia um cheque visado no valor de exatamente 15.000 dólares!

Eu nem podia falar, quando levei aquele pedaço de papel para a capela. Fiquei de pé diante da lareira que tinha aquele feixe de trigo esculpido em baixo-relevo. Sem dizer palavra, levantei a mão pedindo silêncio, e quando todos se calaram, Paul DiLena entregou o cheque ao rapaz que estava mais perto de mim.

“Quer mostrar aos outros, por favor?” disse Paul numa voz quase inaudível.

O cheque que Clem Stone agora tem no seu arquivo em Chicago, já compensado, conta a história da maravilhosa operação de Deus entre os jovens de Nova Iorque. O cheque está endossado de forma correta, depositado corretamente, porém, mais do que isso. Se olharem bem para aquele cheque,

verão que está manchado; posso dizer que está sujo, depois de ter passado pelas mãos de duas dúzias de jovens que aprenderam o que é crer. Sem dúvida, haverá sinais de algumas lágrimas também; lágrimas de gratidão a Deus, que age de maneira misteriosa para executar os seus milagres.

EPÍLOGO

Esta história, é claro, está longe de ter chegado ao fim. Diariamente se escrevem novos capítulos na vida transformada de jovens, em toda Nova Iorque. Mas outro volume também está sendo escrito. Esse se refere a Chicago, e não a Nova Iorque. Um novíssimo Centro Desafio Jovem já existe, e está em franca operação naquela cidade. Aprendendo dos nossos sucessos e erros, do nosso projetopiloto aqui, o Centro de Chicago está progredindo.

Como o nosso Centro em Nova Iorque, terá despesas de aproximadamente 50.000 dólares durante o primeiro ano, possuindo saldos bancários de quatorze, quinze e dezesseis dólares. Quando fui a Chicago ajudar no início do Centro, podia ouvir ecos da pergunta de Paul DiLena:

"Onde está o dinheiro, onde estão os livros, quem é o responsável?"

O Espírito Santo é o responsável.

Enquanto ele for o responsável, os programas progredirão. No instante em que tentarmos resolver as coisas pelo nosso próprio poder, fracassaremos.

Esse é o princípio de direção do Centro aqui em Nova Iorque; é o princípio que dirigirá o nosso Centro em Chicago e o que está para começar em Filadélfia, em Boston, Los Angeles e Toronto.

O Espírito Santo é o responsável.

Deveríamos escrever essas palavras nos umbrais de nossas casas. Mas como palavras não podem significar muito, faremos melhor; nós as escreveremos em nossa vida, e na vida de todos aqueles que pudermos alcançar e inspirar com o Espírito do Deus Vivo.

FIM